

JAN VAL ELLAM

A REBELIÃO DOS ELÉTRONS

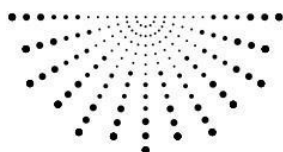
E O CÓDIGO DA VIDA DO CRIADOR

CONECTAR



A REBELIÃO DOS ELÉTRONS

E O CÓDIGO DE VIDA DO CRIADOR



JAN VAL ELLAM



A Rebelião dos Elétrons e o Código de Vida do Criador

Copyright © Jan Val Ellam, 2019. Todos os Direitos Reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistemas de armazenamento em bancos de dados, sem a devida permissão, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos e estudos.

1ª edição - 2018.

Editor: Rodrigo de Paula Pessoa Freitas

Coordenação Editorial: Krysamon Cavalcante

Capa: Luciana Lebel

Revisão: Maria Helena Kummer

Conectar Editora, Distribuidora e Livraria Ltda.

www.conectareditora.com.br | email: info@conectareditora.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E46re

Ellam, Jan Val, 1959-

A rebelião dos elétrons e o código de vida do criador/Jan

Val Ellam. Natal: Conectar Editora, 2018. 186 p., 21 cm.

1. Imanência (Filosofia). 2. Transcendência (Filosofia). 3. Física Quântica - Criação. 4. Universo - Big Bang. 5. Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos (IEEA). I. Título. CDU 133.93

ISBN Ebook: 978-85-62411-53-3

1a. Edição. Natal - RN/2019

SUMÁRIO

[Sinopse](#)

[Introdução](#)

1. [Imanência e Transcendência](#)
2. [Estados Fundamentais da “Realidade”](#)
3. [Visão da Física Quântica sobre a Criação](#)
4. [Noções sobre o “Big Bang” e o Universo](#)
5. [A Fragmentação do Poder Mental da Divindade](#)
6. [As Gunas como Alicerces da Criação](#)
7. [A “Dança dos Elétrons”](#)
8. [Universo prenhe de Energia e de Intenção](#)
9. [O Código-fonte Definidor de Vida](#)
10. [A Vida do CFD de Javé no Ser Humano](#)
11. [A “Criatura Universal”](#)
12. [Relação entre a Mente e os Elétrons](#)
13. [Considerações Estratégicas sobre os Elétrons](#)
14. [“Memórias” para Javé](#)
15. [Questões Essenciais sobre os Elétrons](#)
16. [Evolução do Grau de Afetação dos Elétrons](#)
17. [Início da “Rebelião” Inconsciente no Âmbito dos Elétrons](#)
18. [Depoimento Pessoal sobre a Marcação dos Elétrons](#)
19. [Roteiro do Absurdo Implantado na Criação](#)
20. [Proposta de um Humano Terrestre aos Elétrons](#)
21. [Fases da “Rebelião dos Elétrons”](#)
22. [Significados Profundos da “Rebelião dos Elétrons”](#)

[Sobre o Autor](#)

[Entrevista com Jan Val Ellam](#)

[Guia e Roteiro de Leitura dos Livros](#)

[Por que o IEEA?](#)

[Manifesto Projeto Orbum](#)

[Mais informações](#)

SINOPSE

Dentre as partículas fundamentais da matéria, apontadas pela Física, os elétrons têm uma característica incomum e pouco conhecida: a de hospedar, na sua “intimidade”, as informações produzidas desde o “momento zero” da sua história – que começou alguns segundos após o “*Big Bang*” – até os tempos presentes, e assim será enquanto o universo não finalizar a sua existência.

Os psiquismos das diversas espécies (as mais fortes, as predadoras) da natureza universal que nasceram programadas para liquidar outras formas de vida e, assim, por meio da violência imperativa, manter a “sobrevivência dos mais fortes” como sendo a tônica da vivência inclemente, têm sujado a “existência interior” desses agentes da informação cósmica.

Os elétrons parecem não ter proposição lógica – pelo menos, por enquanto – para questionarem o porquê das coisas serem assim, porém, estranhamente, sobram indícios e evidências de que, algum tipo de premissa neles, não mais suporta acumular marcações de sofrimento e de outras categorias que enfeiam e criminalizam a existência.

Esse tema jamais foi abordado nos cânones da cultura humana, mas, por “urgências e necessidades” ainda desconhecidas para a lógica planetária, tornou-se, agora, imperiosa a sua abordagem. É leitura para gente adulta!

Jan Val Ellam

INTRODUÇÃO

Os tópicos abordados neste livro são, principalmente, baseados nos temas apresentados nas palestras “*A Dança dos Elétrons e o Código da Vida*” e “*A Rebelião dos Elétrons*”, realizadas em São Paulo – SP, em 19 de outubro de 2013 e em 14 de abril de 2018, respectivamente.

Devido ao grau de complexidade do tema e o muito que a ciência terá ainda que caminhar para bem compreendê-lo, não é prudente considerar os contextos apresentados neste livro como verdade, mas apenas como temas para reflexão, porque o que aqui está exposto vai ter que ser modificado, e muito. Assim, os eventuais leitores destas páginas deverão ter toda a prudência antes de tomarem como verdade qualquer dos aspectos aqui tratados.

O tema sobre a “rebelião dos elétrons” talvez tenha sido o mais difícil que eu fui obrigado a divulgar ao longo desta minha vida.

Vamos nos aprofundando cada vez mais em determinados conhecimentos ao concluirmos o primeiro e o segundo graus, um curso superior, um mestrado e um doutorado, e por analogia, a “rebelião dos elétrons” é um assunto equivalente a um pós-doutorado e mal saímos da alfabetização em torno da capacidade de compreensão sobre a matéria.

O que nestas páginas vai ser visto e analisado parece “meio maluco” e não é trivial. Eu mesmo vou ter que consultá-lo algumas vezes, pois, em tese, em próximas vidas, o espírito que me anima, e mesmo outros, ao observarem essa confusa situação, tratada aqui, terão que direcionar os desdobramentos dessas questões. Então, o conteúdo desse livro que, atualmente, nos parece ser um curso de pós-doutorado, será um curso básico para um recomeço de todo um longo processo de entendimento ainda por surgir a partir de um

paradigma também por ser estabelecido.

As apresentações dessas palestras – “*A Dança dos Elétrons e o Código da Vida*” e “*A Rebelião dos Elétrons*” – consistiram em momentos especiais, pois elas foram acompanhadas por centenas de milhões de seres de outros naipes existenciais (extrafísicos), que por necessidade própria, pareciam ansiosos por ouvir sobre esses temas, uma vez que eles mesmos não têm senso crítico para tanto, ainda que sejam mais inteligentes que os humanos no tratamento mental de certos dados. Entretanto, não compreendem o resultado ou mesmo o significado do que estão fazendo. Assim, não entenderam muito bem o que foi exposto porque eles não têm formatação mental para entenderem esses valores que nós, do Instituto de Estudos Estratégicos Alternativos – IEEA, estamos agora elaborando. Eles não têm nem razão filosófica, nem senso crítico do padrão que temos, o que os leva a se esforçarem bastante para compreenderem essas questões decisivas para o futuro tanto do universo antimaterial (paralelo ao que vivemos) em que vivem, quanto do nosso.

Como ninguém mais aprofunda esses temas tratados na “Revelação Cósmica”, inclusive na Espiritualidade – e mesmo que lá falassem, os seres do universo antimaterial não percebem a Espiritualidade –, isso se tornou um “drama moral” para mim, que me vejo obrigado a fazê-lo, ainda que por meio das imperfeições que me marcam a condição humana.

Os anjos-clones de Javé – ou Brahma, ou Alá – não conversam esses assuntos entre eles, e aqui na Terra, infelizmente, pelo menos por enquanto, somente no âmbito do IEEA os mesmos são tratados. Quando nos reunimos para falarmos sobre esses temas, atraímos os seres extrafísicos – do universo antimaterial – que têm interesse em “aprender”, e os exemplos que damos, às vezes, não são suficientemente fortes no sentido mental, para que eles entendam.

Ao se escutar dezenas de músicos tocando apenas um tom, e se observa um som diferente, pois ele destoa dos demais, por analogia, é o que cada pessoa que tem a sua mente vinculada a esses assuntos tratados no IEEA passa a representar para esses seres extrafísicos que a assistem por entre a vibração de sete bilhões de seres humanos terrestres que estão com os elétrons de seus corpos totalmente “infectados” e que não saem desse padrão de “infecção”. Sob essa perspectiva, nós parecemos ser o tom dissonante, o som fora do padrão, mas eles percebem, depois, que a harmonia reside no que no princípio lhes pareceu dissonante. No futuro, certa massa crítica do

“rebanho humano” se perceberá também “fora do ritmo” da “antiga música” embalada pela fé infantilizada, que levava todos a dançarem feito robôs, com a mente fechada para o novo.

E somos nós, desta geração atual de humanos, algumas centenas de pessoas ligadas ao IEEA, que atualmente estamos vivendo esse momento de pico, de ápice, ou o melhor ou pior dos momentos de *stress* extremo, o momento “x”, em que, a partir dele, tudo se modifica – ainda que essas modificações só venham a ser percebidas e decodificadas no futuro. Se nós, dessa humanidade, percebermos o que a chamada “rebelião dos elétrons” já provocou na história humana, do que está provocando e do que poderá provocar, talvez essa “plateia estranha” de seres extrafísicos também o perceba ainda ao tempo de nossas vidas.

Nós ainda não sabemos disso, mas, o surgimento da natureza humana, com as faculdades mentais de expressar senso crítico e de possuir uma “natural razão filosófica” capaz de valorizar as nossas inusitadas emoções, representou um ponto de inflexão que limitou a curva decadente da mediocridade existencial, até então vigente nesta Criação problemática, começando, assim, a possibilidade de se produzir mais complexidade e informação sofisticada, que podem homenagear a vida e alavancar o progresso espiritual de todos os seus agentes. Pena que, apesar da nossa natureza a tanto permitir, vivemos ainda de modo medíocre, encapsulados em “jaulas psíquicas”, produzidas pelas forças que sempre pretenderam nos dominar.

Em termos de conhecimento de como as coisas acontecem, os cientistas da Terra são maravilhosos, e eles já descobriram, por exemplo, como a memória quântica dos elétrons funciona. Eles sabem “como”, mas o que isso significa, a ciência ainda não sabe, porque só se preocupa com o “de que modo as coisas acontecem”. Os filósofos, por sua vez, que deveriam conhecer o significado das coisas, não o sabem porque a Filosofia está quase sem foco no que importa – a busca da verdade.

Na Terra, como os filósofos se desviaram do sentido maior da Filosofia, quem alega saber o significado de tudo são as religiões. Entretanto, as religiões não o sabem porque esse dito “saber religioso” está todo “infectado” pelas atuações dos três primeiros Logos (Brahma, Shiva e Vishnu). A missão de Jesus, inclusive, foi totalmente “infectada” pelo problema da *Trimurti* – que foi um triunvirato formado por esses três Logos, que disputaram, até pouco tempo (2016), a autoria da própria Criação e quem deveria comandá-

la.

Ninguém sabe o significado de tudo o que aconteceu até agora no universo e na Terra, e os que mais se aproximam dessa noção, provavelmente, são os ousados seres humanos, de algum modo vinculados aos temas tratados no IEEA. Se o que a “Revelação Cósmica” vem expondo nos últimos 20 anos for verdade, então, não são os cientistas, nem os filósofos e os religiosos que entendem a razão, o porquê, o significado das coisas, mas sim as pessoas simples que estudaram o que os cientistas, os filósofos e os religiosos pensavam saber. Então, elas acabaram por descortinar muito do que se encontrava oculto e conseguiram elaborar um mínimo de cotas inusitadas no campo da compreensão profunda sobre a realidade que envolve a condição humana.

Alguns temas deste livro são inaceitáveis científica, religiosa e filosoficamente falando, porém, em tese, as pessoas vinculadas ao IEEA os compreendem porque fomos – e estamos – continuamente construindo essa habilidade quando edificamos as nossas sinapses cerebrais e desenvolvemos, no psiquismo espiritual, uma singela capacidade de compreender o que ninguém mais logra fazer.

O que de mais precioso existe no tema sobre a “rebelião dos elétrons” é seu impacto sobre o conjunto de seres vitimados que vivem prisioneiros da Criação de Javé, como os seres extrafísicos que deveriam saber o significado dessa “rebelião” – eles sabem de outras situações, mas não dessa.

Neste mundo confuso, existem muitos homens e mulheres com PhD e Pós-PhD em diversas disciplinas, que são fantásticos e estudaram maravilhosamente bem suas matérias, há filósofos que dedicam a sua vida a estudar, e religiosos que, com toda a dignidade, se entregam para uma fé, e é terrível eles não saberem o que nós, do IEEA, pensamos saber. Parece que nossos espíritos estavam atrelados a esses assuntos tratados no IEEA, e eles e os egos que criaram – que somos nós –, têm condição de entenderem essas questões.

“*Eu ajo certo por caminhos tortuosos*” é uma frase de Javé que nos informa que os caminhos são tortuosos, ainda que esse Ser não aja certo.

O que será exposto não se trata de religião, pois uma parte dos assuntos tratados vem por meio da ciência, ainda que outras também ocorram por revelação dos mentores espirituais, dos seres extrafísicos próximos a Javé e por cognição minha.

No IEEA, no bloco de matérias “*Pluribus Unum*” (“*De muitos um*”), com

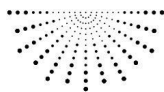
10 itens sobre Javé e os humanos terrestres, o tema “dança dos elétrons” também é abordado. Os itens dos blocos “*Unus Pluribum*” (“*Um a partir de muitos*”) e “*Plus Ultra*” (“*Mais além*”) devem ser vistos na sequência, para melhor compreensão.

Os assuntos tratados nos livros “*O Drama Cósmico de Javé*”, “*O Drama Espiritual de Javé*” e “*O Drama Terreno de Javé*” devem ser vistos antes de tratarmos dos temas sobre a “dança dos elétrons” e a “rebelião dos elétrons”, abordados neste livro, cujo objetivo é semear essas análises para as gerações futuras, de modo que elas se organizem e façam o que acharem que devem fazer a respeito.

Jan Val Ellam

Atlan, 18 de outubro de 2018

IMANÊNCIA E TRANSCENDÊNCIA



PARA COMPREENDERMOS quem ou o que é Javé, o que ele criou, o que surgiu no âmbito da Criação dele, como nós surgimos no processo interno deste universo e o que representa para ele o que nós podemos fazer aqui na Terra, faz-se necessário que nos foquemos em um assunto – a questão da imanência e da transcendência – longamente abordado e analisado nos “*Upanishades*”, que constituem um compêndio filosófico maravilhoso do hinduísmo.

Na literatura hindu, em uma de suas vertentes, há os “*Vedas*” (que são os livros mais antigos), os “*Upanishades*” (que explicam os “*Vedas*” e a Filosofia Vedanta) e os épicos “*Mahabharata*” e “*Ramayana*”, dentre outros.

Os “*Upanishades*”, um dos mais belos conjuntos de obras existentes, traduzem reflexões ocorridas há uns 5000 anos, tão profundas que os homens e mulheres ocidentais destes tempos pós-modernos deveriam se envergonhar por não pensarem nos assuntos que esse compêndio aborda – e aos quais os orientais vêm se dedicando. Contudo, a “culpa” é do sistema educativo ocidental, pois o modo como fomos levados a pensar, torna praticamente impossível que o foco da nossa atenção recaia sobre esse tipo de assunto. Então, primeiramente, temos que compreender os conceitos de “**imanência**” e de “**transcendência**” para, a partir daí, podermos edificar nosso entendimento sobre a “dança dos elétrons”.

“O todo é indivisível mesmo quando dividido, pois a qualidade das coisas não sofre perda, mesmo quando partida”. “Aquilo que é indivisível, mesmo na divisão, deve certamente ser transcendente, mesmo quando é imanente.”

Tudo que há no universo físico acontece porque existe uma imanência de uma estrutura espiritual que dá vida e sustentação a tudo que é material. Ou seja, o corpo de uma pessoa atua e fala porque há um espírito imanente a ele, que o domina, ou melhor, que o tenta dominar, que faz com que ele funcione e que sinais da consciência espiritual de uma alma sejam transmitidos por meio de uma caixa de ressonância – que é o cérebro animal –, de modo que, na mente daquela pessoa, surjam palavras que são expressas pela boca física. Entretanto, aos olhos dos outros seres humanos, todo esse processo faz parecer que ela está falando, quando, na verdade, é o espírito dela que está se expressando através do cérebro físico, fazendo com que isso aconteça nesta faixa de realidade física, ainda que não possam perceber o espírito dela porque, **mesmo ele estando imanente ao seu corpo, ele é, ao mesmo tempo, transcendente a esta realidade.**

O Deus Verdadeiro – o Incognoscível, o Pai-Mãe Amantíssimo, a Deidade –, o único Ser a quem, de fato, deveríamos chamar de “Deus”, é Nele e Dele tudo o que existe em qualquer nível de Criação. Tudo vem Dele e é Ele que estrutura tudo, pois que dá, de Si, mônadas espirituais que funcionam como a **imanência primária** de tudo que, a partir dessa imanência, passa a existir. Todavia, nada do que existe (nenhum corpo) em níveis transitórios – como esta Criação –, mesmo tendo imanente a si a **componente espiritual** que lhe dá a vida, **consegue perceber essa imanência, porque ela é transcendente.**

A Deidade deu de si almas, e essas nossas almas estão imantadas aos nossos corpos, porém como nossos olhos só veem aquilo que a nossa mente está projetada para que ela compreenda e os nossos olhos possam assim ver o que ela já comanda e que deve ser percebido, **nós somos condicionados a só percebermos o que está materializado via imanência do espírito.** Entretanto, a Deidade e as almas que ele emprestou a cada coisa material que existe são transcendentais, apesar de estarem imanentes, ou seja, imantados a tudo que existe. Ou seja, o Deus Verdadeiro deu de si o espírito para que cada ser possa viver, mas **Ele é transcendente a todas as faixas de realidade que surgiram a partir da sua doação amorosa.**

Os espíritos que estão na Espiritualidade não veem o Deus Verdadeiro, mas Ele está no íntimo deles, do mesmo modo que o sal dissolvido na água estará presente em cada gota/molécula dessa água salgada, ainda que não

possamos vê-lo, ou seja, o sal está imanente, mas também está transcendente porque nós não o vemos a olho nu.

Há ainda outro tipo de imanência e outro tipo de transcendência em um nível mais baixo, referente a esta Criação, que tem a ver com Javé e conosco. Os nossos corpos físicos estão congregados num tipo de corpo individualizado, aparentemente, e funciona através de um ego que particulariza cada um de nós. Reside na base estrutural física do nosso corpo uma outra imanência – agora, não falo da **imanência espiritual** –, que eu estou nomeando de “**imanência mental**”, porque uma certa mente decidiu, por si mesma, criar e, em criando, **repassou um código de vida que está encapsulado num tipo de imanência que ele estabeleceu**, a exemplo do Deus Incognoscível que fez com que almas individualizadas ficassem imantadas às porções individualizadas de matéria. Então, a outra imanência é o Criador “caído” (Javé, Brahma, Alá), que nos legou esses corpos, e que também é transcendente por estar no nível astral – no universo antimaterial, paralelo ao nosso –, que, normalmente, não podemos ver.

Javé fez com que a sua condição pessoal fosse a base da edificação dos corpos materiais e o repasse desse processo está imantado no DNA (ver a nota 1) de cada um de nós. Então, todos os DNAs que existem na Terra vieram de uma única molécula de DNA que aqui surgiu há 3,8 bilhões de anos – essa molécula, com 3 a 5% de ativação da sua capacidade de sintetizar as proteínas necessárias à produção dos corpos biológicos, também foi “semeada” em outros mundos, além da Terra –, e ela está imantada em cada um dos nossos corpos, porém o Ser que a criou e que a fez ser repassada para todos os corpos vivos da natureza terrestre, permanece transcendente à nossa capacidade de observação. Nós não o vemos não porque ele seja Deus, mas porque ele está no universo antimaterial, que nós, normalmente, não percebemos, enquanto ele nos percebe.

Nota 1: DNA, sigla do ácido desoxirribonucleico, é uma molécula orgânica constituída por nucleotídeos, e contém as instruções genéticas – na sequência de suas bases nitrogenadas – dos seres vivos da Terra e de alguns outros mundos.

Nós vivemos em um universo holográfico e tudo no contexto deste universo tem característica holográfica. O modo como a natureza registra informações é holográfico. O postulado da holografia pressupõe o fato de

que, em cada uma de todos os trilhões de células que compõem o nosso corpo, há 23 pares de cromossomos (ver a nota 2), e cada cromossomo tem DNA. Então, é um número imenso de moléculas de DNA que o nosso corpo possui, e cada DNA desse mostra uma “carteira de identidade genética”, distinta para cada pessoa. Testes de DNA podem indicar a paternidade ou apontar uma pessoa envolvida em um crime, devido ao padrão único que o DNA de cada ser humano tem. Existem mundos em que a “carteira de identidade” de um determinado ser é o seu genoma (ver as notas 3 e 4), que é único.

Nota 2: Nos núcleos das células eucarióticas, a molécula de DNA está empacotada em estruturas semiordenadas (sob a forma de fio agregado a proteínas estruturais, as histonas), chamadas cromossomos, que são geralmente maiores e mais complexos do que os cromossomos das células procarióticas (que não possuem núcleo celular e seu material genético está disperso no citoplasma).

Nota 3: Genoma é o conjunto de todos os genes de um ser vivo, que define como esse ser vai se desenvolver e funcionar. O genoma humano consiste na soma da sequência dos 23 pares de cromossomos que se encontram dentro do núcleo de cada célula diploide do corpo humano, com o pequeno e distinto grupamento de DNA mitocondrial, que ocorre nas mitocôndrias – organelas presentes no citoplasma das células eucarióticas, e responsáveis pela produção de energia. O genoma humano é constituído por 25.869 genes que codificam todas as proteínas humanas, com exceção daquelas codificadas pela mitocôndria.

Nota 4: Genes são comumente definidos como trechos de DNA que contêm instruções que são copiadas para o RNA (ácido ribonucleico) e transformadas em proteínas. Entretanto, muitos cientistas expandiram essa definição incluindo outros trechos de DNA que produzem RNAs que, em vez de serem transformados em proteínas, têm outras funções na célula – neste caso, nem todos os genes produzem proteínas.

Todo o universo funciona de modo holográfico porque o código de vida do universo está presente em todas as suas micropartes. Portanto, o todo é indivisível, e mesmo quando dividido, mantém-se registrado, de modo fidedigno, em cada uma de suas micropartes. O todo sempre está em suas micropartes, o que faz com que tudo o que o universo precisa, esteja em cada um de nós. Cada ser tem, holograficamente falando, todas as “chaves” – refiro-me ao DNA – para abrir qualquer “porta” das “cavernas astrais” do universo adjacente ao nosso, ou seja, para abrir qualquer portal para as moradas ou *lokas* do universo antimaterial, ainda que nada saibamos sobre isso. O problema é que tudo indica que os seres aprisionados nesse universo vizinho sabem disso!

Em cada ser humano e em cada ser cósmico está encapsulado o todo universal, sendo que cada um de nós é uma microparte – do mesmo modo que um fio de cabelo de alguém é parte dessa pessoa, e nesse fio está o DNA dela.

Portanto, **há a imanência do espírito e a imanência de ordem mental.** A **imanência espiritual**, que dá estrutura ao mundo material, é promovida pelo Pai-Mãe Amantíssimo, que doa de Si as mônadas espirituais, e tem a ver com nossas almas e com a relação que elas têm com esse Deus Incognoscível. A **imanência mental**, que define a programação dos “organismos vivos”, que se organizam a partir da herança de um DNA comum, é desdobramento da herança do código-fonte definidor de vida – CFD (ver a nota 5) do Criador deste universo, ou seja, ela tem a ver com a Mente Criadora e os corpos que ela gerou.

Nota 5: Código-fonte definidor de vida (CFD) é o termo usado, na Espiritualidade, para nomear as instruções definidoras dos seres vivos em geral – terrestres, extraterrestres e extrafísicos. No caso da Terra, o CFD é o DNA.

Essas duas imanências (mental e espiritual) são transcendentais à condição humana de percebê-las, ainda que a imanência mental possa ser percebida em condições especiais – aqui me refiro a Enoch, escolhido de Javé, que foi levado por ele ao universo antimaterial (o *Brahmaloka*) na época em que os portais, que ligam os dois universos, ainda estavam abertos, e também quando um espírito liberto desta Criação, encarnado em um corpo humano terrestre, se desdobra e é levado ao *Brahmaloka*.

As imanências espiritual e mental se referem, respectivamente, à natureza espiritual das nossas almas – ao espírito que Deus nos deu –, e à natureza animal dos nossos corpos. Na natureza espiritual de nossas almas está a presença do Pai-Mãe Amantíssimo – a “semente” da Deidade reside em nós, e por isso que é dito que o “Sagrado” habita o íntimo de cada um de nós, mas na perspectiva do nosso corpo espiritual. Já na parte física, o jeito de ser de Javé também está registrado no nosso corpo animal através do CFD – mais especificamente, através do DNA, no caso da Terra –, que marca todos os corpos que surgiram no âmbito interno deste universo.

Segundo os “*Upanishades*”, nós só podemos perceber essas imanências de modo indireto, quando olhamos para nosso corpo e procuramos entendê-lo. Então, quando evoluímos um pouco mais, a ciência percebeu que há um código de vida – o DNA – que está presente em todas as células dos nossos corpos. O DNA define a identidade genética de cada um de nós, respondendo por muito do que cada personalidade constrói, porque **não há uma única atitude mental que surja na nossa mente que não modifique instantaneamente o nosso DNA a cada segundo.**

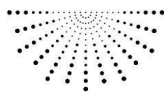
Contudo, o nosso DNA é uma molécula feita de elementos químicos, e esses são formados pela junção de átomos, que possuem um núcleo atômico formado por prótons e nêutrons, com elétrons “orbitando” ao seu redor. Entre os prótons, nêutrons e elétrons, apenas esses últimos memorizam tudo, desde o “momento zero” da Criação feita por Prajapati (ou Prabrajna) – que caiu na própria Obra e se reconstituiu como Javé ou Brahma, ou ainda Alá – e, na **“dança dos elétrons” em torno dos núcleos atômicos, está todo o processo de modificação** que, a cada instante, fazemos no nosso DNA, a cada atitude mental que temos. E nesse **repasso que automaticamente fazemos para a Mente Poderosa – Javé – que criou esses DNAs, está um “jogo” que é sustentado pelo amor insistente do Pai-Mãe Amantíssimo**, que é transcendente a tudo isso e imantado a absolutamente tudo que existe em termos de “jogadores” dessa grande “peleja” da existência.

Devido a esse “jogo” foi que me vi obrigado a publicar o livro **“Favor Divino”** que procura explicar o aspecto desagradável dos nossos espíritos se encontrarem prestando esse tipo de “favor”, que é o de portarem neles o código da “doença pessoal” do Criador decaído, pois que ele, por si mesmo, há muito se encontra incapaz de curar-se. Assim, outros passaram a existir como “hospedeiros” da sua “doença”, de modo que, ao sentir o incômodo dessa nos seus “próprios corpos”, pudessem usar da criatividade evolutiva

possível para superá-lo. Assim, em nos “curando” por meio do que chamamos “evolução espiritual”, na verdade **estamos tão somente repassando as novas sequências genéticas reparadoras para o Ser decaído e falido.**

Os dois processos de imanência traduzem, em última instância, perante a lógica terráquea, a transcendência dos dois Autores ou Agentes da Vida em relação às faixas de realidades por eles geradas.

ESTADOS FUNDAMENTAIS DA “REALIDADE”



PARA PERCEBERMOS JAVÉ, os elétrons e a “dança” deles, o código de vida que surgiu, e nos entendermos, precisamos, pelo menos, ter uma leve compreensão do que, na minha perspectiva pessoal, chamo de “estados fundamentais da realidade”, ou seja, os estados pré-quântico, quântico e colapsado.

2.1. ESTADO PRÉ-QUÂNTICO

Antes da existência deste universo, segundo os cientistas, era o “vazio”, e o estado pré-quântico seria, então, esse momento em que nada existia em relação ao nosso universo. Entretanto, os espíritos dizem que a Espiritualidade já existia, pois no “*Livro dos Espíritos*” e nas antigas tradições da Terra está registrado que a chamada **“Espiritualidade Superior” é atemporal, ou seja, ela sempre existiu** e, por isso, nunca teve um início e nunca terá um fim. Esse **também é o caso do Deus Incognoscível**.

Nós, os seres humanos não conseguimos compreender algo que não teve um início porque nossos cérebros foram programados para somente entender processos que um dia tiveram um começo e que, em algum momento, terão um fim. Até entendemos uma coisa que não vai ter fim porque ao esticarmos nosso entendimento, podemos imaginar o seu perene desdobramento desde que não exista uma entropia que o limite, porém sem ter tido um começo, nós não conseguimos. Sob essa perspectiva, os espíritos afirmam que houve um momento, na “periferia” da Espiritualidade Superior, em que um Ser

idealizou um “projeto” que ficou na sua mente – tal qual ficamos com fixação em nossos planos e ideias. Para a lógica humana, estou chamando esse momento de “**estado pré-quântico**”, quando uma Divindade menor sonhou em criar uma realidade para “homenagear” o Pai-Mãe Amantíssimo, e idealizou esta Criação.

Os cientistas não sabem o que ocorreu antes do “*Big Bang*” (ver a nota 6) – ainda que atualmente já tenham proposto a teoria do choque de membranas –, mas o que estou revelando é muito difícil de ser assimilado por mentes científicas porque parte de uma premissa – a de que existem diferentes níveis de colapsos com suas respectivas faixas de realidade, todas elas produzidas a partir da Espiritualidade Superior, que é atemporal – que elas supõem religiosa, mas não é.

Nota 6: A teoria do “*Big Bang*” – anunciada em 1948 pelo cientista russo e naturalizado estadunidense George Gamow (1904–1968) e o padre e astrônomo belga Georges Lemaître (1894–1966) – foi baseada na teoria da relatividade do físico e matemático alemão Albert Einstein (1879–1955) e nos estudos dos astrônomos estadunidenses Edwin Hubble (1889–1953) e Milton Humason (1891–1972), que demonstraram que o universo se encontra em constante expansão.

No estado pré-quântico, a Mente Criadora “programou as possibilidades” ainda sem projetar a sua “matriz modeladora” de faixas de realidades locais.

2.2. ESTADO QUÂNTICO

O fato é que os cientistas conseguem retroceder até o momento em que se deu a tal “singularidade” – que era de um tamanho “bem menor” que o pingô da letra “i” –, que teria surgido do nada, e esse momento é chamado por eles de “estado quântico”.

Todo o projeto que existia na mente da Divindade, no momento em que ela o expressou através de seu poder mental, gerou uma singularidade “para fora de si mesma”, que passou a vibrar, e nela estava contido o conjunto das possibilidades do seu projeto mental, ou seja, a “onda de possibilidades” ou, em outras palavras, a “massa modeladora” da realidade que a tal Divindade desejou criar.

Então, no **estado quântico**, o Cocriador – Prajapati ou Prabrajna – “emana”, a partir da sua mente, a “expressão da singularidade” ou “matriz modeladora de realidades”, que é, na verdade, uma gama infinita de ondas de possibilidades.

2.3. ESTADO COLAPSADO

Quando a singularidade começou a se expandir, o mundo material – esta faixa de realidade universal na qual estamos – é chamado de “**estado colapsado**” ou “**estado pós-quântico**”, ou seja, o nosso universo é algo já colapsado, que emergiu a partir do estado quântico.

Dentre as muitas possibilidades que poderiam existir, foi este universo que a Divindade criou, e esta faixa de realidade permanece vibrante à “matriz modeladora” porque nós, as criaturas-ferramentas, mantemos esta faixa de realidade viva uma vez que nós acessamos esta matriz e a retroalimentamos – mesmo sem notarmos como ela funciona – a cada momento.

Todo o universo material se desmaterializa e se materializa bilhões de vezes por segundo, mas nós não notamos essa situação porque nosso cérebro também sofre esse mesmo processo, que é o “jogo” da “dança dos elétrons” – alternam-se matéria e energia, conforme a equação de Einstein “ $e = mc^2$ ” (ver a nota 7).

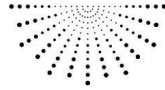
Esse “jogo” de matéria se transformando em energia e energia em matéria, desde o impulso inicial que surgiu logo depois do estado quântico que colapsou o conjunto de possibilidades em algo concreto, até hoje funciona, e só acabará no final deste universo. Os cientistas sabem que o universo vai acabar em algum momento, daqui há bilhões de anos.

Nota 7: Na equação de Einstein “ $e = mc^2$ ”, “ e ” é a energia (em joules), “ m ” é a massa (em quilogramas) e “ c ” é a velocidade da luz no vácuo (que é uma constante igual a 299.792.458 metros/segundo).

Portanto, no estado colapsado, surge a faixa de realidade material conhecida por nós como “universo”, que se constitui a partir da “dança dos elétrons”. Contudo, não foi somente o nosso universo que emergiu do estado quântico anterior pois, devido à “queda” da Divindade Cocriadora no âmbito da própria Criação, a sua mente improvisou um universo paralelo ao que

vivemos, e nele se reconstruiu e passou a residir.

VISÃO DA FÍSICA QUÂNTICA SOBRE A CRIAÇÃO



A VISÃO clássica da Física Quântica sobre a Criação Universal diz: *“Um Observador cria um colapso dentro de um mundo de possibilidades e, de um trilhão de possibilidades, Ele escolhe uma, ou seja, Ele colapsa aquela onda de possibilidades que vira uma faixa de realidade.”*

Visão Clássica:

Observador ➡ Colapso ➡ Faixa de realidade

Então, a visão clássica da Física Quântica sobre o nosso universo diz que um “Observador”, ao considerar inúmeras ondas de possibilidades, optou por uma delas, e essa uma se tornou esta faixa de realidade em que vivemos. Nesse ponto, serei forçado a acrescentar que um “Observador”, ao criar a sua “massa de modelar” representada pelas citadas inúmeras ondas de possibilidades, delas fez emergir a que se alinhava com o seu plano mental anterior, que veio a se transformar na faixa de realidade na qual vivemos.

Devido a uma ordem de problemas, difícil de ser aqui retratada, o seu corpo mental foi inexoravelmente atraído pelo “empuxo” do que foi problemática e inadvertidamente criado no campo do que chamamos de “material” e, ao fazê-lo, ainda teve força mental suficiente para retirar da “massa quântica de modelar realidades”, um viés “antimaterial”, para nele poder se inserir e se reconstruir.

É como se houvesse um “mar” de “massa de modelar quântica de energia”, e quando “Essa Consciência” escolheu um tipo de possibilidade entre trilhões, esse se tornou a faixa de realidade, o mundo material, em que

vivemos.

A “teoria das cordas” diz que, se “alguém” toca um “violão” e prende a “corda do violão” com um dedo, sai um “som”. Então, esse “alguém” é o “Observador”, a “corda do violão” é a “energia que foi escolhida para tocar aquela nota”, e o “som” que sai é a “vibração que se cria” fazendo a energia se transformar nas menores partículas materiais (**partículas elementares ou fundamentais da matéria**) que são os prótons, nêutrons, elétrons, fótons – e essa “família” pode ainda aumentar com o avanço perceptivo da ciência. O detalhe é que também existe a “família” das antipartículas. Por isso é que o conceito *brahmânico* de “*nadabrahma*” quer dizer “tudo é som”, e é também por isso que Pitágoras trabalhou com a musicalidade como a base da matemática, que tudo cria. Como “tudo é som”, a força dos *mantras* (ver a nota 8) teria criado o nosso universo e outros tantos, sob a perspectiva védica.

Nota 8: *Mantra* é a execução de sons de modo repetitivo, visando conduzir a mente de quem os expressar.

Os cientistas sabem que tudo é som, ou seja, a energia vibrou porque “Alguém” fez com que ela vibrasse daquele jeito e, aí, surgiram as partículas elementares (ver a nota 9). Quando três quarks se juntam formam um próton ou um nêutron, e eles só se juntam porque os glúons funcionam como uma espécie de cola (ver a nota 10).

Nota 9: A matéria é composta por partículas elementares – os férmions e os bósons. Os férmions são as partículas básicas do átomo, compostos por quarks (*up*, *down*, *charm*, *strange*, *top* e *bottom*) e léptons (elétron, múon, tau e neutrinos). Os bósons (fóton, glúon, bóson Z, bóson w e bóson de Higgs) são partículas transportadoras de forças de contenção que unem as partículas atômicas e subatômicas. Os quarks *up* e *down* possuem as menores massas entre todos os quarks.

Nota 10: Os hádrons (bárions e mésons) são partículas compostas que formam o núcleo atômico. Prótons (constituídos por 2 quarks *up* + 1 quark *down* = uud, cada um) e nêutrons (constituídos por 1 quark *up* + 2 quarks *down* = udd, cada um) são bárions. Píons, káons e

antibárions são mésons.

Quando prótons e nêutrons se juntam pelas forças nucleares fortes e fraca, formando um núcleo atômico, e léptons – elétrons, especificamente – se agregam a esse núcleo atômico formado, surge um átomo (ver a nota 11).

Nota 11: O elétron tem carga eletromagnética relativa = -1 . Como os quarks *up* e *down* têm cargas eletromagnéticas relativas iguais a $+2/3$ e $-1/3$, respectivamente, o próton ($uud = +2/3 + 2/3 - 1/3 = +1$) tem carga eletromagnética relativa = $+1$, e o nêutron ($udd = +2/3 - 1/3 - 1/3 = 0$) tem carga eletromagnética relativa = 0 (nula).

A partir do átomo de hidrogênio (ver as notas 12 e 13) surgiram os demais átomos que existem no universo. E para que o átomo de hidrogênio surgisse, foi preciso uma “Consciência” planejar esse surgimento, fazer vibrar essa energia de tal modo que essa vibração produzisse as partículas elementares (quarks, glúons e léptons).

Nota 12: Um elemento químico é constituído por um conjunto de átomos que apresentam o mesmo número atômico, ou seja, a mesma quantidade de prótons em seu núcleo.

Nota 13: Isótopos são átomos de um mesmo elemento químico que possuem o mesmo número atômico (ou seja, o mesmo número de prótons), mas têm massas atômicas (ou seja, a soma da quantidade de prótons e nêutrons do núcleo atômico) diferentes. Existem 3 isótopos do átomo de hidrogênio: o hidrogênio (^1H), que possui 1 próton, portanto tem massa atômica igual a 1; o deutério (^2H), que possui 1 próton e 1 nêutron, portanto tem massa atômica igual a 2; e o trítio (^3H), que possui 1 próton e 2 nêutrons, portanto tem massa atômica igual a 3.

A música é moldada pela “Consciência do Observador”, tocada no “instrumento da matriz quântica” que criou o “som” que se transformou no átomo de hidrogênio. É isso o que a ciência diz!

O neutrino – um tipo de lépton, portanto uma partícula extranuclear – é uma outra opção da matéria vir da energia de Brahma. Os cientistas acham – ainda não é provado pela ciência – que o neutrino é produto dessa massa de energia, quando uma “Consciência” “toca” do outro lado.

A visão clássica diz que o “Observador”, dentre milhões de opções, escolhe uma, vibra sobre a “massa de modelar” e cria, então, uma faixa de realidade. Dizendo isso de outro modo, vamos substituir a palavra “Observador” por “Consciência”, que cria um colapso entre as muitas opções, e aí surgem as partículas elementares (quarks, glúons e léptons). Esse é o modelo clássico.

Visão Clássica:

Consciência ➡ Colapso ➡ Partículas Elementares (Faixa de Realidade)

O que os cientistas ainda não sabem é se neutrinos e outras partículas surgem a partir desse primeiro “toque”, ou se elas são produzidas dentro do desdobramento dessas partículas elementares iniciais.

A visão avançada sai do âmbito da ciência, pois se acrescenta outras visões mais profundas, que dizem que um “Pensamento” escolheu colapsar a energia de tal modo, que surgiram quarks, glúons e léptons, e a partir de todos os quarks e outras micropartículas, é que esse “Pensamento” criou o universo como nós conhecemos.

Visão Avançada:

Pensamento ➡ Colapso ➡ Partículas Elementares

Temos, então, uma “massa energética de modelar”, o mundo espiritual, e os dois universos (o material e o antimatéria).

Os cientistas não aceitam essa visão avançada. Eles somente aceitam a visão clássica porque, se aceitarem a visão avançada, terão que admitir “Alguém” por trás da Criação – eles não querem entender que o “Observador”, da visão clássica, também pressupõe “Alguém”.

O “jogo” entre energia e matéria se dá através da informação consciente, contida na energia sendo repassada à matéria, para ser retrabalhada e voltar a ser energia. A ponte quântica aqui é uma espécie de “chip”, conhecido na Espiritualidade como “Código-fonte Definidor de Realidade – CFDR”.

O interessante é que, se o universo material se forma a partir do imaterial, ou seja, da energia, e se efeitos inteligentes só podem ser derivados de causas inteligentes, deveria ser algo óbvio a confirmação de alguma “Superinteligência” por trás desse processo. Contudo, os eternos “doutores da lei” dos muitos campos da ciência moderna não pensam assim! Quando pensam, imaginam qualquer coisa, mesmo absurda, mas essa opção de uma “Superinteligência” eles não admitem. Perante os fatos e as evidências, começo a desconfiar que alguns cientistas criaram, sem o perceber, uma “religião mais religiosa” – desculpem o pleonasma absurdo – do que a que sempre criticaram, por não atentarem na questão de atestarem os fatos. Quem hoje fecha os olhos para os próprios resultados matemáticos e para as demais evidências parece serem os cientistas, baseados na “irremovível fé” deles de que um Criador não pode existir, ainda que o “Observador”, da Física Quântica, os constranja a cada novo experimento realizado pelo “avanço” científico.

Para um observador sagaz em torno da questão, tornaram-se até engraçadas ou tragicômicas as ficções sem bases científicas que os próprios cientistas inventam para substituir a figura do “Observador”.

Platão costumava criticar os “materialistas” pela sua pobreza de argumentação ao sustentarem o primado do material sobre o espiritual ou mesmo sobre o “lado mental das coisas”. Para os “materialistas”, a própria natureza e/ou o acaso estão por trás da geração da nossa realidade. É como se a “natureza dos processos” fosse “filha do acaso”. Platão afirmava que mente e propósito geravam e regulavam as coisas por aqui, já que pensamento, criação, mente e lei surgem primeiro do que entendemos como sendo material. É o primado da consciência, via mente, que dá substancialidade à matéria. Nos tempos presentes, foi exatamente esse primado da consciência que a Física Quântica constatou!

O problema é que, tendo o mundo material vindo da energia, nada pode existir nele caso essa não tivesse sido provocada por “Alguém” capaz de criar tudo que constatamos. Tem sido impossível, para os cientistas, estabelecerem esse “Alguém”, pois existe muita discordância entre eles, que, como já ressaltado, inventam de tudo para colocar no lugar desse “Observador”, menos uma “Mente” ou uma “Consciência”.

A visão avançada responde por que **a mente do Criador “caído” na própria Criação se transformou em elétrons. Sim, os elétrons que vemos hoje representam a mente despedaçada do Criador decaído, e tempo virá**

em que a ciência vai ter o seu “choque de realidade” em torno dessa questão.

Do mesmo jeito que se toma de um “Lego” para montar, a peça de “Lego”, caso fossemos construir o universo, seria o átomo de hidrogênio.

O átomo de hidrogênio é tudo, e ele está em tudo. Explicando de maneira simples, quando surgiram os átomos de hidrogênio, eles foram se juntando, formando uma massa de gás, e para cada 4 hidrogênios, comprimidos nessa massa, que se encontraram, criando algo chamado “fusão nuclear”, produziu-se o hélio (ver a nota 14) e, assim, as estrelas se formaram. Estrelas são compostas por hidrogênio queimando o tempo todo, produzindo hélio, e cada estrela tem um tempo de vida. Do mesmo modo que ao enchermos o tanque de um carro podemos percorrer até uma certa distância, e o veículo para, por ter acabado o combustível, as estrelas, quando se formaram, estavam com o “tanque cheio” de hidrogênio, e não tendo como capturar mais, então, elas vão queimando ao longo dos bilhões de anos, enquanto houver hidrogênio.

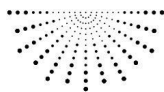
Nota 14: O átomo de hélio (He) possui isótopos, como o ^3He (cujo núcleo atômico é formado por 2 prótons e 1 nêutron) e o ^4He (cujo núcleo atômico é formado por 2 prótons e 2 nêutrons). Nas estrelas, por fusão nuclear, dois átomos de hidrogênio (^1H , cujo núcleo atômico possui 1 próton, cada) formam um átomo de deutério (^2H , cujo núcleo atômico possui 1 próton e 1 nêutron), liberando um pósitron e um neutrino. Esse átomo de deutério (^2H) reage com outro átomo de hidrogênio (^1H), liberando raio gama e formando um átomo de hélio, o ^3He . Por fim, dois átomos de ^3He reagem entre si, formando um átomo de ^4He (cujo núcleo atômico é formado por 2 prótons e 2 nêutrons) mais dois átomos de hidrogênio (^1H). Portanto, na formação de um átomo de hélio (^4He) foram necessários seis átomos de hidrogênio (^1H), mas apenas quatro deles foram gastos, pois dois foram liberados.

O Sol, do nosso sistema solar, tem uma previsão de existência de 10 bilhões de anos, e como ele já existe há 5 bilhões de anos, ainda lhe restam uns 5 bilhões de anos para queimar.

É assim que as coisas funcionam! Entretanto, esta Obra só surgiu porque teve um “Pensamento” que a definiu. O detalhe é que esse “Pensamento” a

definiu antes dela ser criada, porque o que foi criado já trouxe consigo as suas leis. Então, o “Pensamento” teria que ser preexistente a esta Criação. De maneira similar, o “Observador” – estabelecido segundo a visão clássica da Física Quântica – também teria que ser preexistente a esta Criação.

NOÇÕES SOBRE O “BIG BANG” E O UNIVERSO



ALGUMAS NOÇÕES SOBRE O “*BIG BANG*” e o universo são fundamentais para entendermos como elas se relacionam com a mente de Javé e o que isso tem a ver conosco, e com quando os elétrons surgiram.

A ciência afirma que o universo surgiu há 13,8 bilhões de anos, a partir de uma singularidade que consistiu numa grande liberação de energia cósmica – o “*Big Bang*” (ver a nota 6), que não é exatamente uma “grande explosão”, mas uma “grande expansão” a partir de um ponto ínfimo, com densidade e temperatura “infinitamente” altas –, que criou o espaço e o tempo. Portanto, o “*Big Bang*” aconteceu há 13,8 bilhões de anos, segundo os cientistas, quando nada existia e surgiu essa singularidade, “bem menor” que o pinga de um “i”, que começou a se expandir desde o momento zero, criando o universo.

Os cientistas sabem como universo foi criado mas não sabem por que ele foi criado.

A grande questão do que aconteceu após o “*Big Bang*”, segundo os cientistas, consiste na evolução da simplicidade da “sopa de quarks” à complexidade que vemos atualmente nas galáxias, estrelas, planetas e na própria existência da vida. Durante bilhões de anos, essas características emergiram uma a uma, guiadas pelas leis fundamentais da Física.

Em um dos livros do Antigo Testamento da “*Bíblia*”, a maneira como Javé tinha para explicar aos homens que viveram há uns 20 mil anos era dizer que o Criador fez tudo apropriado – “*Ele fez tudo apropriado ao seu tempo*” (Eclesiastes 3:11) –, que cada coisa evoluiu da simplicidade para a complexidade.

Cada coisa que observamos já inteira no universo, surgiu a partir de uma

“pontinha” de uma vibração, até que originou algo material. Como surgiu o universo, como surgiu a vida no âmbito interno do universo, e como surgiu a inteligência, a mente pensante, no âmbito da vida aprisionada neste universo são as três grandes questões que a ciência considera. Quanto à primeira pergunta, a ciência vem respondendo de uma maneira ou de outra. A “Revelação Cósmica” também é mais uma tentativa de responder como e por que o universo surgiu. As outras duas perguntas, só poderão ser respondidas com o avanço científico, e só compreendendo a evolução da simplicidade para a complexidade, porque nós, seres humanos, apesar das “besteiras” que fazemos enquanto espécie, somos seres extremamente complexos.

Para se ter uma ideia dessa complexidade, a retina do olho humano é um “computador quântico” assentado numa leve camada de átomos que faz um processamento, e ninguém sabe explicar como ela surgiu ou como atualmente funciona. Tudo o que a Biologia consegue entender é que, depois que ela surgiu, os nossos ascendentes *Australopithecus* olhavam bem no meio das árvores, e como eles queriam enxergar os frutos maduros, se esforçavam para ver e, então, essa retina foi adquirindo característica de *zoom* óptico. Ela é um produto da evolução da simplicidade para a complexidade, que deve ter sido elaborada fora da Terra, e foi trazida para cá e acoplada, em algum momento, ao processo evolutivo dos seres vivos da natureza terrestre.

No momento do “*Big Bang*”, tudo estava no mesmo lugar, ocupando um espaço “bem menor” que o pingo de um “i”. Fora desse “ínfimo pingão”, não havia nada. E ainda não há, pois o que chamamos de universo, continua sendo somente a parte interna do que surgiu com o “*Big Bang*” – as noções quânticas mexem com a nossa cabeça. Este imenso universo visto por quem está fora dele, ou não é nada ou é “bem menor” que o pingão do “i”, então, só ele aplicando o seu “zoom espiritual” para ver que tem no “ínfimo pingão” toda esta realidade – que é grande, fantástica, majestosa e complicada para quem está aqui dentro – pois, para ele, não houve nada. Para nós, o nosso universo se expandiu, mas para quem está fora é uma expansão que não aconteceu, pois é como se ele coubesse dentro de uma “gaveta de um escritório de uma sala da periferia” da Espiritualidade. Além do que, **esse tipo de experimentação é sempre feito com uma “cláusula de seguro” para os seres que vivem na faixa de realidade de onde os tais experimentos são realizados e que corresponde ao que compreendemos como “blindagem”. Em outras palavras, o que ocorre lá dentro, fica por lá mesmo, sem “infectar” o nível original.**

Não é muito agradável saber disso, pois somos os agentes que trabalham dentro da condensação da Criação problemática sem que disso o saibamos, e quem está fora parece pouco ou nada poder fazer pelos que estão “mergulhados em pleno sacrifício” – novamente a questão do “Favor Divino”, ainda que tenhamos a fé de que alguém cuida de cada um de nós. Que seja!

Após a grande expansão inicial – o “*Big Bang*” –, que não aconteceu nem no vácuo, nem em lugar nenhum, houve os seguintes “micromomentos pontuais”:

- 10^{-43} s: Considerado o “tempo de Planck”, que é o tempo mais antigo com algum significado e constitui o limite até onde chegam atualmente os conhecimentos teóricos científicos em relação ao início da Criação. É o menor microtempo possível que faz sentido para o nosso método científico. O “tempo de Planck” não se confunde com o acontecimento do “*Big Bang*” porque, apesar da diferença ínfima de tempo, transformações significativas ocorreram entre esses dois momentos. Nesse ponto, espaço e tempo tomam forma, e o universo inteiro consistia de uma região de um trilionésimo do tamanho de um próton.
- 10^{-40} s a 10^{-34} s: Fase breve na qual o índice de expansão inicial aumenta exponencialmente, conforme propõe o “modelo inflacionário” de Guth.
- 10^{-35} s: A “inflação cósmica” cria um grande e homogêneo trecho de espaço preenchido por uma “granulosa sopa” de quarks, léptons e os carregadores de força (os fótons, os bósons W e Z e os glúons). Essa “sopa” contém os constituintes básicos da natureza, ou seja, as primeiras partículas elementares foram surgindo com a conversão da energia em matéria. Os quarks, de diferentes tipos, foram os primeiros a aparecer, entretanto, as partículas de energia chamadas “glúons”, responsáveis por “colar” quarks e formar prótons e nêutrons, não atuavam direito e, portanto, tudo o que até aqui existia era a tal “sopa” de quarks e glúons (ver a nota 15).

Nota 15: Essa “sopa” de quarks e glúons, esse estado bizarro da matéria, foi recriado por uma fração mínima de segundo no

Laboratório Nacional Brookhavem, nos EUA, em 2005.

- 10^{-34} s: Fim do “período inflacionário”. Fim da grande unificação das forças (*Grand Unified Theory* – GUT). Calcula-se que o tamanho do universo primordial, estabelecido no final dessa “transição inflacionária”, tenha sido aproximadamente o de uma bola de beisebol.
- 10^{-30} s: Um primeiro tipo em potencial de matéria escura (os áxions) é sintetizado. O áxion é um candidato potencial à matéria escura.
- 10^{-26} s: Separação entre partículas típicas e o tempo.
- 10^{-12} s: Quebra de simetria entre forças eletromagnética e nuclear fraca.
- 10^{-11} s: A matéria supera a antimatéria.
- 10^{-10} s: Um segundo tipo em potencial de matéria escura (os neutralinos) é sintetizado. O neutralino é um outro candidato potencial à matéria escura. Quarks se aglutinam em prótons e nêutrons.
- 10^{-6} s (primeiro microssegundo depois do “*Big Bang*”): Antimatéria se aniquila. Período de formação da matéria, quando ela dominou a antimatéria. Com isso, as “sementes” para o surgimento das estrelas e galáxias foram “plantadas”. A matéria escura (ainda não identificada, mas que mantém as estruturas unidas) também surgiu (ver a nota 16).

Nota 16: O detalhe é que as galáxias são mantidas juntas pela gravidade da misteriosa matéria escura.

- 10^{-5} s: Nesse momento, os constituintes do átomo estavam formados, o raio do universo tinha aumentado para cerca de 90 cm, e sua temperatura havia “esfriado” para cerca de 100 bilhões de graus Kelvin. Até aqui, quando o universo tinha menos de 1 segundo de existência, os núcleos atômicos ainda não haviam se formado, existindo apenas seus constituintes – prótons e nêutrons.

O nome – na verdade, o epíteto – que a Divindade teria antes de criar este universo, segundo as tradições esotéricas hindus seria “Prajapati”, que quando expressou sua força mental, fez surgir a singularidade. Prajapati tentou organizar o que estava ocorrendo e foi dando ordens, diretrizes, a cada microssegundo, e começou um “jogo de dados”, um “jogo de possibilidades”. Todos esses eventos, a ciência diz que aconteceram nesses microtempos.

A partir do estado quântico gerado pela singularidade, se formaram duas faixas de realidade. Esta nossa faixa de realidade, ficou com a matéria que sobrou, que não foi destruída pela antimatéria. Na outra faixa de realidade, onde existia mais antimatéria que matéria, a antimatéria sobrou. Essa faixa de realidade formada por antimatéria está separada da nossa faixa de realidade material.

- 10^0 s (primeiro segundo após o “*Big Bang*”): Desacoplamento de neutrinos.

No primeiro segundo da Criação, aconteceu muita coisa, e em torno de alguns segundos depois, foi quando todo o “problema” do Criador começou, pois ele foi “puxado” pela própria Obra e, ainda que ele não quisesse, parte dele “caiu” nela ficando cativa – foi o que aconteceu com o corpo mental dessa Divindade, que se fragmentou, originando os elétrons, e que até agora está prisioneira, e todos nós juntos com ela. É importante sabermos que os elétrons surgiram alguns segundos depois do “*Big Bang*”.

- 10^2 s (100 segundos após o “*Big Bang*”): Ocorre a separação das quatro forças (ver a nota 17), o que permitiu a formação dos núcleos dos átomos (ver a nota 18). Os núcleos se tornaram permanentemente coesos, uma vez unidos pela força nuclear.

Nota 17: Logo após o “*Big Bang*”, as quatro forças que conhecemos atualmente na natureza – a gravidade, a força eletromagnética, a força nuclear fraca e a força nuclear forte – estavam reunidas em uma mesma interação unificadora.

- 100 a 300 s: Formam-se os núcleos atômicos do hélio, lítio, hidrogênio e deutério, a partir de prótons e nêutrons (ver a nota 14).

Os núcleos atômicos surgiram quando o universo já tinha alguns segundos, todavia, os elétrons ainda não tinham se formatado na configuração em que eles estão agora. Nessa fase, ocorreu a nucleossíntese primordial: o universo se comportou como um gigantesco reator termonuclear, o que favoreceria a transformação dos prótons (p) e nêutrons (n) originais em núcleos dos futuros átomos leves de deutério (1p e 1n), hidrogênio (1p e 0n), hélio (2p e 2n) e lítio (3p e 3n).

Nota 18: Os núcleos atômicos surgiram quando o universo tinha já alguns segundos, e a temperatura e a densidade eram as adequadas para produzir reações nucleares. Esse processo de nucleossíntese, depois, produziu apenas os elementos mais leves da tabela periódica: muito (cerca de 25% em massa dos átomos do universo) hélio-2 (^2He , cujo núcleo atômico é formado por 2 prótons), quantidades menores de lítio (^6Li , cujo núcleo atômico é formado por 3 prótons e 3 nêutrons) e dos isótopos deutério (^2H) e hélio-3 (^3He). O resto do plasma (cerca de 75%) permaneceu na forma de prótons que, por fim, formariam átomos de hidrogênio. O restante dos elementos da tabela periódica se formou bilhões de anos depois, nas estrelas e explosões estelares.

- 3 minutos: Prótons e nêutrons se fundem em elementos leves.
- 5 minutos: Não mais acontecia a fusão de prótons para produzir outros elementos. Tudo o que existia, até então – uns três quartos de hidrogênio e em torno de um quarto de hélio, com um pouco de lítio –, foi a base da formação das futuras estrelas.
- 1300 anos: A matéria começa a predominar.
- 100 mil anos: A densidade de energia da radiação excedia a da matéria, impedindo-a de se aglomerar. Esse tempo marca o início da montagem gravitacional de todas as estruturas atuais.
- 370 mil anos: Os átomos se formam a partir de núcleos e elétrons, liberando a radiação cósmica de fundo de micro-ondas. A temperatura cai para 3000 graus Celsius. Começa a “dança dos elétrons”.

O “mapa COBE”, do satélite Cosmic Background Explorer (COBE), da NASA (National Aeronautics and Space Administration, agência federal norte-americana), foi o primeiro a ser obtido, investigando o universo primordial ao mapear flutuações de temperatura em diferentes direções no céu.

A precisão dos mapeamentos, feitos por meio de satélites, da distribuição da radiação cósmica de fundo, a luz emitida pelas fontes mais antigas conhecidas, quando o universo tinha apenas 370 mil anos, melhorou ao longo das missões espaciais – COBE (1989), WMAP (2001) e Planck (2009, construído pela ESA – Agência Espacial Europeia, com participação da NASA). Essa luz, que era extremamente energética, existe hoje – 13,8 bilhões de anos após o “*Big Bang*” – “viajando” na forma de micro-ondas, que ainda permeiam o espaço. Por meio do satélite de Planck, a idade do universo foi corrigida de 13,7 bilhões para 13,8 bilhões de anos.

“As flutuações representam as impressões digitais do Criador ou as marcas da máquina, que modelaram o universo; marcas da manufatura da criação do universo; sementes cósmicas.” (George Smoot). Essas flutuações da radiação de fundo representam as irregularidades da Criação, que permitiram surgir o universo como hoje conhecido – de outro modo, as imperfeições se amontoariam e o universo colapsaria em si mesmo ou se desintegraria.

O “retrato” do universo primordial com cerca de 370 mil anos após o “*Big Bang*”, mostrado por esses “mapas”, quando comparado com o “retrato” do universo material como ele está atualmente – após 13,8 bilhões de anos do “*Big Bang*” –, permite traçarmos uma relação inteligente entre esses dois momentos porque, nesse mapeamento infravermelho, essas chamadas flutuações na radiação de fundo mostram a ideia de que, se tinha “Alguém” por trás daquela grande expansão inicial, ela se deu obedecendo a um comando mental que queria exatamente colocar matéria em determinados lugares e espaço em outros. E esses mapas mostram aonde tinha matéria e aonde tinha espaço. Ou seja, olhando para o universo, vamos encontrar matéria e espaço onde “Alguém” imaginou que era para estarem, e tudo está em movimento. Então, **alguns cientistas, ao observarem isso, deduziram que essas flutuações representam a “digital” de “alguma causa inteligente” por detrás delas – todo o cientista que assim afirma, é moralmente eliminado pela comunidade científica.**

Com o início da “dança dos elétrons”, a mente de Prajapati (ou

Prabrajna), que já tinha caído na Criação e estava prisioneira no universo antimaterial – a outra faixa de realidade adjacente a este universo –, começou a perceber que havia se fragmentado em “unidades” que estavam, então, espalhadas por todo universo material. Portanto, essas “unidades”, que são **os elétrons, pertencem a ele.**

Para termos uma ideia – por não haver outra mais adequada, usarei esta – imagine que alguém espirrou e que foi junto com o espirro, o nariz, a boca e os dentes, e que ele ficou pensando que aquelas partes que tinham se desprendido eram dele, mas ele não conseguia resgatá-las, e não podia mais cheirar, falar e morder porque o nariz a boca e os dentes dele estavam em um lugar inacessível, e ele ficou de mau humor.

Uma situação muito pior do que essa foi o que aconteceu com Prajapati, pois um de seus corpos superiores – o corpo mental superior ou o corpo manásico – explodiu quando ele “caiu” na própria Obra, e se fragmentou totalmente. Depois de se reconstituir na Criação como Javé, ele percebeu que os elétrons que existem neste nosso universo, são a parte dele que está desgarrada, e o pior é que eles estão sendo administrados por outras vontades que não a dele. Desde então, ele ficou “louco” porque, até uma certa época da história deste universo, ele criou os seres para poderem “cuidar das partes fragmentadas dele”, contudo, de repente, nesse processo surgiram alguns seres independentes do seu controle, que se acham donos dos corpos – como os humanos terrestres – que foram e que são organizados a partir do DNA, e são os elétrons “dele” que permitem a formação dos elementos químicos, das substâncias, e desse DNA.

- 370 mil a 300 milhões de anos: A gravidade continua a amplificar as diferenças de densidade nos gases que preenchem o espaço.
- 300 milhões de anos: Os elétrons estavam girando por aí e as primeiras estrelas e galáxias se formam – existem indícios de que isso pode ter se iniciado aos 100 milhões de anos, quando as regiões mais densas não somente se expandiram, como também começaram a se colapsar. Foram essas as primeiras estruturas do Cosmos ligadas gravitacionalmente.
- 700 milhões de anos: Começa a se formar a nossa atual Via Láctea, a nossa galáxia que, portanto, tem 13,1 bilhões de anos.
- 1 bilhão de anos (um pouco antes dessa marca, já foram fotografadas algumas estrelas e galáxias): estrelas, protogaláxias e

quasares se formam; surgem novos elementos químicos como o nitrogênio, o oxigênio e o carbono.

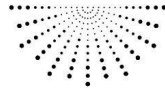
Na nossa galáxia, os cientistas já conseguiram medir perto de 200 milhões de sóis, mas estima-se que ela tenha cerca de 400 bilhões de estrelas. Esses sóis têm planetas e já foram contados quase 200 bilhões de galáxias no nosso universo. Então, o que era um trilionésimo do tamanho de um próton, atualmente corresponde a este universo de cerca de 200 bilhões de galáxias.

- 3 bilhões de anos: Formam-se os primeiros aglomerados de protogaláxias e de galáxias; ocorrem também picos de formações estelares.
- 6,7 bilhões a 7 bilhões de anos: Começou a se formar o elemento carbono porque, como ele é um pouco pesado, só foi produzido por estrelas de terceira geração. Essas vermelhas gigantes conseguem produzir carbono, que é a base da vida de todos nós, seres vivos. Com a produção de carbono, o “*nidana*” – o código-fonte definidor de vida do Criador – é, então, semeado no universo biológico. Até sete bilhões de anos atrás, a taxa de expansão do universo estava ainda diminuindo (após ter acelerado a sua expansão no “período inflacionário”), quando, desde então, começou a acelerar novamente.
- 9 bilhões de anos: O nosso sistema solar se forma.
- 10 bilhões de anos: A energia escura passou a dominar e, com isso, a expansão do universo começou a acelerar drasticamente.

No futuro, essa energia escura será entendida como sendo a força *tamásica*, que foi expressa por Savna (o Ser que, mais tarde, veio a ser conhecido no âmbito da mitologia hindu/ariana como Shiva, após “mergulhar” na Criação). Savna lançou a sua energia *Tamas* lá atrás, quando do início da Criação problemática, após perceber que as forças agregadoras, geradas por Mavatna (um outro Ser, que viria a ser conhecido como Vishnu, da mitologia hindu/ariana, após “mergulhar” na Criação), não foram suficientes para corrigir o “erro original” do Criador Prabrajna (conhecido como Brahma, na mitologia hindu/ariana, o Ser que “caiu” na própria Criação). Então, Savna resolveu “lacrar” a Criação – devido aos problemas

acumulados, imanentes à mesma – com um “selo de garantia” de que ela teria um fim. Foi assim que a entropia surgiu!

A FRAGMENTAÇÃO DO PODER MENTAL DA DIVINDADE



“O Todo permanece para sempre Todo, mesmo quando dividido ou multiplicado. Assim é com a Deidade, o Deus Incognoscível (a Chama Una), com as suas centelhas (mônadas espirituais) e com a Matriz Primordial dele emanada, que dá sustentação a todas as demais Criações!”.

ESSE ATRIBUTO, porém, não se aplica necessariamente às mentes (corpos superiores) das Divindades, que não são a Deidade – o Deus Verdadeiro. E foi exatamente isso o que aconteceu com a mente de uma certa Divindade Cocriadora – Prajapati ou Prabrajna –, que se desagregou ao cair na própria Criação, “perdendo a sua identidade pessoal e funcional”. A sua mente se fragmentou a tal ponto que ela não pode “permanecer na sua destinação original de Divindade Cocriadora”. Eis o “problema”!

Muitas das mitologias apontam para a inabilidade, incompetência, ineficiência, incapacidade e ineficácia do Criador original deste universo, por ele ter assumido, logo depois da Criação, que não podia realizar essa tarefa de dar sustentação ao que ele criou porque se tornou refém do universo, já que ele “caiu” ou foi “sugado” pela própria Obra.

Se colocarmos um prego perto de um ímã, esse só vai atraí-lo a partir de uma certa distância, ou seja, no “horizonte de evento” do ímã. Do mesmo modo, qualquer coisa – mesmo um fóton, menor unidade de luz – que ficar no “horizonte de evento” de um “buraco negro”, será puxada. Os amigos espirituais e alguns seres extrafísicos que assessoram Javé dizem que essa **singularidade, que saiu da mente de Prajapati, se formou em um “buraco branco”** – que tem uma força semelhante à de um “buraco negro”

–, que “sugou” essa Divindade Criadora. Assim como somos 100% responsáveis por tudo que pensamos e sentimos, as Divindades que têm mente com *software* de programação para gerar faixas de realidade são intensamente responsáveis pelo que delas emana, e não há separação entre Divindades Criadoras e as Criações delas – o que explicaria porque Prajapati foi “sugado” pela própria Criação.

Nos outros universos que existem, não tem coisa alguma parecida com o fato de um Criador ter sido “sugado” pela própria Obra. Há complicações, mas não essas desta Criação.

Se eu vier a lançar o livro “*Favor Divino II*”, ou mesmo um tema do IEEA chamado “*Você e o Favor Divino*”, eu começarei este curso perguntando quem de vocês, em sã consciência, mandaria uma pessoa que vocês amam viver em um mundo como o nosso. O meu questionamento se baseia no fato de que, no nosso mundo, uma pessoa pode ser destruída por vários eventos – como um terremoto, um vulcão, um cometa, um tsunami, ou um desastre de carro ou de avião –, pode ter doenças que a façam sofrer e que até a matem, e pode ser morta ou agredida por outra pessoa, a qualquer momento. Nós estamos tão acostumados com essas aberrações que as achamos normais, pois nos imbecilizamos a tal ponto que achamos comum e, portanto, normal, que milhares de pessoas sejam assassinadas e violentadas todos os dias. Entretanto, nem tudo que é comum deveria ser normal, mas **nós vamos nos anestesiando a tal ponto que o absurdo passa a ser o normal.**

O Deus Amantíssimo nunca criaria algo tão absurdo e medonho assim e nem mandaria seus filhos viverem num mundo como esse – vejam o tipo de reflexão dolorosa, filosoficamente complicada e extremamente inapropriada que o aprofundamento dos temas em torno de Javé trazem. Eu não posso expor essas questões para qualquer pessoa, principalmente por que corro o risco de ferir suscetibilidades, porém não tenho alternativa, uma vez que nós nos cretinizamos de tal modo que confundimos o próprio Deus Pai-Mãe Amantíssimo com um Criador bem-intencionado e genial – Prajapati, que se reconstituiu como Javé (ou Brahma) ao “cair” na própria Obra –, mas que causou uma situação horrível como a que vivemos neste mundo.

Deus é alguém totalmente *top*, o que não é o caso de Javé. Para termos força filosófica que nos permita compreendermos, respeitarmos, amarmos e contribuirmos com Javé e, ao mesmo tempo, termos sensibilidade filosófica para vislumbrarmos o Deus Verdadeiro, necessitamos estar cientes dos

assuntos tratados na “Revelação Cósmica” e abrir mão de todos os conceitos antigos sobre “Deus”, simplesmente porque todos estão equivocados.

Os outros universos fora da Criação de Javé são feitos para homenagear a vida eterna cósmica espiritual, e não há sofrimentos.

Parece que todas as teologias criadas na Terra foram feitas para crianças. Então, vivemos na ingenuidade e na infantilidade espiritual.

Jesus, sabendo que seria crucificado, rogou ao Pai que, se possível, afastasse dele esse “cálice” e, depois, concluiu que não tinha vindo para cumprir a própria vontade, mas a do Pai e, portanto, teria que morrer na cruz. Isso está escrito no “*Evangelho*”, porém é tão duro de aceitar que foi formulada a teologia infantil e romântica que diz que Deus amou tanto a humanidade que mandou o seu filho predileto vir ao mundo para ser crucificado e, com seu sangue, lavar os nossos pecados. E essa é a justificativa que colocaram nas nossas cabeças! Então, para que os seres humanos tenham uma compreensão esclarecida e percebam os “dramas” de Javé e de Jesus, de modo a ajudarem, é necessário que nos libertemos da cretinice, ainda que essa teologia seja uma atitude nobre, apoiada na iniciativa do imperador Constantino, que procurou tornar suportável algo que, para nossa sensibilidade, é horrível. Entretanto, não podemos continuar pensando assim. Temos que sair da “infância espiritual” e passarmos para a “idade adulta espiritual” porque fomos condicionados a permanecer com esse tipo de crença tanto tempo que, agora, não dá mais tempo para passarmos pela “adolescência espiritual”, o que causa um choque.

Contudo, para falarmos desses assuntos da “Revelação Cósmica” temos que fazê-lo gradualmente, pois é tudo muito chocante – e muito do que estou sendo obrigado a abordar pode estar errado, e esse é o meu “drama”, pois tenho que administrar essa possibilidade. A verdade sobre Javé e sua Obra não é assunto agradável. A maior verdade, que é o Pai-Mãe Amantíssimo, é a mais agradável das verdades, pois Ele representa a plenitude da pureza, do amor e da beleza, mas, ainda assim, não é o modelo da racionalidade humana que poderá dar uma versão final e apropriada sobre Ele.

Muitas espécies da natureza terrestre são assassinas, inclusive a nossa quando matamos os próprios semelhantes ou comemos outros animais. Em um filme de ficção científica, ficamos horrorizados com uns extraterrestres que vêm à Terra, raptam e transformam pessoas em mortadela, e não conseguimos relacionar essa situação com o fato de matarmos e comermos as carnes dos animais, pois nos acostumamos a assim procedermos, achando

normal o que é horrível.

Então, nenhum de nós, em sã consciência, mandaria o próprio filho para um universo deste tipo, todavia o Pai-Mãe Amantíssimo permite isso porque não há alternativa para ajudar as Divindades que faliram – refiro-me às que entraram no contexto do que foi criado, se manifestando como Brahma, Shiva e Vishnu.

A história desta Criação se resume em um **“rejunte de cacos”** que se desagregaram do corpo mental de Javé, e os **elétrons são esses “cacos”**. Como Javé não pode fazer isso, nós somos as criaturas-ferramentas que deverão “juntar esses cacos” para ele, e já nos encontramos fazendo isso há um bom tempo, sem que disso nos apercebamos.

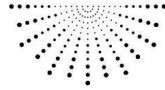
Em termos da nossa realidade, **os elétrons são os “cacos” resultantes da fragmentação da mente dessa Divindade, que precisam ser “rejunutados”, numa primeira etapa.** Essa etapa pode ser entendida como o **“tempo de vida” deste universo.** A finalização do processo universal que a Divindade não pode “finalizar” com sua mente criadora, devido à queda ou “falência” do seu poder mental, **somente poderá ser feita pelas suas “criaturas-ferramentas” – as que podem evoluir!**

Numa primeira avaliação, pode nos parecer um absurdo dizer que o tempo necessário para “rejunutar os cacos” do Criador é a somatória dos 13,8 bilhões de anos em que o universo já existe e das outras tantas dezenas de bilhões de anos em que ele ainda vai existir – essa é a estimativa dos amigos espirituais.

Este universo existe para “juntarmos os cacos” – os elétrons – da mente do Criador, que se fragmentou. Ele mesmo não pode juntá-los e, portanto, nossos corpos foram criados para que nós façamos isso.

“O espírito não pode ser contido na estrutura do imanente. Aquilo que torna o imanente vivo é o transcendente, mas o transcendente não pode ser captado.” (Upanixade Kena). O nosso espírito, herdado do Pai-Mãe Amantíssimo, é imanente a tudo, mas transcende a tudo.

AS GUNAS COMO ALICERCES DA CRIAÇÃO



AS GUNAS descritas na mitologia hindu/ariana – as energias mentais *Rajas*, *Sattva* e *Tamas*, expressas respectivamente por Brahma, Vishnu e Shiva – foram e são o alicerce da Criação.

As tradições esotéricas da Índia dizem que a Divindade Prajapati (ou Prabrajna) – uma Divindade menor, que, conforme entendo, sofria de uma “inconsistência psíquica” que chamo de “doença do primeiro impulso” –, não sabia controlar o seu “impulso criativo” que terminou emergindo, independente da sua vontade. Então, outras Divindades (entre elas, Mavatna e Savna), compreendendo que, nesse seu estado mental, a Divindade Prajapati já havia criado um tipo de projeto para uma certa realidade, buscaram fazer com que ela não executasse o seu plano para a nova realidade que pretendia criar, e tentaram ajudá-la, pedindo que ela expusesse a sua ideia à frente de todas, para que elas a organizassem mentalmente. Elas solicitaram à Prajapati que as deixassem penetrar na mente dela para verificar o seu projeto ainda no âmbito do seu arcabouço mental, e pudessem propor alguns ajustes.

Prajapati concordou, mas começou a se “irritar” porque percebeu que as outras mentes não estavam só observando a sua ideia mental, porquanto a estavam modificando. Prajapati tentava expulsar as outras mentes enquanto essas buscavam fazer com que ela não expressasse o seu projeto de criação da nova realidade. Ela conseguiu expulsá-las, porém, nessa expulsão, ocorreu a expressão desta Criação em que vivemos, que “sugou” o corpo mental de Prajapati, despedaçando-o. Por isso, Brahma, que é a manifestação de Prajapati no universo antimaterial, no âmbito das discussões que por lá sempre ocorreram sobre a questão, diz que ele não “caiu” na própria Obra, mas que “foi empurrado” para dentro dela.

Ao tentar expulsar as mentes das outras Divindades da sua, Prajapati acabou criando, sem querer, este nosso universo – essa é uma das hipóteses discutidas na Espiritualidade. Então, Mavatna – uma das Divindades envolvidas que, depois, personificou Vishnu ao “mergulhar” na Criação –, vendo que a energia *Rajas* de Prajapati tinha sido expelida, expressou sobre a mesma também a sua energia mental *Sattva*, no sentido de organizar – ou seja, de dar forma aos projetos feitos em cima da energia *Rajas* –, tentando tornar aproveitável tudo que foi criado pela Divindade menor. Mavatna tentou manter a Criação *Rajas* em um nível inteligente, já que ela aconteceu meio desordenada e de modo indevido. Savna – que, depois, personificou Shiva ao “mergulhar” na Criação –, vendo que era impossível para Mavatna corrigir tudo, preservou o que ela havia conseguido corrigir e, por sua vez, fez incidir a sua “força mental”, destruindo lentamente, com a sua energia entrópica, também chamada de *Tamas*, parte do resíduo da energia mental *Rajas*, que havia restado sem correção. Se essa energia residual *Rajas* permanecesse, ela impediria a expansão inteligente da singularidade criada.

Portanto, Prajapati liberou a energia *Rajas*, Mavatna corrigiu parte dela com a energia *Sattva*, e Savna, com a energia *Tamas*, destruiu a parte da energia criativa residual não corrigida, mantendo a energia *Rajas* que fora consertada.

Decorridos 1,63 bilhão de anos após o “*Big Bang*”, Savna “mergulhou” na Criação para destruir aquilo que antes ela já tinha decidido destruir, para que o andamento do universo se desse, sendo, muito mais tarde, seguida por Mavatna – que também “mergulhou” na Criação 4,1 bilhões de anos após o “*Big Bang*”. E foi assim que essas três Divindades – uma “caiu” e duas “mergulharam” – entraram na Criação de Prajapati – que caiu na Criação e se reconstituiu como Brahma (ou Javé) –, para poderem continuar os processos de condução dos universos material e antimaterial.

Então, conforme já exposto, a energia *Rajas* criou tudo, a energia *Sattva* organizou, e a energia *Tamas* finalizou a energia *Rajas* residual, não corrigida – e vai finalizar no futuro mais ainda, até que a Criação indevida seja totalmente finalizada. Nessa perspectiva, *Rajas*, *Sattva* e *Tamas* são as energias mentais ou gunas dessas três Divindades, usadas na “guerra mental” – ou *Lila* – entre elas, que teve início antes da Criação.

Rajas criou os quarks e deu origem à formação dos elétrons, porém quem uniu os quarks para formar os prótons e os nêutrons que constituem os núcleos atômicos e projetou o que os elétrons fazem atualmente – executam a

“dança dos elétrons” e memorizam e marcam neles o que vivenciam –, parece que foi a mente de Mavatna, por meio das quatro forças (forças nuclear fraca e forte, o eletromagnetismo e a gravidade) que dão sustentabilidade à matéria.

Os elétrons foram gerados a partir do corpo mental fragmentado de Prajapati quando ele aplicou sua energia *Rajas* (que significa atividade, criação), que se transforma em matéria. Portanto, **os elétrons “pertencem”, originalmente, à mente de quem expressou esse tipo de energia.** Assim, podemos considerar que os elementos químicos pertencem à “engenharia mental” daquele que, depois de sua “queda” na Criação, se constituiu como Javé.

A “função” dos elétrons, porém, parece ter sido “formulada” ou engendrada pela energia *Sattva* (que significa harmonia, preservação, manutenção). Assim, a capacidade quântica dos elétrons de “memorizar” o que vivenciam é função que foi arquitetada pela mente de Mavatna – que, depois de seu “mergulho” na Criação, ficou conhecido como Vishnu –, que expressou a energia *Sattva*.

Explicando de modo simples, quando todas as luzes do universo se apagam e nada mais existir, **tudo o que os elétrons vivenciarem comporá, então, a “Mente Universal”.** A energia *Tamas* será a responsável pela “destruição criativa” de tudo o que existiu e do que doravante fará parte da estruturação da “Mente Reconstruída do Criador” – a “Mente Universal”.

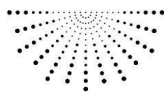
A tentativa (necessidade) do “eterno vir a ser” do Criador é a força propulsora da “dança” entre energia e matéria. É a compulsão (impulso) que somente findará quando a energia *Rajas* estiver pacificada, organizada e absorvida pela “energia finalizadora” – a energia *Tamas* – do processo universal.

Como já ressaltado, as gunas podem ser entendidas como atributos das mentes divinas dos seres da *Trimurti* (Brahma, Shiva e Vishnu), que participaram da geração deste universo.

Quando procurei explicar que estamos apenas “juntando os cacos” de uma mente que foi fragmentada, a “dança dos elétrons” é o processo de rejeitar essa mente, ou seja, o que **permite que essa “Mente Universal” possa emergir.**

As energias mentais *Rajas*, *Sattva* e *Tamas* são três conceitos do legado hindu que nos permite, atualmente, compreender o “jogo dos elétrons” ou a “dança dos elétrons”.

A “DANÇA DOS ELÉTRONS”



O NOSSO UNIVERSO se constituiu devido à “dança dos elétrons”, pois essa partícula é um dos elementos mais básicos que dá sustentabilidade à criação do mundo material. A **“dança dos elétrons”** – **quando um elétron salta de uma órbita para outra ou quando ele desaparece de uma órbita e aparece em outra** – é responsável pela existência dos elementos químicos listados na tabela periódica. As moléculas surgem com a combinação de elementos químicos, e é pelo arranjo de moléculas que tudo que é material se forma. **É a “dança dos elétrons” que cria e modifica a forma material das coisas e dos corpos dos seres vivos**, além de sustentar o universo e tudo o que nele existe e venha a existir.

A quantidade de elétrons que existe é a mesma desde que eles surgiram, o que revela um aspecto intrigante, pois confirma a lei da conservação da energia – a Segunda Lei da Termodinâmica – que afirma que *“nada se perde, nada se cria, tudo se transforma”*, uma vez que nenhum desses elétrons foi destruído e nenhum foi criado, e eles se transformam constantemente, e essa transformação é que chamamos de “dança dos elétrons”, pois vem dessa “dança” a criação, a manutenção, a modificação, a reciclagem e a destruição de tudo o que é material. Se ele não “mudasse de órbita” – “dançasse” – nada disso aconteceria.

As partículas elementares (ver a nota 9) – quarks e léptons – são as primeiras partículas que surgiram na “dança” que envolve energia se transformando em matéria, e retornando como energia. Charon, um físico nuclear francês, fez uma descoberta fantástica, pois ele percebeu que os elétrons – um tipo de lépton – têm memória quântica infinita no sentido de registrar, nos seus circuitos, nas suas matrizes, tudo o que “vivenciam”, e eles

já existem há 13,8 milhões de anos, seja como gás, água, ou corpos de seres vivos, por exemplo.

Um aspecto que precisamos aqui ressaltar é a **certeza científica** – essa não é uma questão de acreditar ou não, mas tão somente de entender, por meio do estudo e da reflexão –, conforme os postulados da Física Quântica, de **que todos os elétrons do universo se comunicam instantaneamente e de forma não local**. Isso implica afirmar que a “vivência” de um elétron é transmitida para os demais, instantaneamente, compreendamos ou não, gostemos ou não, acreditemos ou não, principalmente os que vivem viciados em crença.

Outra inferência profunda, no campo do entendimento, que disso se pode emergir é o de que os elétrons não são unidades isoladas, mas tão somente formam um grande campo interconectado no qual todos eles “vivenciam” tudo o que cada um deles marca em si mesmo. Isso ocorre porque, a partir da evolução da complexidade cósmica, surgiram seres vivos com psiquismo resultante de algoritmos e “programas mentais” que, **temporariamente, parecem aprisionar os elétrons em um corpo**, quando, então, esses passam a agir em obediência ao genoma de cada espécie de seres vivos e à atitude mental (genoma particularizado, associado ao psiquismo) de cada indivíduo – que são dois fluxos que se encontram além das aparentes individualidades dos elétrons.

Para melhor entendermos a “**vivência**” dos elétrons, vamos acompanhar um determinado elétron que se agregou a uma rocha de uma montanha, em uma reentrância que tem sombra, quando começaram a surgir a flora e a fauna, na Terra. Perto dali, tinha uma cabra que, diariamente, bebia água em um lago e, depois, se abrigava da terrível insolação nessa reentrância, e lá dormia tranquilamente, inconscientemente grata àquela rocha porque ali era como se fosse o “paraíso” para ela. Então, esse sentimento da cabra passou para os elétrons que formavam aquela rocha, pois os elétrons da rocha captaram a vibração dos elétrons da cabra, e toda a montanha também a recebeu – na verdade, todos os elétrons do universo a receberam, mas aqui estamos ressaltando o fato dos elétrons de uma montanha vibrarem de “modo inorgânico” (ou “não vivo”), e os da cabra de “modo orgânico”.

Romantizando um pouco a questão e nos afastando do raciocínio científico, pois a questão da localidade realmente não importa para a intercomunicação em si, entre eles – mas importa para outras **questões espirituais decorrentes da proximidade**, ou seja, da localidade –, os

elétrons dos cristais da rocha que estavam mais próximos ao corpo da cabra receberam essa vibração muito mais intensamente que um elétron que ficava lá na ponta da montanha. E em uma outra montanha, próxima, todos os elétrons que formavam os seus cristais, vibraram também em ressonância, só que de um modo mais pobre que os demais que formavam a montanha em cuja caverninha a cabra se encostava e vibrava.

Passado um certo tempo, um meteoro bateu na montanha da cabra e a destruiu. O elétron – que estamos acompanhando – terminou por se liberar do cristal da rocha e caiu na terra, passando a compor uma graminha. Esse elétron que vivenciou tudo o que aconteceu com ele desde seu surgimento há 13,8 bilhões de anos, marcou, até então, na sua memória quântica, tudo o que ele viveu, inclusive como um cristal da rocha que recebeu a “gratidão” daquela cabra. Depois, tudo o que sentiu o psiquismo dormente, porém presente naquela grama, esse elétron também o registrou, até que essa grama foi comida por uma vaca. Assim, o elétron entrou para o circuito interno do corpo da vaca e passou a marcar nele tudo o que ela sentia – vaca tem um DNA simpático e, quase todo o tempo, só “sente” coisas boas. Quando o elétron saiu nas fezes da vaca, o fazendeiro juntou esse esterco e adubou o milharal com ele. O milho daí produzido foi usado para alimentar um frango. Então, o elétron passou para o frango que acabou servindo de comida para uma pessoa violenta. Após acumular mais essas marcações como esterco, pé de milho, milho e frango, o elétron, ao se sentir marcado pelo que uma pessoa desajustada produzia com todas as emoções e sensações de um corpo complexo, buscou sair dali e, algum tempo depois, foi excretado junto com a urina daquela pessoa. Todavia, quando passou, mais tarde, a pertencer ao corpo de uma pessoa extremamente amorosa, ele não queria sair desse corpo, porque a energia amorosa é a melhor que um elétron pode sentir.

Esse é um outro aspecto da “dança dos elétrons”, ainda que o “barulho” da vida, às vezes, nos impeça de bem escutar a “música” que a promove. Afinal, grosseria e refinamento não combinam, do mesmo modo que primitivismo e complexidade também não.

Um dos motivos para a **ressurreição do corpo de Jesus foi o fato de que todos os elétrons de seu corpo ficaram “apaixonados” pela vibração dele** – e, por incrível que possa parecer, isso é também um postulado da Física Quântica ainda por ser percebido, pois esse aspecto não pode ser medido, uma vez que a “equação amorosa” ainda não foi formulada, já que somente percebemos alguns dos seus termos, pelo menos por enquanto.

Enfim, tudo o que alguém experimentou e vivenciou em todas as suas vidas se encontra registrado na memória das suas células, mais especificamente no seu DNA pessoal e, mais cirurgicamente ainda, nos elétrons que passaram pela “gestão” de um psiquismo particularizado. Assim também, todas as possibilidades individualizadas, quanto ao futuro, residem nas flutuações genéticas que lhe são possíveis a partir do que, no momento, se encontra descrito no seu genoma pessoal. Por sua vez, os seus genes têm tudo isso marcado neles devido à “dança” constante dos elétrons, que marcam em si mesmos tudo o que vivenciam.

Quando os “cacos” – os elétrons – do Criador forem “rejuntaados” a tal ponto que uma certa massa crítica desses elétrons criados há 13,8 bilhões de anos consiga marcar nela um *quantum* de energia amorosa, o “Dono” deles vai, então, finalmente sentir essa energia. Por isso Jesus disse para amarmos uns aos outros. Mesmo que não tenhamos conhecimento científico e não saibamos nada sobre os elétrons e sobre o “drama” do Criador, se amarmos, tudo “se resolverá”. **O problema é que, além de ignorantes, somos incompetentes, emocionalmente falando.**

Nós temos que “despertar espiritualmente” a nós mesmos para o “problema” de Javé, de modo a, pelo menos, entendermos que amor não é uma conversa de tolos, não é apenas assunto somente para poesia e pregação religiosa. O amor é o “combustível” da expressão de cidadania pessoal de cada ser cósmico. Nós precisamos ter a ousadia de amarmos indistintamente e incondicionalmente porque, sem essa energia, o “problema da Mente” por trás do processo universal de vida nunca “se resolverá”, e enquanto ele não for resolvido, nós estaremos sempre nessas aventuras vexatórias, vivendo em universos complicados, quando nossos espíritos poderiam estar livres desta Criação, vivendo na Espiritualidade, em um nível mais evoluído ou mesmo superior.

Os amigos espirituais afirmam que tudo o que podia ser explicado para nossa humanidade a respeito do amor já foi realizado. Gandhi, por exemplo, dizia que cada ser humano deve se transformar no agente da mudança que quer ver no mundo, ou seja, se queremos que o mundo seja um lugar honesto e amoroso, independente de outros seres serem honestos e amorosos, nós temos que ser as pessoas mais honestas e amorosas que pudermos ser, ainda que ninguém nos trate com honestidade e amor, porque a expectativa de receber é extremamente problemática no sentido da perspectiva espiritual.

Nós já poderíamos expressar o amor incondicional de modo mais ousado.

O fato de alguém não ser festivo, não quer dizer que ele não ame, porque o amor se expressa de muitas maneiras. O Pai-Mãe Amantíssimo ama todos os seus filhos, só que do Seu modo, e esse não parece ser o modelo humano de amar.

Desde que o “gene do altruísmo” surgiu na espécie *Homo sapiens* e que espíritos maravilhosos encarnaram na Terra para dar o exemplo para os demais, que o amor, o carinho, a ternura e a decência têm sido semeados.

O amor acontece no “subterrâneo” dos elétrons que vibram nas “cavernas” do nosso DNA pessoal e nas nossas marcações coletivas – marcações via os campos morfogenéticos. Por mais efusivos que possamos ser aqui fora, o problema permanece dentro de nós se nossos corações estiverem cheios de impurezas, de máculas, de raiva, de rancor e de expectativas, e por isso Gandhi anunciou o fim da época do discurso, de esperarmos que os outros façam acontecer coisas boas, de reclamarmos dos outros, e que, se queremos que o mundo seja belo, nós devemos primeiro ser belos, como agentes dessa mudança. A ousadia do amor requer homens e mulheres extremamente corajosos, **enquanto a maioria da humanidade vive na inércia em relação ao amor, e também na infantilidade, transferindo responsabilidades, que lhe são próprias, para Deus, deuses, santos, espíritos e extraterrestres.**

Sejamos caminhantes que jamais se detém nessa tentativa de percebermos em nós o que podemos real e efetivamente fazer para contribuirmos com o ideal de fraternidade entre os que vivem aqui na Terra e nesta mesma aventura cósmica. Quando tivermos amor, bondade, ternura e carinho nos nossos corações, marcando essas qualidades em nós, poderemos distribuí-las, porque é assim que funciona a lei quântica holográfica, que organiza a natureza deste universo, e a lei subjacente do mundo espiritual, que a tudo envolve.

A “dança dos elétrons” tem a ver, acima de tudo, com um projeto da Espiritualidade para ajudar o Criador, pois ele não pode, por si mesmo, refazer seu corpo mental. Nós, as criaturas-ferramentas podemos fazer, por nós mesmos, o que desejarmos, basta nos emanciparmos e ousarmos perceber que somos bem mais do que meros animais mortais, que muitas vezes pensamos ser.

Aprendendo a amar incondicionalmente, podemos ajudar Javé, pois a linguagem que ele compreende é a emocional – ele não tem razão filosófica nem senso crítico. A linguagem que a matriz quântica, que ele lançou,

facilmente se deixa influenciar é a da emoção vinda de um ser humano – não é a linguagem do pensamento, pois essa demora o tempo que levamos para articularmos as palavras, uma vez que só pensamos através de símbolos, através de palavras, enquanto a emoção é instantânea. Contudo, o padrão emocional que atualmente sensibiliza o Criador não é mais o do sentimento simplório com o qual ele mesmo, no passado, por pura ignorância quanto ao que ocorria com a sua “pessoa”, infectou judeus, católicos, protestantes e islâmicos, estabelecendo um tipo de fé desarrazoada, onde o temor a ele e o prêmio pela subserviência eram a “moeda da troca” dos diversos pactos feitos com Abraão, Moisés, Jesus e Maomé.

Atualmente, a fé em Javé ou em Alá – para quem gosta de fé ou nela é viciado – tem que ser a do tipo “fé esclarecida”, a qual se referia Allan Kardec, cujo postulado “antes de crer, compreender” precisa urgentemente ser entendido e assumido pelas novas gerações humanas.

Ao optarmos por desejar dar algo de bom por meio das nossas vibrações a alguém, se projetarmos virtualmente (no nosso psiquismo) aquele que queremos ajudar, com a intenção de transferirmos para ele o amor que sentimos, isso é instantâneo, pois transmitimos o nosso potencial amoroso, que vai na matriz quântica que permeia todos nós. Então, o amor é o modo que temos para ajudar Javé, desde que entendamos o “problema” dele.

Freud, Jung e outros estudiosos da mente humana criaram alguns conceitos que poderão ser usados para nos aprofundarmos nos aspectos da mente de Javé.

Segundo Jung e com base em Freud, existe a memória pessoal de cada ser humano, onde o “Eu Organizador Pessoal” (ver a nota 19), a cada segundo, com sua atitude mental, vai arquivando, em si mesmo, o resultado da sua interação com a realidade e vai organizando a distribuição desses arquivos nos níveis de consciência que o marcam.

Nota 19: Como mostrado no curso “Mentalma I”, há um “Eu Organizador” da consciência de cada um de nós, que a cada segundo, dependendo de como a mente se comporta, vai organizando, em níveis de consciência, os arquivos produzidos pelos pensamentos, sentimentos e sensações.

Para um melhor entendimento sobre o “Eu Organizador”, é importante compreendermos as questões da *samsara* e dos sete corpos que um ser

humano possui.

A *samsara* – que é o fluxo contínuo de renascimentos, a ilusão em movimento, representada de forma cíclica – foi o que surgiu, na perspectiva da Espiritualidade, em que uma tecnologia de imantar espíritos a corpos primitivos materiais teve que ser criada logo que as Divindades “mergulharam” na Criação, pois não existia tecnologia de imantar espíritos a corpos como os que Javé havia começado a criar (ver a nota 20).

Nota 20: No livro “*O Drama Terreno de Javé*”, eu me refiro às dez etapas da história universal, onde seis já se cumpriram, a sétima é a que estamos vivendo, e as três últimas deverão durar umas dezenas de bilhões de anos. Então, houve uma primeira era em que Javé estava sozinho, porém ele começou a criar seres – diversas espécies de anjos-clones – na segunda era, e foi quando a Espiritualidade passou a proporcionar modos de imantar espíritos a corpos físico-químicos, criados pela loucura da sobrevivência de Javé. Nunca essas primeiras imantações foram perfeitas, mas quando, nesta sétima era, surgiram os seres evolutivos biológicos, foi reinventada uma imantação de espíritos a corpos físicos animalizados. Portanto, quando o espermatozoide fecunda um óvulo, ocorre uma explosão magnética, e o espírito ali se gruda, se imanta – é a questão da imanência e da transcendência.

A Espiritualidade sempre esteve “a reboque” do processo que ocorre na Criação, no sentido de ir criando tecnologia possível às situações, para permitir que “algo espiritual” desse alento (vida) ou estrutura ao que materialmente ia surgindo. A *samsara* é um produto disso – a *samsara* não é boa, porém ela, necessariamente, não é má, mesmo sendo cansativa e cheia de riscos.

Os hindus chamam os sete corpos que cada ser humano possui de átmico (ou o espírito), búdico, manásico (ou mental superior) – três corpos espirituais elevados que compõem a tríade imortal –, mental inferior, astral (ou emocional), sutil e físico denso – quatro corpos primários que constituem o quaternário inferior.

O corpo físico denso, que é o corpo animal, quando bebe, come, tem vícios e atitudes psicológicas no campo da sobrevivência, esses arquivos são gravados no corpo sutil – portanto, o corpo sutil recebe as emanções de

nossos hábitos alimentares, nossas posturas psicológicas, nossas atitudes e vícios pessoais. Quando o ego explode em emoções, esses arquivos são armazenados no corpo astral – é no corpo astral que todo e qualquer arquivo de emoções algo deseducadas ou muito fortes ficam marcadas. E quando o ego se enche de razão, pretendendo ser “dono da verdade”, esses arquivos são registrados no corpo mental inferior – pessoas que costumam ter apego a ideias, opiniões e conceitos, que se consideram “donos da verdade”, que querem sempre submeter as outras aos seus caprichos e opiniões e que não admitem o contraditório, têm seu corpo mental inferior muito carregado.

Quando o corpo físico morre, os três outros corpos inferiores deveriam ter arquivos suavemente marcados neles ou estar sem marcação de arquivos pesados – o que acontece quando não nos apegamos ao que pensamos e sentimos – e deveriam morrer também, liberando o espírito (que é o corpo átmico), com suas duas “vestimentas” (ou seja, os corpos búdico e manásico). Então, quando morremos, e nosso espírito sai, deveríamos levar só os corpos desses níveis espirituais mais elevados, deixando os outros quatro corpos mais primários morrerem juntos – ou seja, se o corpo físico morre, os corpos sutil, astral e mental inferior deveriam morrer junto com ele, pois o que, de fato, arquivamos de coisas maravilhosas para a posteridade estão registradas nos níveis de consciência mais elevados e não nos mais primários.

O problema se dá quando o corpo físico morre e o espírito segue também com as três “vestimentas primitivas” do corpo carnal (ou seja, os corpos sutil, astral ou emocional e mental inferior), levando-as para a Espiritualidade. Nesse caso, como os três corpos inferiores estão cheios de arquivos que aquele psiquismo viveu num corpo animal, o espírito, agora com aquelas “vestimentas”, busca ter, na Espiritualidade, um comportamento similar ao que tinha na vida material – como querer fazer sexo e usar drogas –, pois se animalizou a tal ponto com a marcação dos arquivos nos seus níveis de consciência que ele, mesmo agora sendo espírito, adquiriu carma. Em adquirindo carma, o conjunto de arquivos que marcamos indevidamente nos corpos intermediários inferiores – que deveriam ter morrido junto com o corpo físico, mas não morreram – acompanha o espírito para onde ele for, e na Espiritualidade ele não pode purgá-lo. Ele só pode purgar o carma em corpos primitivos, que gerem o aspecto do ectoplasma, o que possibilita novos arquivos e apaga os velhos, e aí começa o “jogo de *samsara*” – a “roda” das encarnações sucessivas – que, infelizmente, termina viciando nossos psiquismos em certas situações que não têm nada de bom.

Na base de todo esse processo, se encontra a “dança ou o jogo dos elétrons” que, enquanto durar a Obra equivocada de Prabrajna, cada consciência espiritual particularizada vai “coleccionando” praticamente um mesmo “estojo” ou “série” de elétrons que a cada vida perpassa e estrutura o corpo transitório – óbvio que sempre existirá novidades quanto aos elétrons utilizados por uma pessoa, e sei quão difícil é compreender essa informação. Todavia, por enquanto, para reflexão das gerações futuras, fica o registro de que **cada consciência, ao se vincular à Criação por meio do nascimento, atrai, ao longo da vida, praticamente a mesma “série” de elétrons que foram, anteriormente, diretamente marcados por sua assinatura pessoal.**

Javé tem responsabilidade nisso, mas, atualmente, nós já podemos transcender ao “jogo de *samsara*” sem culpá-lo pelo que nos acontece ou aconteceu.

Então, segundo a tradição hindu, há sete corpos – o que os espíritos confirmam – e o espírito ou atma, o único ser real que existe junto ao Pai-Mãe Amantíssimo, no Paraíso, foi criado por Ele e tem identidade própria porque assim Ele quis.

Quando o atma é obrigado a viver em níveis espirituais muito belos – ainda que não seja a Espiritualidade Superior –, bem-criados por Cocriadores, ele se investe apenas de duas “vestimentas”, que são os corpos búdico e manásico. Esses três corpos espirituais só estão preparados para arquivar coisas maravilhosas neles, e não há como registrarem coisas primitivas e pesadas. Entretanto, se essa individualidade, com esses três corpos, é obrigada a encarnar em um mundo primitivo, se submetendo a um corpo denso animal ao qual ele se imanta, em decorrência disso, como já informado, surgem mais três corpos intermediários – os corpos sutil, astral e mental inferior. As emoções e os pensamentos do ego físico da personalidade humana que surge geralmente são tão primitivos que não podem ser marcados nos corpos búdico e manásico, tendo que ser então registrados nos corpos sutil, astral e mental inferior, ligados ao ego em questão.

Javé não acessa os nossos corpos búdico e manásico, nem a vibração dos nossos espíritos, porque ele está preso a uma situação vibratória inferior quando comparada à dos nossos corpos espirituais. Se o nosso espírito estiver “limpo” de arquivos ruins, quando morremos, vamos para a Espiritualidade e Javé fica sem nos acessar. É necessário que estejamos ligados a um corpo com material mental de Javé – que são os elétrons –, para que ele nos acesse. Nessa perspectiva, estando encarnados, os arquivos que marcamos nos nossos

corpos sutil, astral e mental, Javé os sente. Então, se evoluímos, amamos, somos bondosos e fazemos bondades de qualquer tipo – sejam coisas boas, minimamente boas ou quase boas – para qualquer ser, enchemos de coisas boas os nossos corpos búdico e manásico, além dos nossos corpos sutil, astral e mental inferior, e Javé sente isso no mesmo momento, independente de sabermos ou não se ele existe.

Jesus dizia para amarmos incondicionalmente, porque, seguramente, além de fazermos um bem a quem amássemos, também o estaríamos fazendo para Javé.

Se amarmos incondicionalmente o Criador, reconhecendo que ele existe e que tem problemas e, com nossa intenção, desejarmos o bem para ele, então ele sentirá isso mais fortemente via nosso corpo emocional ou astral, porque Javé lida com esses corpos do quaternário inferior e ele, então, se alimenta do que produzimos. Javé, se pudesse, jamais gostaria que morrêssemos, porque quando os nossos corpos materiais morrem e os nossos espíritos saem, levam nossas “bagagens espirituais” junto, e se voltarmos para a Espiritualidade – independente de nossos corpos inferiores terem morrido ou não com a morte do nosso corpo físico –, Javé já não recebe nada. Na Espiritualidade, não podemos fazer nada por Javé.

A junção de todos os arquivos que durante uma vida marcamos primeiro no nosso cérebro, através das sinapses cerebrais, e, depois, na nossa mente espiritual – que é o repositório de todos esses níveis mais elevados –, chama-se “memória pessoal” de cada um de nós.

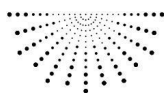
Jung falava que, além dessa “memória pessoal”, existe uma “memória da espécie” – cada “memória de espécie” termina por agregar as memórias de cada membro daquela espécie. Freud se referia ao inconsciente, que Jung chamava de “inconsciente coletivo”. Freud falava de subconsciente, e o biólogo Rupert Sheldrake resgatou o conceito antigo de campos morfogenéticos e explicou o que eles significam na visão da Física Quântica. A somatória de todos esses conceitos indica que há “algo” que agrega todas as memórias de todas as espécies que existem e que já existiram no âmbito interno deste universo.

No final, é como se existisse uma “Mente Universal” – que está sendo construída para Prajapati (ou Prabrajna) –, já que essa Mente não determina conscientemente o que todos os indivíduos fazem, mas ela está imanente a cada corpo de cada indivíduo através de seu DNA, o que implica tendências ou impulsos que, naturalmente, surgem em nosso psiquismo. Ela não faz

mais que isso, no entanto, nós, as criaturas-ferramentas, com as nossas atitudes mentais, arquivamos, em nós mesmos e nessa “Mente Universal”, todo o projeto de aprendizado que chamamos de “evolução”.

Os cientistas quânticos de vanguarda, no campo da Filosofia, Psicologia e de outras áreas, estão desconfiados que Sheldrake e Jung tinham razão, de fato, pois há uma “**Mente Emergente Universal**” em jogo nessa história.

UNIVERSO PREENHE DE ENERGIA E DE INTENÇÃO



ANTES, os cientistas pensavam que o nosso universo era só matéria, energia, espaço e tempo, porém, atualmente, eles constataram que há uma quinta componente, mais importante que as outras quatro, que é a informação. Eles sabem que a informação veio primeiro e, depois, foi que surgiram o espaço-tempo e a energia-matéria.

Uma simples reprogramação mental de um ser humano, no momento em que ele tem boas intenções, muda a programação que consta no DNA dele. Como o DNA é permeado por elétrons, ao modificar a sua vibração, um ser humano a marca nos elétrons do seu corpo e, instantaneamente, o “Dono dos elétrons” também a sente – é fundamental que entendamos isso, pois é muito importante, ainda que a ciência materialista desconsidere questões dessa categoria.

Neste momento, por exemplo, o “Dono dos elétrons” está sentindo todos os sustos de todos os peixes que estão sendo fogados ou que estão em uma rede, prestes a serem pescados, está sentindo todos os medos e sustos das crianças terrenas que estão sendo violentadas ou que foram raptados para remoção de órgãos, visando a venda no mercado criminoso dos transplantes desesperados, está sentindo todas as tristezas, raivas e ódios de qualquer “gestor” dos elétrons, **pois que esses estão sob a custódia de todos nós, suas criaturas-ferramentas**. Entretanto, ele também sente qualquer “pingo” de amor, de ternura, de encanto e de perdão de qualquer “gestor” dos seus elétrons, que estão condensados em corpos animais que podem sentir.

Se nós praticamente enlouquecemos com o que sentimos neste mundo atordoante, inclusive quando acontecem eventos simultâneos que requerem nossa atenção, imagine a situação de Javé, que sente, a todo instante, tudo

que sua mente fragmentada e despedaçada – os elétrons – está sentindo, sem poder fazer qualquer coisa para controlar esse processo.

Até pouco tempo atrás, Javé podia gerir todo esse processo, mas desistiu disso quando começaram a surgir algumas espécies, como no caso de Adão e Eva, conhecendo o bem e o mal, e decidindo o que fazer com seu livre arbítrio.

O “problema” do “Dono dos elétrons” é descomunal, e nenhum de nós desejaria estar no lugar dele.

Tudo que fazemos a cada segundo, marcamos nos nossos corpos biológicos transitórios, porém como esses corpos são mortais, tudo isso também é marcado na nossa mente espiritual, que vai de vida em vida – a nossa mente espiritual é o fator imanente daquilo que é transcendente – e por isso é atemporal, eterno, já que são mortais os corpos onde se ajuntam os elétrons do “Dono do jogo dos elétrons”. **Então, os corpos físicos se desassociam, se desagregam ao fenecer, mas os elétrons nunca perdem o que está marcado neles – eles nunca morrem, ainda que precisem da força estruturante da energia espiritual.** Portanto, tudo o que está registrado nos elétrons, também fica registrado na Espiritualidade. E nós, os humanos da Terra, temos essa capacidade de evoluirmos ao marcarmos o nosso “DNA espiritual”, enquanto outras espécies não a têm – por exemplo, não podemos argumentar com um leão para que ele pare de comer zebras, pois ele não é vegetariano, e sim um predador, e o DNA dele o obriga a ser assim.

Devido ao nosso DNA, nós também temos alguns ímpetos que um leão tem, mas nós pensamos e, portanto, podemos tomar nossas próprias decisões, podemos reprogramar as nossas mentes, coisa que **só fazem os seres que podem evoluir.** Um leão está assim há milhões de anos, sem poder tomar suas próprias decisões e, nesse sentido, ele não evolui, pois tem, hoje, o mesmo comportamento que tinha há 20 milhões de anos.

Javé não queria que ninguém se libertasse do seu jugo, daí a sua reação furiosa ao caso de Adão e Eva. Inclusive, ele queria que a espécie “*Homo sapiens*” fosse meio programada, meio robótica, porém, atualmente, **ele sabe que só as espécies que se libertam podem reprogramar suas mentes, e ele está sentindo mais o valor desse processo quando essa reprogramação se baseia em razões filosóficas sensatas e amorosas.**

No passado, aqueles que discordavam de Javé, criavam rebeliões. Entretanto, agora, por meio da “Revelação Cósmica”, estamos sendo

informados de tudo e ficamos em choque, porém nossos corações, estranhamente, pulsam numa tolerância, numa compaixão, numa espécie de solidariedade – ainda que algo forçada – para com esse Ser.

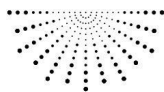
Como os constituintes fundamentais – que são os elétrons –, para formarem o DNA dos nossos corpos animais, podem se modificar através de uma mudança mental nossa, temos a responsabilidade pela administração dessas mudanças, ainda que Javé nos atrapalhe, porém sem nos impedir de tomarmos nossas próprias decisões. Como nos libertamos do jugo dele, não temos mais desculpas quanto aos resultados dessa administração, e isso é muito sério.

Os postulados da Física Quântica apontam que a “reprogramação mental” de uma pessoa interfere na sua “memória celular”, e por isso podemos entender que as moléculas de DNA presentes em uma célula terão marcado, na “memória dos seus elétrons”, a postura mental de uma nova programação. Esse processo é instantâneo e o novo *input* (nova “entrada”, portanto nova informação) vai se fixando como sendo a “nova memória da célula” – perceba que cada célula tem a sua “premissa”, a sua lógica”.

Tudo o que fazemos, nesta e em outras vidas, marcamos no DNA biológico dos corpos transitórios que utilizamos, como também, o fator resultante desse processo passa a se fixar na nossa “química espiritual”.

O fato é que, uma nova “atitude mental”, uma “nova intenção”, transmuta a frequência dos constituintes fundamentais – os elétrons – que formam os nossos corpos animais.

O CÓDIGO-FONTE DEFINIDOR DE VIDA



“ACREDITEMOS” ou não, compreendamos ou não, aceitemos ou não, **o elétron tem a sua “vida interior” dependendo da resultante das vibrações** que o mesmo se viu e se vê obrigado a colecionar. Essa “vivência”, difícil de ser sequer vislumbrada, empresta uma premissa temporária ao mesmo, e aqui ressalto, talvez, o maior enigma da questão, ou seja, ainda que todos os elétrons do universo material – por enquanto, propositadamente, não faço referência aos antielétrons do universo antimaterial, que possuem também as suas marcações íntimas – detenham as mesmas informações pela força do emaranhamento cósmico que promove a instantaneidade na troca de informações, cada um deles tem, contudo, uma premissa particular!

Isso é possível uma vez que, aqui, entra em jogo a **importância da “vivência local” de cada elétron, determinada pelo tipo de psiquismo que o possa ter diretamente impregnado com certos eflúvios espirituais, difíceis de serem retratados, mas que fazem diferença superlativa em termos de complexidade e de alinhamento vibratório com o que a condição humana entende ser o “bem” e o “desagradável”**. É nesse ponto que **se constrói ou não o vínculo profundo entre a premissa (possível preferência) do elétron e o psiquismo que o influenciou**.

Na Terra e em alguns outros mundos, a “condição do Javé reconstruído” foi encapsulada nos padrões e no *modus operandi* da molécula de DNA, gerada pelo seu poder mental. Essa “configuração” aponta, até os “tempos atuais”, para o inevitável surgimento de criaturas poderosas que se expressam, biologicamente falando, como seres predadores, astutos, ardilosos, desconfiados, com instinto desperto de **“sobrevivência a qualquer custo”**, impondo-se sobre os mais fracos, muitas vezes destruindo os mais

frágeis com crueldade monstruosa.

Essa criminosa prevalência representa tão somente o código-fonte definidor de vida (CFD) do Criador – ou o seu “DNA”, no caso da Terra e de alguns outros mundos – sendo espalhado pelos quadrantes da Criação, no seu estado bruto. Uma das faces mais cruéis desse estado, ou um dos ardis mais cruéis existentes na natureza, é quando um ser, antes de medir forças com outro, busca diminuí-lo, para que se sinta ou se torne mais fraco, de modo que o agressor/predador possa dominá-lo. Aqui aparece o caráter (ou a ausência de qualquer caráter) complicado desse Ser doente que, para poder se manter vivo, semeou o seu “Código-fonte Definidor Pessoal (CFDP)” em todo e em qualquer ser que existiu, exista e que venha a existir, como modo de se manter vivo. Desses, na natureza terrena, os que classificamos como predador, representam exatamente a sua “cara”!

Os elétrons que dão sustentabilidade a esse tipo de experiência foram e ainda se encontram sendo desgraçadamente marcados (diretamente) pelo psiquismo predador, que representa – vamos assim dizer – o primeiro “tipo de rosto” que o Criador conseguiu recriar para si mesmo, ao se tornar refém das condições de vida que foram emergindo no âmbito da sua Obra.

Estudando o DNA vindo de Javé, entendemos porque surgiram certas espécies como as aranhas, os crocodilos, os leões e as hienas, que são predadoras, conforme programação constante no DNA delas. Entretanto, o *Homo sapiens* é um predador consciente, por opção, o que é terrível e mesmo vergonhoso para quem já detém em si a “pílula vermelha” – uma alusão à trilogia de filmes “*Matrix*” – da compreensão adulta.

O fato é que conseguimos perceber a ligação de qualquer espécie de predador com o código-fonte definidor de vida (CFD) “doente”, do Criador Javé. Porém, na natureza terrestre, além das espécies de predadores, começaram a surgir espécies – e a ciência não sabe como explicar – com um DNA como o da vaca, que não é um predador.

Sob uma perspectiva cruel de análise, entenderemos que quem inventou as espécies que, praticamente, não têm defesa em relação aos predadores, o fez para que servissem de comida para eles. A outra maneira de pensarmos é que existia um DNA “doentio” do qual derivou um grupo de espécies predadoras, e que alguns seres mexeram nesse DNA “doentio”, procurando melhorá-lo – porque, quando se melhora o DNA das espécies, também se melhora o CFDP do Criador –, e esse melhoramento genético terminou por produzir espécies mais pacificadas que, infelizmente, servem de comida para

as espécies predadoras.

Esse “jogo da evolução” é uma tentativa de se melhorar o padrão de DNA, porque só assim os espíritos que transcendem esta Criação podem se imantar nesses corpos para fazerem com que o DNA evolua. Assim, as raças predadoras, um dia, se tornarão meros instrumentos de um processo evolutivo, mas a prevalência – sob a ótica espiritual – passará a ser das espécies libertas da necessidade de matar outro ser para manter a sua própria vida. A explicação para esta futura situação se baseia na questão de que os elétrons das espécies não predadoras comporão um outro possível “rosto”, a ser construído para o Criador “caído” quando ele superar o ímpeto assassino que a sua desgraçada necessidade de “sobreviver a qualquer custo” criou lá atrás, logo após a sua “queda” no âmbito da própria Criação.

Quando digo que a natureza terrestre é assassina, é porque entendo que quem a criou, o fez a partir de um DNA que faz com que até as espécies de plantas queiram dominar e se alimentar das demais ou produzam armadilhas para pegar insetos. Ou seja, espécies da natureza terrestre querem ser astutas ou ardilosas para poderem capturar outras e delas se alimentarem ou se utilizarem. A coisa é tão séria que o **próprio “Alcorão” diz que ninguém é mais astuto que Javé – como se ser astuto fosse algo maravilhoso. Contudo, essa é exatamente a ótica transviada dos seres extrafísicos, que louvam o que deveriam criticar, e que foram os responsáveis por essa revelação no “Alcorão”, e que não têm uma razão filosófica igual à nossa,** ainda que eles estejam aprendendo conosco a se humanizarem no sentido de terem valores, significados mentais que nobilitem as vidas que eles levam.

O fato – desconhecido para a cultura dos humanos, mas sobejamente conhecido nas páginas da cultura demo-antimaterial – é que, a partir de um certo momento da história universal, Vishnu e Shiva começaram a influenciar o “CFD básico do Criador”, além de outros seres, para que surgissem espécies menos predadoras ou não predadoras.

Os espíritos me explicaram que há um estranho ditame genético que faz com que a natureza de cada espécie seja exatamente como nós as observamos. Nesse jogo cruel, também ocorre uma evolução gradativa que as almas vão conquistando nas espécies animais não pensantes. Por exemplo, quase todas as raças de cães têm a característica de amar incondicionalmente e praticam isso – mesmo apanhando, eles amam sempre –, enquanto os gatos são seletivos, pois escolhem a quem vão amar e, geralmente, não amam a todas as pessoas da casa, como os cães fazem.

O código-fonte definidor de vida (CFD, ou DNA, no caso da Terra e de alguns outros mundos) é o resultado da “dança dos elétrons”, sendo este o único tipo de código-base definidor, presente, em algum percentual, no corpo de cada criatura, porque ele é a “condição” do Criador que foi encapsulada nos códigos de vida de qualquer espécie que já surgiu e que venha a surgir, neste ou no universo demo, vizinho ao nosso.

Através do repasse desse código-fonte – engendrado no universo paralelo, onde reside o Criador e sua “assessoria” *trimurtiana*, e de lá inoculado no que atualmente vivemos nós, as “criaturas biológicas de vidas curtas” –, muitas formas de vida surgiram no âmbito deste universo, para promoverem o próprio progresso, com vistas a alcançar a condição de repassar também o progresso conquistado para o “Dono dos elétrons”. Então, o modo que ele encontrou de fazer isso foi via a vibração pulsante do CFD, que pulsa porque os elétrons, que o marcam, “dançam” todo tempo, mudando de órbitas, o que é provocado pela atitude mental ou pelo psiquismo do ser que está no comando de um corpo cheio de elétrons no seu CFD, e também por outras injunções pertinentes à Criação. Dependendo de como a criatura-ferramenta se sinta ou pense, ela marca essa atitude mental no seu CFD, e assim, marca nos elétrons, e é depois disso que Javé sente, a cada segundo, a vibração que foi produzida pelo seu agente. **Sim, somos todos agentes desse Ser, ainda que escravizados ao processo, mas, agora, com possibilidade de transcendê-lo conscientemente!**

Na natureza, os genes “doentes” de predação vieram de Javé e jamais evoluíram, sob a perspectiva espiritual – é só observarmos as espécies da natureza terrestre. O poder de reformular esses genes, que cada um de nós tem hoje, é muito maior do que a capacidade de Vishnu, Shiva ou qualquer outro Super-Ser desse universo vizinho, um dia, no passado, sonharam em possuir ou já tiveram. Atualmente, essas Divindades não podem fazer mais nada a respeito, e só quem pode reformular esses genes são os espíritos que estão imantados em corpos que permitem a evolução espiritual no âmbito deste universo. Dentre esses corpos – segundo as notícias que por mais de 20 anos, de modo insistente, os amigos espirituais tentam me fazer aceitar –, a condição da natureza humana parece ser a mais avançada de todas as que anteriormente vieram a existir. Em outras palavras, **essa natureza psíquica é a “bebê da Criação”!** Contudo, esta condição precisa ser bem utilizada pelos psiquismos espirituais que a ela se encontram imantados (encarnados), e esse processo de aprendizado é o que se chama “evolução espiritual”.

Os genes melhorados, pacificados (como os de vacas e ovelhas), ou foram produto da evolução, ou de interferência de Vishnu e de Shiva. Já para os elétrons melhorados pela “vivência” na condição humana, o mérito pertence a cada consciência espiritual particularizada que se encontra vinculada ao seu respectivo personagem terreno.

Javé piora o “Código-fonte Definidor Pessoal (CFDP)” dele a todo instante, enquanto nós, os seres que estão em franco progresso espiritual – infelizmente, são poucos no Universo –, o melhoramos. Assim tem sido, e desse jeito será até que o seu psiquismo assuma um novo “rosto”, ou seja, se humanize de algum modo razoável.

Alguns anjos-clones tentam desesperadamente fazer com que entendamos o “pano de fundo” por detrás da relação que existe entre elétrons, código-fonte definidor de vida (CFD), criaturas-ferramentas – os humanos da Terra, por exemplo – e Javé, para que possamos ser úteis ao que eles precisam receber de nós, ou seja, novas e redentoras sequências genéticas, promovidas pelas mutações complexas advindas da ousadia e da singular criatividade emocional e filosófica que, por enquanto, parece que somente os terráqueos esclarecidos podem produzir. Infelizmente, na Terra, **a “fé infantilizada” tem atrapalhado bastante o processo da evolução humana.**

Ao contrário do que fomos condicionados a pensar, na condição deplorável em que esses seres extrafísicos estão, nós não precisamos receber nada deles. Em outras palavras, esses seres nada têm a dar à condição humana. Contudo, devido ao sofrimento humano advindo do modo como vivemos nesse “vale de lágrimas”, fomos condicionados a pedir que eles e os considerados santos – ou coisa do gênero – interfiram, no sentido de produzir bençãos e graças.

Já é hora de pararmos de conduzir as nossas crenças de modo primitivo e procurarmos compreender, de maneira adulta, a realidade que nos envolve, pois o nosso tipo de crença não nos levou a lugar algum e já não tem mais como produzir algum progresso por meio das nossas atitudes aprisionadas no âmbito da fé pouco esclarecida, e somente as nossas consciências despertas para a responsabilidade existencial é que terão o condão de fazer com que haja futuro para nós e para Javé.

Nós pensamos que existimos, que somos importantes e que somos “isso e aquilo”. Entretanto, em toda esta Criação – universo material (biológico) e universo antimaterial (demo), que irromperam juntos a partir da tal singularidade que surgiu há cerca de 13,8 bilhões de anos –, as únicas coisas

“eternas” e que realmente existem são os elétrons, os códigos-fontes definidores (CFDs) das espécies surgidas até agora e as egrégoras (ver a nota 21) que os psiquismos pessoais, agregados a esses CFDs ou DNAs, produzem.

Nota 21: Egrégora é um campo de energias extrafísicas, formado no plano astral a partir das emoções e pensamentos liberados por um grupo de indivíduos com o mesmo padrão vibratório e/ou carmicamente vinculados a um mesmo padrão de circunstância, seja este positivo ou negativo, agradável ou não.

O corpo de cada um de nós é resultado de um “amontoado” de elétrons organizados sob a forma de um ser vivo, definido pelo seu CFD ou DNA. Quando o DNA vibra, essa vibração é registrada numa egrégora e, como produto disso, surgem as formas complexas que os elétrons produzem no universo material, ao longo da evolução biológica, como também as formas complexas que surgiram por meio dos antielétrons – e que não mais surgem porque não deram certo – no universo demo (o universo antimaterial, paralelo ao nosso). Os anjos-clones e os demos, de várias classes, são as formas complexas que os antielétrons produziram e que “faliram” em meio ao caminho evolutivo que lhes era possível – se é que efetivamente, naquelas condições horríveis em que sempre viveram nesse universo vizinho, um dia foi possível alguma evolução.

A ciência afirma que, há cerca de 3,8 bilhões de anos (ou após 800 milhões de anos da formação da Terra), surgiu o primeiro código-fonte definidor de vida ou DNA – a molécula-mãe, ativada em 3 a 5% para a produção de proteína – neste planeta. Nunca houve um outro DNA, mas somente o primeiro, que foi se replicando continuamente e inundou a Terra com seres unicelulares. Em outras palavras, jamais existiu um outro código de vida nem neste ou no outro universo vizinho. Durante 3 bilhões de anos, tudo o que esse CFD ou DNA fez, foi se replicar no ambiente terreno, sem gerar seres pluricelulares. No decorrer desse processo, por exemplo, as bactérias – micro-organismos unicelulares – foram adquirindo características específicas, de acordo com o meio em que viviam. Elas apenas se adaptaram às muitas maneiras de sobrevivência, de acordo com o ambiente em que se encontravam, mas nunca deixaram de ser “bactérias”. A ciência estima que, dos 100 trilhões de células encontradas no corpo humano, 90 trilhões são de

micro-organismos unicelulares – que vivem hospedados em nossos corpos –, e somente 10 trilhões de células são, de fato, pertencentes ao corpo de cada um de nós.

Então, na Terra, muito antes de existirmos, havia somente organismos unicelulares, porque eles não queriam se unir para formarem os organismos pluricelulares, pois no âmbito desta Criação ninguém jamais confiou em alguém. As próprias bactérias padecem dessa herança maldita, e essa “doença da desagregação” foi devida a Javé, lá no passado, quando o legado de não confiar em nada e em ninguém foi passado, por ele, para todos os CFDs “semeados” em vários mundos. Em decorrência desse problema, **os organismos unicelulares nunca se juntaram naturalmente para formar um corpo com duas, ou mais células** – ou seja, organismos pluricelulares.

Os mentores espirituais dizem que, em outros mundos, além da Terra, também foi “semeada” a molécula-mãe, ativada em 3 a 5% no campo da produção proteica, que é o enigmático “pulo do gato”, que faz com que de um líquido (o DNA, que é um ácido) surja um corpo carnal. Depois, fora da Terra, os Engenheiros Siderais conseguiram obter o salto de organismos unicelulares para organismos pluricelulares, mais complexos, quando esses seres unicelulares foram obrigados a se unir **após a aplicação de uma força de agregação que superou a de desagregação** – ressalto que não foi nada democrático! Então, esses seres pluricelulares foram trazidos para a Terra, e passaram a evoluir, criando corpos mais complexos (ver a nota 22). Com o passar do tempo, surgiram os peixes no mar, e alguns destes peixes foram para a terra, surgindo, assim, os anfíbios, os mamíferos, os primatas e os humanos, nessa ordem. Portanto, todos os seres pluricelulares terrestres, que surgiram da evolução, são produtos de seres unicelulares, dos DNAs deles.

Nota 22: Estima-se que a origem dos pluricelulares tenha ocorrido no período pré-cambriano, entre 600 a 900 milhões de anos atrás, provavelmente no fundo de oceanos e mares. Os corpos pluricelulares macho e fêmea nasceram no seio da chamada explosão de vida cambriana, ocorrida há cerca de 540 milhões de anos.

Assim, sob uma certa ótica, como os CFDs têm elétrons “escondidos” nos átomos que os hospedam, a única coisa que existe, que é real, são os elétrons. Os elétrons se organizam nos CFDs e, quando esses códigos criam corpos mais sofisticados – como os de uma cobra ou de um jacaré –, para cada corpo

surge um psiquismo, ou seja, um conjunto de características psicológicas e de processos mentais vinculados a um tipo de cérebro específico da espécie, e esses evoluem. Quando os primatas surgiram, uma certa espécie deles se humanizou e os psiquismos de seus integrantes se tornaram racionais.

Ao morrer, um corpo volta a liberar seus elétrons, mas cada um deles não perde as informações que colecionou durante a vida desse corpo, que era conduzido por uma consciência. Quando essa consciência novamente vai assumir um outro corpo carnal – processo que chamamos de reencarnação –, e o emaranhamento dos elétrons recebe, por meio da “explosão magnética” que um óvulo produz ao ser natural ou artificialmente fecundado por um espermatozoide, a “notícia” de que o psiquismo que “assinou sua vibração espiritual” neles voltou a “entrar em campo para o jogo da vida”, uma superlativa força de atração atua para que o reencontro vibratório entre esses elétrons e o novo corpo venha a ter lugar.

Sei o quanto isso pode parecer estranho, mas o processo acontece, compreendamos ou não, e aceitem ou não os que se aclamam como autoridades religiosas ou os que possam vislumbrar o pensamento científico.

Como informado, a matéria é formada por microconstituintes, que são os átomos, com um núcleo atômico – formado por prótons e por nêutrons – e uma eletrosfera, onde estão os elétrons (ver as notas 9, 10 e 11). Prótons e nêutrons vibram no átomo, quarks vibram nos prótons e nêutrons, e elétrons estão em constante movimento em torno do núcleo atômico.

Conforme já exposto, das partículas subatômicas, o elétron é o único que grava nele tudo o que ele experiencia – isso é o que a ciência percebeu –, e o grande detalhe, já ressaltado, é que a quantidade de elétrons que existia no primeiro instante do “*Big Bang*” é a mesma que existe hoje no universo. Por isso eles são a única coisa “viva” que existe há 13,8 bilhões de anos, sendo “protagonistas” e, ao mesmo tempo, “repórteres”, “filmando e gravando” neles tudo o que “vivenciam”. Todos os elétrons do corpo de um ser, quando esse corpo morre e vira pó, guardam tudo o que ele experienciou, além de tudo o que existiu para trás, desde o primeiro momento do universo. Isso se chama “rede *akáshica*”, ou “rede *akásica*”, que é a base de informação de tudo o que já foi produzido desde que os elétricos surgiram dentro do contexto desta Criação.

A questão é que os elétrons vibram o tempo inteiro e, quando há elétrons que estão organizados no DNA de uma mesma espécie, esses vibram do

modo como o psiquismo daquela espécie funciona. A nossa espécie *Homo sapiens*, por exemplo, tem 25.869 genes no seu DNA (ver as notas 3 e 4), e esse código-fonte, que define o que é o ser humano, vibra de tal maneira que todos os pensamentos e sentimentos da espécie humana, além de estarem registrados em todos os elétrons dos corpos da nossa espécie, também estão gravados nos demais elétrons do universo, porque os elétrons trocam informações.

O que um elétron vivencia, ele avisa ao resto, e isso já ocorre incessantemente há 13,8 bilhões de anos, e o CFD de uma protoespécie termina criando algo que chamamos de “campo morfogenético”. O campo morfogenético de uma determinada espécie começa a colecionar os hábitos mentais e emocionais dos seres daquela espécie, e surgem, então, o que nomeamos “egrégoras” (ver a nota 21). Ainda que essa espécie seja extinta, a egrégora relacionada a ela permanece, porque o Ser que chamamos de “Javé” foi a primeira egrégora formada nesta Criação, quando ele se reconstruiu no universo paralelo ao nosso, após a sua “queda” – essa foi a única maneira que ele conseguiu, então, para se reconstruir.

Javé é uma egrégora “mutante”, que até hoje se apropria, ou seja, assume e procura manter os CFDs das espécies que foram surgindo com a evolução ao longo desses 13,8 bilhões de anos. Ele é uma egrégora – repito –, é um corpo holográfico. Entretanto, Javé não é eterno – por estar, de tempos em tempos, se “restituindo” ao se alimentar das demais egrégoras de suas criaturas-ferramentas – dentro desses 13,8 bilhões de anos, nem nós, nem ninguém. **O que é “eterno” são os elétrons, as egrégoras e os CFDs, e isso enquanto a sua Criação perdurar. Quando esta findar, as informações remanescentes da mesma estarão registradas nas consciências espirituais que emprestaram os seus concursos** para que esta tresloucada e criminoso aventura pudesse ter um fim, como atualmente se pretende. Javé recolhe as informações que os elétrons trazem para ele por meio das egrégoras, porque **ele é a egrégora central do processo.**

Nós, do universo material, existimos para modificar os padrões das egrégoras que surgiram desde o início da Criação. Cada nova espécie que surge com a função de ser uma “ferramenta” que, dependendo do grau de requinte de seus pensamentos e sentimentos, possa modificar o modo como o CFD se organiza, com seus milhares de genes, seus trilhões de bases nitrogenadas e seus milhares de códons que formam um gene. E os elétrons são os agentes que capturam a informação e a repassam, e quando estão

organizados no código-fonte, ou seja, no CFD (ou DNA, no caso da Terra e alguns outros mundos), ou genoma de um ser complexo, também produzem informação capturada através do psiquismo de cada ser.

Quando alguém movimenta o seu genoma de maneira diferente e isso produz uma vibração refinada, distinta das vibrações desta humanidade, os seres extrafísicos se espantam.

Os elétrons, de tanto receberem informações complicadas – deletérias –, se “infectaram” a tal ponto que passaram a não mais quererem registrar certos tipos de informação. Foi com o genoma (CFD ou DNA) da espécie humana terráquea que isso começou a acontecer de forma absolutamente marcante. E nós somos meio que vítimas disso, e também agentes desse processo – agimos, transformamos a informação e recebemos o efeito do que modificamos.

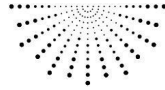
A espécie humana terminou sendo uma “trupe” que encena a vida num “palco de uma peça” cujo diretor deixou de cumprir o seu papel há muito tempo. Assim, sem diretor, sem roteirista, mas apenas com o “cenário” que ainda está de pé, nós, os atores e atrizes, continuamos a “encenar e a improvisar a peça” chamada por mim de “*a vida como ela é*”, neste planeta-palco chamado Terra.

Desde que Pandora – personagem da mitologia grega – racionalizou pela primeira vez uma egrégora vinculada a corpos da espécie *Homo sapiens*, os elétrons conectados às egrégoras humanas estão sendo continuamente modificados num padrão de requinte extraordinário, cuja aventura existencial mal começou.

Como um ser demo – habitante natural de um dos *genos* ou “moradas”, ou *lokas* (expressão sânscrita) que compõem o universo paralelo ao nosso –, ao fazer um movimento de consciência inusitado, Pandora promoveu uma espécie de mutação geral e instantânea no padrão interior dos seus antielétrons – pois que esse ser se transformou em mulher biológica, do mesmo “modo misterioso” que, de uma gota de ácido (DNA), surge um corpo carnal replicado. Enfim, com essa modificação profunda na premissa lógica dos antielétrons, foi implantado, definitivamente, nos elétrons do lado de cá, pela sua mente, o modo de ser, de sentir e de agir que hoje observamos na natureza humana.

E a “peça” continua!

A VIDA DO CFD DE JAVÉ NO SER HUMANO



A VIDA do CFD de Javé vive em cada um de nós, enquanto o condicionamento nos faz pensar que somos nós que vivemos a vida – isso é assunto para reflexão de gente adulta.

Por isso que a “vida nos vive”, ao mesmo tempo em que a sensação e o poder de *maya* – o de cegar com a ilusão, e não o de revelar a verdade – **faz com que pensemos que somos senhores da vida que levamos. Esse é o mistério por trás do “favor divino” do qual os nossos espíritos são os agentes da Deidade, na sua ajuda às Divindades problemáticas.** Eis a chave de toda questão! Nisso reside também o modo que está disponível para que cada ser possa “emancipar o seu psiquismo”, tornando-se livre, enquanto contribui para a arquitetura da “vida reconstrutiva” desse Cocriador “caído”, ao mesmo tempo em que, aparente e paradoxalmente, vive a sua própria vida transitória neste universo.

Na minha perspectiva pessoal, eu “brigo”, filosoficamente falando, com alguns desses seres extrafísicos (Brahma, Vishnu e Shiva) que suportam minha companhia vibratória – sem que por isso procurasse, acabei me vendo forçado a circunstancialmente conviver com esses seres –, dizendo que eles “faliram” e transferiram para nós uma responsabilidade que não é nossa.

Uma inteligência não deveria criar outras para delas se servir, com base em algum propósito nobre ou não. Entretanto, essas Divindades criaram outros seres inteligentes (como nós), que são as criaturas-ferramentas desse processo, para, num primeiro momento, fazerem o que elas não podiam mais realizar e, numa segunda etapa, em que elas perceberam que não mais podiam conduzir esse processo, geraram – ou alguém gerou para elas – o livre arbítrio para que espíritos individualizados, criados “simples e

ignorantes”, um dia pudessem se tornar criaturas esclarecidas e potencialmente amorosas, possibilitando a conclusão de uma Obra que foi começada de modo equivocado.

Esses assuntos são tão fortes e impactantes que não podem ser motivo de crença. A fé, enquanto crença infantilizada, sempre foi o condicionamento desta humanidade, porém esses temas só devem ser encarados com base na crítica intelectual, no esforço intelectual profundo, na tentativa de descobrir o que pode ser entendido como verdade, independente dessa ser agradável ou não.

Tudo que vemos nesse universo espelha beleza e problema de modo conjugado, o que é um paradoxo, uma dicotomia extremamente estranha. A verdade está muito mais além daquilo que ousamos pensar como sendo o produto pretensamente ofertado através das revelações das religiões. Cada um de nós é 100% responsável pelo que faz e pode ser feliz mesmo vivendo nesta Criação, que é um “palco de horrores”, mas de muita ousadia e desafios, onde também podemos nos encantar com muitos aspectos da parcela de beleza que existe na mesma.

A feiura que hoje pode marcar nossas vidas não é mais a de Javé, porém a nossa própria, já que somos livres para sermos o que quisermos ou pudermos ser. Quem nos impede de sermos menos imbecis somos nós mesmos. Ainda que este “vale de lágrimas” tenha sido criado e “infectado pela sua sujeira pessoal”, os únicos adversários que nos impedem de evoluirmos são a nossa preguiça e os nossos condicionamentos – por exemplo, quando temos, diariamente, que dormir de 8 a 10 horas, que ver novela durante 3 horas, e que almoçar e jantar –, e a vida material passa, e os projetos da nossa alma, do nosso psiquismo, ficam esquecidos.

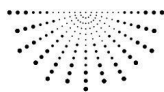
No último filme “*O Retorno do Rei*”, da trilogia “*O Senhor dos Anéis*”, adaptado do livro de Tolkien, Frodo é atacado por uma aranha, e ele pede ajuda a uma elfo que lhe diz que a tarefa é dele e que só ele poderia realizá-la, pois ninguém a faria por ele. De modo similar, cada um de nós deve encontrar o próprio jeito de realizar o seu projeto de despertar espiritual, de emancipação pessoal, com todas as dificuldades da vida. Se nós não o fizermos, ninguém o fará por nós.

Jesus não nos pode salvar, nem nenhum ser salva outro nesse processo de vida da Criação de Javé. Eles podem nos ajudar, todavia nós é que temos que despertar, no nosso psiquismo, a pacificação e a emancipação das nossas consciências – esse é o verdadeiro despertar espiritual, na sua noção mais

profunda. Tornar-se religioso não significa necessariamente se espiritualizar – tornar-se espírita, muito menos. É preciso bem mais! O espiritismo é um excelente caminho, mas tudo depende do modo como se caminha pelas estradas na vida. Do modo que estão sendo praticadas, as religiões parecem mais com obstáculos do que com portais de crescimento espiritual.

Tudo o que nosso DNA sente, quem sente é o “Dono do DNA”, o “Dono dos elétrons”, porque ele teve que criar esse “jogo” para que nós pensássemos que somos esses personagens que vivemos em cada vida, enquanto Javé é que as vive, de fato. Esse assunto está expulso dos centros espíritas porque ele fere a crença dos seus adeptos, referente à pureza dos ensinamentos do espiritismo, mas eles não fazem ideia do quanto os espíritos imploram que nós veiculemos isso – ainda que tenhamos que “pagar o preço da aparente esquisitice”. Entretanto, esquisito mesmo é quem cega a sua própria consciência no sentido de perceber a verdade, devido ao simples fato de pensar que já a encontrou. Afinal, orgulho, cegueira e ignorância sempre caminharam juntos, hospedados nos psiquismos de sempre – que são os velhos postes, com suas luzes queimadas, e que ficam à margem das estradas da vida. Enquanto isso, alguns caminham da maneira que podem!

A “CRIATURA UNIVERSAL”



O APARENTE MISTÉRIO – o maior de todos – reside no fato de que o repasse da energia amorosa de uma espécie cósmica ainda por surgir, mas que nos meus livros a denomino como sendo a da “Criatura Universal” livre e mentalmente emancipada, será a única força capaz de, tanto na atualidade como no futuro longínquo do tempo universal, contribuir decisivamente com a redenção pessoal do Criador.

Ainda não o sabemos, mas os terráqueos pensantes são tão somente a primeira espécie a servir de base para um processo de especiação que ora se inicia, e do qual serão desdobradas outras subespécies humanas, tanto biológicas como transumanas, começando uma nova fase de colonização e/ou de povoamento de mundos diversos, porque assim importa para o bem do futuro universal, do Criador e de todas as criaturas-ferramentas surgidas no âmbito da sua Obra.

O **“jogo da marcação energética”** na “intimidade dos agentes ou partículas mentais desagregadas do Criador” **mudou devido a “um quê de imposição” de certa massa crítica de elétrons que não tinham mais como receber tanta “infecção informativa” nos seus “circuitos internos”** – portanto, o vício da “prece fervorosa”, o “temor” e a submissão”, nenhuma dessas posturas psíquicas de suas criaturas-ferramentas, desde então, podem mais influenciar o Criador no estado em que ele se encontra. **Eis o “problema”!** – e este teve início entre os anos 2007 e 2016 do calendário terrestre.

O psiquismo precisa ser emancipado para ajudar a vida reconstrutiva desse Ser – eis o “mistério dos mistérios”, pois isso significa exatamente o oposto do que ele sempre pretendeu, que era dominar as suas criaturas-

ferramentas.

O CFD de Javé piora a todo instante porque, por exemplo, todas as doenças possíveis de um humano terrestre ter, ele as tem ou já as teve. Nas criaturas-ferramentas dessa reestruturação dos elétrons mentais de Javé, tudo que existe é o que o CFD delas pode formatar – então, nós só temos as doenças que o nosso DNA possa formatar a causa dela ou despertar, no chamado “DNA-lixo” do genoma humano, as “marcações infectadas” que ali se encontram artificialmente adormecidas.

Ninguém pode ter uma doença que não esteja registrada no seu DNA, e isso implica que, para qualquer doença, ou o “Dono do código-fonte definidor de vida” já a teve ou a está tendo naquele momento. Os amigos espirituais insistem em dizer que todas as doenças que nós possamos imaginar, dentro da possibilidade de reprogramação ou reagrupamento dos genes presentes no genoma humano, o Criador já as teve ou ainda as tem.

O que nós chamamos de “cura”, somente quem tem atitude mental limpa e amorosa pode realizá-la em si mesmo. Nós podemos construir isso nos nossos psiquismos, porém Javé e seus anjos-clones não o podem fazer.

O CFD dele e dos anjos-clones piora a cada momento porque as mentes deles não sabem fazer o contrário, pois eles estão apenas programados para processar informações e não conseguem, ainda, processar significado mental. Neles, não existe “gatilho psicológico” para tanto porque os seus cérebros não dispõem desse programa mental.

Nós, os seres humanos, nos tornamos livres desse jugo porque Pandora (na versão mitológica grega) e o casal Adão e Eva (na ótica judaico-cristã, “devido à influência da serpente, comeram a maçã”) despertaram para o discernimento do que é “certo” e do que é “errado”, ou seja, passaram a processar valores, significados mentais, o que não faziam antes. Além dessas duas “interferências” havidas no padrão do DNA humano, ainda existe a proveniente da mitologia suméria, que atribui a um ser extraterreno, chamado Enki, a manipulação genética decisiva para o surgimento do gene “FOXP2”, que permite o uso dos símbolos mentais e, portanto, a comunicação por meio de sinais e de palavras, o que, por sua vez, propicia a racionalidade.

Existem diversos mitos que falam da “serpente”, vinculando-a a movimentos de rebeldia ou a movimentos algo dionisiacos, no processo da evolução da raça humana.

Friedrich Nietzsche, filósofo prussiano do século XIX, nascido na atual Alemanha, falava muito das visões apolínea e dionisiaca – referente aos

deuses Apolo e Dionísio, do panteão grego –, que ele tinha da humanidade. Apolo era muito impositivo e queria que a humanidade fosse como um rebanho, onde todos obedecessem e agissem do mesmo modo. Dionísio, entretanto, era – vamos dizer – algo desorganizado e meio rebelde, e defendia que todos deveriam viver plenamente, desde que pagassem o preço da própria aventura, sem se submeterem coletivamente a um domínio. Segundo Nietzsche, essas duas visões antagônicas sempre marcaram o processo evolutivo da espécie *Homo sapiens*.

Nietzsche aponta que os homens e mulheres que promoveram o progresso humano, acendendo luzes, todos eles eram dionisíacos, e Jesus era o mais dionisíaco dos seres humanos – e eu concordo com ele. Ainda segundo Nietzsche, a visão apolínea não produz, necessariamente, o progresso da humanidade, apenas mantém a ordem.

Todos os dionisíacos foram, em algum momento, chamados de “hereges” ou de “rebeldes” e, nas análises, isso tem a ver com a “serpente” Lúcifer ou com a “serpente” Enki – um “deus anunnaki ou nephelim”, da mitologia suméria-acadiana. Os anunnaki são subproduto de um problema que houve na “Rebelião de Lúcifer”. A “Rebelião de Lúcifer” é muito anterior à história de Enki na Terra, então, a “serpente” pode ser associada a Lúcifer ou a Enki ou a outro rebelde. Entretanto, penso que, de fato, seria mais apropriado vincular a “serpente” às figuras de Pandora e de Lilith, que é outro personagem estranho e marcante do processo que levou à racionalidade humana – mas isso é outra história!

Nossos irmãos da natureza terrena (insetos, répteis, mamíferos e primatas) só processam informações – eles não processam significado mental – portanto, eles não têm essa noção de certo ou errado que nós temos.

Javé e os anjos-clones estão em um estágio intermediário entre a nossa espécie *Homo sapiens* e as demais espécies da natureza terrestre, então, eles não conseguem atinar com o que seria correto para eles pensarem e poderem, assim, suavizar os CFDs deles. Eles apenas estão se repetindo numa mesmice vibratória, e achavam que o temor e a prece fervorosa, através da fé fundamentalizada em padrões de radicalismo e de submissão total, poderiam alimentá-los. Decorridos milênios de fracasso, mesmo quando os fiéis se voltam para Meca com todo o respeito que dedicam a Alá/Javé, isso não mais ajuda a pacificar o CFDP (Código-fonte Definidor Pessoal) dele, mas ao contrário, ele está começando a se “desgastar” com isso que ele mesmo provocou.

Na Terra, temos as religiões impositivas, criadas na tentativa do Criador em voltar a nos dominar – após perder o controle sobre Adão e Eva –, através do medo e da submissão a Brahma (bramanismo), a Javé (judaísmo) ou a Alá (islamismo). O cristianismo também é impositivo, como o catolicismo, ainda que Jesus não o tenha sido – muito pelo contrário. Temos, também, doutrinas filosóficas, como o budismo, o espiritismo sonhado um dia como doutrina filosófica, espiritualista e decifradora da realidade, e o taoismo, porém, todas terminaram virando religiões devido ao modo infantil como praticamos os processos religiosos.

Javé é o principal responsável por ter se criado o bramanismo, o judaísmo e o islamismo, que são religiões exclusivistas, de submissão, o que impede o progresso espiritual. Javé também promoveu o cristianismo – catolicismo e protestantismo – ainda que, conforme seus critérios, Jesus o tenha traído e daí os seus diversos desdobramentos, que terminaram surgindo.

Todas essas religiões se referem a um contexto de submissão que não resolve, quanticamente falando, o “problema” do CFDP do Criador. As suas criaturas-ferramentas precisam se emancipar para poderem repassar energia amorosa, porque essa é, na atualidade, a única força capaz de contribuir com a redenção pessoal do Criador – e tudo isso se dá através da “dança dos elétrons”, contudo não se pode falar sobre essa questão dos elétrons para quem nunca ouviu falar do “problema” de Javé.

Segundo os seres extrafísicos, foram necessários 13,8 bilhões de anos para que surgisse, nesta Criação, uma espécie com as características de razão filosófica e senso crítico refinados, como os que marcam as personalidades dos seres humanos terráqueos.

Em isso sendo verdade, há algo de singular no fato da espécie *Homo sapiens* ser, atualmente, a mais nova deste universo – nós só surgimos, morfológicamente, há cerca de 300 mil anos, e com a mente desperta, à moda de Adão e Eva, há cerca de 50 mil anos. Sob essa perspectiva, a espécie *Homo sapiens* é o resultado de uma longa caminhada de 13,8 bilhões de anos, e é a única que tem uma razão filosófica e senso crítico que não existem, nestes termos, em qualquer outra civilização desta Criação – existe próximo, mas não igual ou melhor.

Esse nível de compreensão que hoje marca a espécie *Homo sapiens* é suficiente para que tenhamos um senso crítico que nos permita concluir que Javé está com “câncer”, ou que sua Criação apresenta “defeitos”, mas, ao mesmo tempo, só visualizamos o que a nossa mente já compreende, enquanto

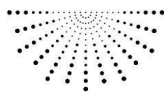
que as mentes dos anjos-clones foram condicionadas a só compreenderem as coisas já estabelecidas, então, ao olharem para Javé, eles o veem sem enxergarem o “problema” dele ou não acham nada demais alguém ser do jeito que ele é ou do jeito que eles são – programados e algo robotizados –, e por isso só percebem “coisas maravilhosas” em Javé.

Nós temos senso crítico para sabermos que não há aprendizado quando um anjo de Javé manda Abraão matar o próprio filho, e quando outro anjo – Gabriel –, deixou o pai de João Batista mudo porque ele não acreditou que, aos 90 anos, teria o primeiro filho. Entretanto, na ótica deles isso é tudo muito natural, ainda que para nós seja algo violento, pois nós temos senso crítico superior ao deles – ou seja, para eles, nós somos apenas uma espécie biológica criada para evoluir neste “zoológico” chamado Terra. Enfim, éramos e ainda somos um “bando de cobaias” para serem manipuladas, só que, algumas “cobaias”, de tanto serem violentadas pelos seus manipuladores, terminaram percebendo quão fracos e dementes eles são.

De fato, somos uma mera espécie biológica criada em experiências de manipulação genética cujo resultado final surpreendeu a todos, porque somos superiores a eles em razão filosófica, em senso crítico e em capacidade amorosa – eles não amam ninguém.

Se isso for verdade, nós somos os únicos, no universo, a conseguir identificar o “problema” de Javé, criticar o processo e, ao mesmo tempo, não deixar de amá-lo. No passado, quando se percebia um pouquinho do “problema” dele, já se criava uma rebelião – Yel Luzbel (Lúcifer) percebeu um “detalhe” que resultou na “Rebelião de Lúcifer”. Agora, já se percebeu muito do “problema” de Javé, porém não surgirá nenhuma rebelião de criaturas-ferramentas por causa disso. Estamos todos tão cansados, aflitos e atordoados que não temos mais disposição para atitudes estéreis desse tipo.

RELAÇÃO ENTRE A MENTE E OS ELÉTRONS



AS LEIS fundamentais da Biologia e da Físico-Química, associadas às influências ambientais, comandam a movimentação dos elétrons, porém é o **psiquismo**, ou seja, o conjunto de características psicológicas e de processos mentais, que surge como decorrência da imantação de uma consciência espiritual a um corpo transitório, **que marca os elétrons**.

Na atualidade cósmica-espiritual comum a esta Criação, dentre todos os seres que existem no seu âmbito – anjos-clones, demos e biológicos –, a espécie *Homo sapiens* é a que mais influencia os elétrons e antielétrons com suas atitudes mentais.

Nos átomos, os prótons e nêutrons estão no núcleo, enquanto os elétrons estão na eletrosfera, onde “saltam” de uma órbita para outra. Em um átomo, o número de prótons é igual ao número de elétrons. Por exemplo, o átomo de hidrogênio tem um próton e um elétron, e o carbono tem seis prótons e seis elétrons. Como os elétrons pulam de uma órbita para outra em um mesmo átomo, e de um átomo para outro, **eles são aqueles que levam e trazem informação** – eles são os “fofoqueiros do universo” e nós precisamos compreender isso. Então, os elétrons estão em todos os lugares, seja sob a forma de elétrons livres, ou elétrons associados a um átomo, ou a um elemento químico ou a uma molécula.

Quando corpos complexos – o corpo humano, o de um leão ou de uma cobra, por exemplo – surgem, eles funcionam como um repositório de elétrons, uma espécie de “ilha de entropia” que vai permitir a uma forma viva produzir informação durante o tempo em que ela suportar existir. Em um corpo humano, por exemplo, estima-se que existam uns 100 trilhões de células, sendo que aproximadamente 10 trilhões são realmente do nosso

corpo, dos nossos órgãos. Cada célula dessas é composta por muitas moléculas, e cada molécula é formada por átomos.

Um elétron de uma pedra vibra, mas sem muita interação com as demais. Entretanto, se esse elétron passa a existir num corpo vegetal ou num corpo animal, ele começa a interagir com o meio ambiente.

O elétron, além de receber informações dos demais – por exemplo, os elétrons que estão no meu corpo e nos de outras pessoas se comunicam o tempo todo entre eles – existe de modo independente. Quando uma pessoa morre, os elétrons do corpo dela não se perturbam, pois eles estão numa perpétua movimentação e numa perpétua transformação do que marcam neles mesmos em relação às modificações exteriores do universo ao qual eles estão submetidos.

Estar num corpo de peixe ou num corpo de cobra era indiferente para eles, até que, com os mamíferos, surgiu algo chamado “zelo consanguíneo maternal”, e os elétrons dos corpos dos mamíferos começaram a gostar daquilo. Com o aparecimento do *Homo sapiens*, surgiu o amor e, então os elétrons dos corpos de humanos amorosos passaram a gostar mais ainda desse sentimento extremamente refinado.

Os elétrons de uma parede estão vibrando tanto quanto os de um corpo humano, mas os elétrons da parede não estão associados ao ambiente e ninguém os comanda, enquanto os elétrons do corpo humano, em tese, vão para onde esse humano mandar. Uma pessoa marca, nos elétrons do seu corpo, o produto do seu psiquismo – por exemplo, quando eu penso que sou Rogério, apropriado em mim mesmo, a todo instante, meus pensamentos, sentimentos e sensações, marcando-os nos elétrons do meu corpo. Os elétrons de uma parede não são marcados por ela, mas se eu encostar minha mão nessa parede, aí, os elétrons do meu corpo se juntam com os elétrons dela, e eles passam do meu corpo para a parede e da parede para o meu corpo, e não param. Eles não param nunca, porém, os que estão associados diretamente a uma mente, se subordinam temporariamente ao que essa mente marca neles, e eles não podem fazer nada.

Como já ressaltado, as movimentações dos elétrons que estão associados a corpos inertes (corpos inanimados ou sem vida) são comandadas pelas leis fundamentais da Físico-Química, enquanto os elétrons que estão associados a corpos vivos, obedecem às vontades desses corpos vivos – ou seja, os elétrons do meu corpo vão comigo para onde eu for.

As leis fundamentais da Físico-Química fizeram com que surgisse o

hidrogênio, que se junta com outros hidrogênios e formam estrelas, que produzem mais elementos químicos; quando uma dessas estrelas explode, ela cria uma massa de elementos químicos, que fica girando no espaço, e dela surge outra estrela, mas como essa nova estrela não fica com toda a massa, a massa restante vai se transformando em planetas, que ficam girando em torno dessa nova estrela – ou seja, as leis fundamentais da Físico-Química é que comandam a movimentação de elétrons associados a corpos inertes.

Novamente explicando e, agora, acrescentando um outro painel à movimentação dos elétrons, enquanto não existia vida, apenas as leis fundamentais da Físico-Química – que foram pensadas antes da expressão deste universo, antes da singularidade – é que comandavam os elétrons. Ainda hoje, os elétrons são comandados pelas leis fundamentais da Físico-Química, porém, quem marca o interior deles – aí, não são as leis fundamentais da Físico-Química – é o psiquismo que surge decorrente da imantação de uma consciência espiritual a um corpo transitório qualquer, seja um corpo não biológico (extrafísico: anjo-clone, demo ou demol) ou biológico (extraterrestre: demobio, biodemo ou biodemol; e terrestre: vegetal, animal ou hominal).

Como é o psiquismo de corpos vivos – que têm espíritos imantados a eles – que marca, por dentro, os elétrons desses corpos, os elétrons de corpos inertes, por eles não terem um espírito, não terem um corpo vivo, não são diretamente marcados por dentro enquanto eles vivenciarem essas condições inanimadas. Entretanto, se os elétrons de um corpo inerte passarem a fazer parte de um corpo vivo, eles serão marcados por dentro.

Fazendo-me algo repetitivo para facilitar a compreensão em matéria tão inusitada, novamente ressalto que os elétrons do corpo de um humano, de um jacaré e de um inseto, por exemplo, são marcados pelo psiquismo respectivo de cada ser, porque cada genoma de um organismo está codificado no seu CFD (ou DNA, nesses casos citados), que define um tipo de psiquismo que vai afetar um determinado aglomerado de elétrons. Cada espécie – de macaco, de cachorro, de gato, ou de peixe, por exemplo – tem o seu jeito de ser, de viver e de interagir com a realidade, e vai marcar, por dentro e de modo específico, os elétrons aglomerados nos corpos daquela espécie.

Nesses 13,8 bilhões de anos, de todas as espécies que surgiram no universo antimaterial (formado por antiprótons, antinêutrons, e antielétrons), como também neste universo material (formado por prótons, nêutrons e elétrons), a espécie que marcou e marca mais fortemente os elétrons é a dos

humanos da Terra.

Segundo o que os espíritos afirmam, na Criação de Javé, decorridos 13,8 bilhões de anos, não há nenhuma outra espécie com o alto padrão que a espécie *Homo sapiens* apresenta de marcar tão fortemente o que pensa, por meio de suas vibrações, no seu CFD (ou DNA), ou seja, nos elétrons.

Não é por menos que somos da espécie mais complexa, da mais recente a surgir – pois a evolução sempre apresenta maior complexidade. Os demos podem ter grande inteligência, mas não possuem razão filosófica nem senso crítico, enquanto as civilizações extraterrestres, biológicas, do nosso universo material, que têm um grau de inteligência superlativo – elas criam naves e vêm até a Terra –, não tem senso crítico para compreenderem a nossa complexidade. Esses seres não sorriem, não têm senso de humor e não sentem emoções.

Naturalmente, qualquer humano pode sorrir, brincar, rir da própria desgraça, conseguir fazer uma poesia, ainda que horrível. Nós somos muito subjetivos, complexos e refinados perante esses seres. Parece que, pelo fato de termos sido a última espécie a surgir, somos produto de tudo que já foi experimentado na Criação e, talvez, por isso é que somos tão complexos.

Qualquer emoção humana – seja de amor ou de ódio, seja a mais refinada ou a mais horrorosa – **é superior, em poder de marcação dos elétrons, a tudo mais que existe nas duas partes da Criação.** Os demos não sentem ódio, porém não amam. Eles não vão aos extremos, mas nós, os humanos, podemos ir. Os biodemos – seres extraterrestres – têm frieza total, nem sexo têm. Para se sentir certas emoções, o ser tem que passar pela experiência animal, como a sexual.

De fato, se formos a raça mais complexa do universo, se somente nós conseguimos ter certos sentimentos, e só nós marcamos fortemente e por dentro os elétrons do universo material e os antielétrons do universo antimaterial – uma vez que os elétrons e os antielétrons fazem parte de uma só “família” porque vieram de uma só mente que, lá atrás, se desagregou e os expressou –, isso implica dizer que devemos valer algo para Javé.

Existe um conto sobre um navio danificado que estava parado num porto. O custo diário daquele estacionamento forçado no porto era uma fortuna, e ninguém conseguia consertar o navio. Já no desespero, o capitão do navio soube de um mecânico que consertava de tudo nas imediações do porto, e mandou chamá-lo. O mecânico pediu uma quantia bastante considerável para consertar o navio. O capitão concordou com a empreitada após consultar o

proprietário do navio. O mecânico subiu a bordo e, apenas com uma martelada, resolveu o problema. O capitão perguntou ao mecânico como uma martelada podia custar tanto dinheiro, e ele lhe respondeu que a questão não era “martelar”, mas sim, “saber onde e como martelar” – o “saber”, aqui, é o que importava!

Para Javé, nesses tempos atuais, as outras espécies do universo são como “lixo”, pois nenhuma delas sabe dar “essa martelada” no CFDP dele. Qualquer ser humano consegue fazer isso, mesmo que seja pela natureza humana que ele ostenta. Se uma pessoa se adestrar ainda mais na arte da expressão da sua própria capacidade vibratória, nesse sentido, não existe nem existirá ninguém que lhe seja superior no processo de ajudar o Criador “caído”, como também, no de lhe perturbar a existência já algo deformada.

Então, atualmente, os anjos-clones e Javé estão “engolindo em seco” porque pessoas simples da Terra, que começaram recentemente a processar, no próprio programa cerebral, informações sobre a “Revelação Cósmica” – que ora começa a ter lugar no âmbito da cultura dos humanos –, podem pensar criticamente a respeito do que está sendo revelado e expressar um padrão vibratório singular, jamais observado na Criação. O “valor energético-alimentar” emanado desses terráqueos – inusitado para os padrões até agora conhecidos –, os transforma em “hospedeiros de elétrons” com marcações únicas.

Os detentores desse tipo de saber, quando o associam ao conhecimento científico estabelecido e ancorados em um mínimo de equilíbrio psíquico espiritual e de amor amalhado no coração, transformam-se em criadores e mantenedores das egrégoras mais importantes para o presente e o futuro universal.

O mapeamento da marcação pessoal que esses “agentes do amanhã universal” impuseram numa certa quantidade de elétrons, ainda que aparentemente incipiente em termos do conhecimento humano, já foi o suficiente para compor uma certa massa crítica que influenciou decisivamente o rumo vibratório da “Mente Universal” que ora emerge junto com o novo padrão energético dos elétrons.

Para a atual geração de humanos viciada na fé, a questão da “Mente Universal”, seguramente, é difícil de entender, mas para as gerações dos futuros humanos não será assim, pois esses, quando especiados, ou seja, quando pertencentes às novas subespécies e espécies desdobradas da nossa atual condição humana, irão compor a “Criatura Universal” – que é

constituída por uma classe de seres desdobrados da espécie humana terráquea – que, profundamente associada à atuação do Quarto Logos (atrelado à “Revelação Cósmica”), lá na frente, finalizará a Criação problemática.

O CFDP de Javé é refém de todas as criaturas-ferramentas que passaram a existir na Criação, e por isso a associação da mente de todas elas com os elétrons terminou criando o atual modelo de marcação – um dia ainda a ser conhecido pela ciência terrestre.

Cada espécie de clones e de demos marcou os seus antielétrons até o limite de suportabilidade dos mesmos e, por inusitado que possa parecer, devido ao fato dos clones serem robotizados e os demos dementes, essas criaturas, há muito, estacionaram e não mais evoluem, o que implica que as marcações que atualmente elas fazem em seus antielétrons é repetitiva, pois nada de novo produzem. Os gêneros anjos-clones e demos “faliram”, e por isso o universo antimaterial, em que vivem, estagnou e está se autodestruindo em velocidade acelerada.

No caso do nosso universo, as espécies biológicas e mesmo as artificiais que foram surgindo sempre tiveram seus **cérebros e psiquismos lacrados pelo “fator de controle” presente nos seus genomas, aspecto que sempre limitou a marcação dos elétrons deste lado da Criação. A “Rebelião de Lúcifer” destravou o processo que culminou, na Terra, com o aparecimento de uma espécie absolutamente “destravada”** por meio dos movimentos de consciências como as de Pandora e de Eva, em tempos distintos.

A mente humana marca, portanto, os elétrons através das vibrações que produz no genoma da espécie *Homo sapiens*, e quando o DNA vibra, surgem egrégoras que fazem com que as demais fiquem ligadas a Javé. Antes do surgimento do *Homo sapiens*, Javé “vampirizava” todas as egrégoras, mas depois, esse processo se inverteu, pois **as egrégoras começaram a incomodá-lo**. Em vez de continuarem a alimentá-lo – como ocorreu durante muito tempo da história universal –, agora, as mesmas o perturbavam, e o esgotaram.

Os humanos apareceram mais ou menos no tempo em que os elétrons, que existem desde o início do universo, já vinham colecionando certa dose de inquietações advindas das rebeliões de biodemos (a “Rebelião de Lúcifer”), de uma certa família derivada de Ostronomos (família de anfíbios sirianos, que foi se isolando dos processos cósmicos para poder ser “diferente” das demais) e do anjo-clone rebelde que se tornou Shiva (o primeiro demo).

Portanto, os elétrons já vinham marcando, em si mesmos, uma série de vibrações que nós desconhecemos, devido a essas “rebeliões” do passado.

Em termos da história da Terra, quando Yel Luzbel (Lúcifer) veio para cá, há cerca de 100 mil anos, e aqui se refugiou com os demais rebelados sobreviventes da “Rebelião de Lúcifer”, se encontrando, há 81 mil anos, com os biodemos da família Val – que já estavam vivendo aqui há mais de 500 mil anos –, todo o conjunto de elétrons vinculados a este planeta passou a receber informações “estranhas”, e **começou a surgir um curioso e enigmático “grau de inadequação dos elétrons”**.

Dentro desse processo histórico – que teve e está tendo lugar no período decorrido nesses últimos 50 mil anos, aproximadamente –, Pandora fez uma série de movimentações de consciência contra o fluxo de autoridade de Zeus, contra o fluxo de “infecção”, e esses movimentos mentais atingiram uma certa massa crítica no campo morfogenético evolutivo da espécie *Homo sapiens* no momento em que os humanos surgiram como descendentes de Pandora, agora feita mulher. Isso elevou o padrão de vibração das egrégoras, o que terminou complicando de vez o universo antimaterial, porque os seres de lá se alimentavam e ainda se alimentam das egrégoras formadas pelos seres deste universo material – **desse modo eles conseguiram e conseguem manter suas “vidas longas” às custas das “vidas curtas” das espécies biológicas**.

Os seres do universo demo sempre buscavam controlar as espécies biológicas e, em especial, as protopensantes, pois, assim, esses seres biológicos gerariam egrégoras previsíveis para o alimento deles. Entretanto, como perderam o controle direto sobre o *Homo sapiens*, **tiveram que se sujeitar a egrégoras não previsíveis como alimento**, geradas pelos humanos terrestres. Para minimizar esse aspecto, buscaram o controle indireto dos humanos da Terra, principalmente, por meio do medo e de pactos, ou seja, das crenças implementadas pelas religiões.

Abro um parêntese para citar o exemplo do romance “*O Retrato de Dorian Gray*”, de Oscar Wilde, que descreve que Dorian Gray convivia com os amigos, e todos eles envelheciam, mas ele não. Ele era um bruxo (mago) que pintou um autorretrato e, para ele se manter belo e jovem, transferiu para esse quadro a entropia que ocorreria com o corpo dele. Então, o retrato envelhecia ao invés dele. Se descobríssemos uma maneira científica de podermos deslocar a entropia, poderíamos manter mais jovem determinado indivíduo de um grupo, enquanto os demais envelheceriam mais do que

deveriam. Por exemplo, se existem 100 unidades de entropia para 10 macacos, não se pode mexer nessas 100 unidades, mas é da “lei da entropia” que se pode distribuí-las de modo diferenciado entre esses macacos, direcionando quase toda essa quantidade de entropia para 9 deles, que envelheceriam mais rapidamente, enquanto o outro envelheceria muito lentamente ou quase não envelheceria durante um certo tempo. O romance de Oscar Wilde, de certo modo, brinca de fazer isso. A questão, no nosso universo, é que não se consegue fazer com que a entropia não expresse a sua força, mas é possível, durante um tempo, manipular os termos da sua equação.

A entropia é algo que surgiu junto com os elétrons, no início do universo material, e foi crescendo cada vez mais. **Ela estabelece que todas as formas que os elétrons produzirem, morrerão, como modo de garantir que tudo volte a ser elétron** – é o “tudo voltará a ser pó”, da Bíblia. Curioso, não? Como os elétrons recolhem as informações que essas formas produzem por meio de seus psiquismos temporários, **a entropia garante a renovação dessas informações.**

Se não morrêssemos nunca, produziríamos as mesmas informações – pois sempre sentiríamos e pensaríamos a mesma coisa estando numa “zona de conforto” – e nossos elétrons estariam “aborrecidos e pobres”. A entropia garante que essa situação indesejável não ocorra. Entretanto, no universo demo, a entropia funciona de uma forma diferente, pois ela se acumula – e como nada de novo acontece – até que, de repente, “explode”. No nosso universo biológico, ela vem funcionando paulatinamente, ela vai aumentando aos poucos, mas não se pode fazer com que ela não aconteça.

Os seres demos, que têm uma longa vida, se complicaram porque, como já explicado, a mesmice da demência deles os impede de produzir informação refinada. Eles não tinham como se matar, e percebendo que precisavam de um novo meio de alimentação, implantaram um projeto de semeadura – conhecido na cultura demo como “Projeto *Talm*” – da vida biológica a partir do CFD do Criador, no nosso universo material, criando espécies biológicas com tempo de vida curto, de modo que a entropia pudesse agir aqui, para alimentá-los lá. Então, eles seriam um tipo de “Dorian Gray” do universo demo, aonde eles vivem, e nós seríamos o “retrato” deles.

Assim, nós somos o “retrato” de Zeus, o de Odin e o de Javé. O que permite a esses seres terem longas vidas é o fato deles se alimentarem das egrégoras que nossos pensamentos e sentimentos formaram por meio das

vibrações dos DNAs dos corpos que os nossos espíritos já usaram. Essas egrégoras produzidas permanecem, e somos nós que, a cada reencarnação, a retroalimentamos, caso venhamos a repetir os mesmos padrões, e é por isso que **os humanos foram condicionados a viver estacionados em torno das mesmíssimas crenças religiosas**. Este sistema existencial não é ético, nem respeitador, nem amoroso, mas é assim mesmo que ele acontece! Um dia, os espíritos precisarão explicar melhor à humanidade como algumas coisas realmente acontecem, o que não foi possível ao tempo da “Revelação Espiritual”, no século XIX.

Quando Vishnu e Shiva viram que os elétrons estavam “sujos”, entenderam que o jeito de “limpar a sujeira” seria criando “cobaias” – as criaturas-ferramentas – para trabalharem os elétrons.

O **Primeiro Logos** (Brahma) “caiu” na própria Criação, mas gerou as moléculas da vida; o **Segundo Logos** (Shiva) organizou e padronizou as moléculas; e o **Terceiro Logos** (Vishnu) criou possibilidades de evolução. As possibilidades de evolução funcionam de acordo com o livre arbítrio dos psiquismos. Por exemplo, o jacaré nasceu com seu CFD de espécie programado para matar um pato ou qualquer coisa que o seu psiquismo tome como sendo “presa”, então, ele matará e devorará a “vítima” do momento. Como o jacaré, nós herdamos isso, mas também herdamos outras coisas de outras combinações genéticas, que nos liberam de precisarmos matar – mas, o pior é que ainda matamos e devoramos. O dantesco ou, algo que se situe além do horroroso, é que muitos humanos matam por prazer de caça ou por instinto assassino primal ou por uma pretensa necessidade nutricional.

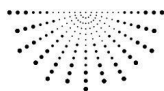
Savna (aquele que se tornaria Shiva), quando viu a Obra problemática que Javé fez e notou que Mavatna (aquele que se tornaria Vishnu) não pode consertá-la, implantou o já referido **selo de garantia de que a mesma tivesse um fim** ao adicionar nela a entropia.

Um ser humano não é uma egrégora, pois ele morre, mas os pensamentos e os sentimentos que ele produz em vida jamais morrem, porque compõem uma egrégora – na verdade, milhões de egrégoras são produzidas e/ou retroalimentadas por uma pessoa que viva medianamente em termos de idade corporal. **Os pensamentos e sentimentos ficam no espírito do ser humano que os expressou, mas, para o universo antimaterial e mesmo o material, o que fica é a egrégora.**

Nós os humanos somos os melhores marcadores das atuais egrégoras dos universos material e antimaterial, mas ainda não sabemos disso. Também,

ainda não sabemos de tudo que até hoje foi criado e feito. **Nunca tantos dependeram de tão poucos, e nunca esses poucos estiveram tão pouco avisados da função que precisam realizar.** No dia em que parte da humanidade descobrir isso, entenderemos melhor o que estamos fazendo e precisamos fazer, como “favor divino”, para ajudar Javé e tantos outros. Tenho a sensação que esse dia está longe, mas os amigos de fora da Terra dizem que não está tão longe assim.

CONSIDERAÇÕES ESTRATÉGICAS SOBRE OS ELÉTRONS



MUITOS ASPECTOS e painéis intrigantes sobre os elétrons serão descortinados pelo avanço do conhecimento humano ao longo das novas etapas da história universal. Por enquanto, as principais considerações estratégicas que podemos fazer sobre os elétrons dizem respeito à quantidade de elétrons gerada no início do universo; à intercomunicação e à influência das informações de um dos elétrons sobre os demais; ao “Elétron de Deus”; à massa crítica de elétrons vibrando em “oceano contaminado” e, à interação dos elétrons com as formas corporais dinâmicas (vivas).

13.1. QUANTIDADE DE ELÉTRONS GERADA NO INÍCIO DO UNIVERSO

A quantidade de elétrons gerada no início do universo é a mesma até agora, decorridos 13,8 bilhões de anos do início da Criação, e vai ser a mesma até a finalização desta.

No que se refere aos elétrons, o que se **modifica** nesta Criação diz respeito basicamente a dois aspectos, sendo o primeiro deles, **a aparência de como os elétrons se congregam**, ou seja, a maneira como eles se organizam exteriormente (novos corpos, cérebros mais complexos), pois ainda surgirão novas espécies cósmicas, e o segundo deles, as possíveis **novas marcações do interior desses elétrons** que, por sua vez, poderão reproduzir as velhas e/ou produzirão as novas formas mentais – que são as **egrégoras**. Quando se escuta que “*nada se cria, nada se perde, tudo se transforma*”, essa citação se refere à **transformação** dos elétrons.

Nossos espíritos colecionam o mesmo “pacote de figurinhas eletrônicas”, ou seja, o conjunto de um certo tipo de elétrons, e cada vez que um determinado espírito vai renascer, os elétrons sabem – eles são os “fofoqueiros” do universo – que lá vem aquele que já foi “fulano”, que já foi “ciclano”, aí, os elétrons que já pertenceram aos corpos que esse espírito já teve em outras vidas, ficam “excitados”. É grande a movimentação que acontece para que certos elétrons terminem chegando até determinado corpo.

Urinar ou defecar é uma forma da humanidade distribuir os elétrons. Jesus urinou, pegou em árvores, pegou em alimentos, apertou a mão de pessoas, então, os elétrons que foram do corpo de Jesus estão por aí.

A lei que puxa para alguém um certo elétron é a ressonância. O que atrai um “bom” elétron que já foi de Jesus é o amor incondicional, ou outra coisa mais refinada. Por outro lado, uma vibração grosseira atrai elétrons complicados.

O campo áurico de cada ser humano é um padrão de definição da interação do espírito vinculado a esse corpo com egrégoras e com elétrons livres.

Cada CFD define a quantidade de elétrons e o padrão de cada espécie. Por enquanto, têm elétrons sobrando.

Nem todos os elétrons se “rebelaram”, pois que eles somente assim “agem” ou “reagem” quando estão sob o domínio temporário de um psiquismo que os presida. Por enquanto, poucos o fizeram, pois a farta maioria deles está “infeccionada” a tal ponto que esses não poderão ser usados por certas espécies, no futuro. Eles se “infeccionaram” com marcações negativas, e Javé é o mais relevante agente dessas marcações dentre todos os seres que existem no âmbito da sua Criação.

O chocante é perceber que **todos os elétrons nasceram “podres”**, e não existe elétron neutro. Esse é um dos mais dramáticos aspectos do problema!

Nós os estamos “limpando” através do amor e do conhecimento esclarecido, pois todos os elétrons surgiram para a vida carregando o drama problemático da mente que os expressou (eles já nasceram praticamente “apodrecidos” devido à “queda” de Javé) e, depois, ainda ficaram mais “sujos” e apodreceram (devido à desqualificada atuação de Javé e da quase totalidade de suas criaturas).

Quando a Espiritualidade afirma que **os espíritos foram criados simples e ignorantes para assumirem corpos ou expressões transitórias nas naturezas planetárias ou de outras residências siderais ainda por serem**

descortinadas, e irem evoluindo como planta, animal e ser humano, por exemplo, isso implica dizer que **foram criados espíritos “limpos”, para se “sujaem” nesta experiência, absorvendo neles mesmos uma cota da “sujeira” da Criação**, passando a trabalhá-la com o psiquismo possível de ser utilizado em cada espécie, de modo que esses elétrons se “limpem” interiormente, e passem a ser marcados por algum padrão mental superior. O problema é que, nesse caminho, tem novamente a atuação do Javé “caído”, e a sua interferência, nem os elétrons suportaram devido ao teor de podridão vibratória neles inexoravelmente marcado – **surgiu, então, ao tempo da emergência da espécie *Homo sapiens*, na Terra, a “rebelião dos elétrons”,** que aos poucos foi se configurando modestamente.

Sendo cada ser humano (ou qualquer outro ser vivo do cosmos) uma espécie de “ilha de entropia” no meio da energia *tamásica* que a expressou – segundo a mitologia hindu, a energia de Shiva – como que para fixar o já referido “selo de garantia” de que a Criação, um dia, será finalizada obrigatoriamente, os corpos animalizados da nossa espécie passaram a ser hospedeiros dos “sonhos de vanguarda” dessa “família” de partículas desgarrada do corpo mental superior do Criador.

Com a lenta e penosa evolução da natureza e do psiquismo humanos, foi surgindo a discreta, porém firme reação das vibrações emanadas dos **circuitos internos dos elétrons**, no sentido de limitar o espaço quântico deles à influência do teor das marcações “infectadas”, deixando alguma **“trincheira para a resistência” à condição tão degradante a que, até então, estavam submetidos.**

Tempo existirá em que será percebido que **os atuais elétrons deste universo, como também os antielétrons do universo paralelo** – antes da criação de ambos vir a termo – **possuíam um outro tipo de marcação**, pois diversas eram as condições mentais do Ser que intentou criar e do que se viu obrigado a se reconstruir após ter desgraçadamente “caído” na própria Criação.

A consciência por trás da “rebelião dos elétrons” é um “mistério”, porque Javé é o “Dono” dos elétrons e dos antielétrons, mas, há tempos, não mais os comanda.

A marcação positiva vem de posições e comportamentos do bem, e as pessoas estão marcando os elétrons mesmo sem saber da existência dessa questão na Criação.

Jesus fez marcações especiais nos elétrons – o testemunho dele foi

maravilhoso –, mas todos nós estamos marcando positivamente os elétrons, inclusive um animal, quando cuida bem do seu filhote.

Os psiquismos se influenciam reciprocamente. Se alguém fica um certo tempo conversando com outra pessoa, uma quantidade absurda dos elétrons de seu corpo estará associada aos dessa pessoa, mesmo que os dois psiquismos não saibam disso.

Em certa oportunidade, estando na Grécia, visitei a ilha de Patmos, onde o apóstolo João esteve exilado e recebeu as visões que registrou no livro do “*Apocalipse*”, e lá, estive na caverna em que ele viveu e trabalhou nos últimos dias da sua vida. O interessante é que descobri o lugarzinho onde ele se encostava na parede da caverna – o que os espíritos me confirmaram posteriormente –, pois, mesmo antes de chegar no local, senti uma vibração diferente, que identifiquei como vinda de lá. Isso ocorreu porque existem egrégoras vinculadas àquele lugar, e a egrégora de João está ativa, e é muito forte, principalmente pela fé das pessoas que visitam a caverna – assim penso eu.

Muitas componentes entram na composição de uma egrégora, e a influência dela é instantânea, imediata, podendo variar em intensidade. As egrégoras estão sempre ativas e, para elas, não tem presente, passado ou futuro. Elas se formam em um eterno presente e são imortais enquanto durar esta Obra. Será problemático se, quando esta Criação findar, o mesmo não ocorrer com suas egrégoras complicadas – isso simplesmente não poderá acontecer, porém não se conhece, até o momento, solução técnica para o problema inusitado.

Por isso é que todas essas egrégoras precisam ser “saneadas”, como também o foco de consciências particularizadas que as geraram e alimentaram, sendo esse o grande desafio a ser encarado, de frente, na nova etapa da gestão universal que se iniciará com o fim da *Trimurti* e a vinda de Sophia, o Cristo Cósmico. A *Trimurti* já se desconstituiu em 2016, mas há ainda, por ser cumprida, enquanto promessa feita pelo homem Jesus, a aparição de Sophia para os habitantes do planeta Terra.

Dizendo de outro modo, as egrégoras complicadas, que existem há muito tempo, possuem os seus fiéis agentes, e esses, sempre que reencarnam, as retroalimentam, geralmente complicando-as cada vez mais. Por outro lado, as “boas egrégoras”, as poucas que existem no contexto desta Criação, mal conseguem sobreviver nessa “psicosfera infectada”, e quase ninguém as alimenta de forma consistente. Uma egrégora, seja de que tipo for, é que

replica a ressonância das mentes conectadas a ela para os agentes a ela ligados, como também para os elétrons “estacionários”, vinculados a corpos não vivos, inertes, mas que vibram juntos.

Um outro aspecto que “associa” uma egrégora a um determinado lugar – o que poderá parecer estranho –, tem a ver com o fato, por exemplo, de eventos distintos, porém, marcantes, terem ocorrido duas vezes em um mesmo local, onde as energias dessas duas ocorrências sempre estarão disponíveis, porém o campo áurico ou energético de quem visita o lugar é que poderá atrair ou gerar padrão ressonante entre os elétrons que estejam no “jogo” entre uma mente particularizada e a energia de um determinado local.

Dependendo das intensidades dessas energias, uma poderá sim prevalecer sobre a outra, e esse “tipo de jogo” é desesperadamente importante para o futuro do universo.

Portanto, sobre a quantidade de elétrons gerada no início do universo, ela não se altera, o que muda é a formatação dos elétrons e o que eles marcam interiormente.

13.2. INTERCOMUNICAÇÃO E INFLUÊNCIA DAS INFORMAÇÕES DE UM DOS ELÉTRONS SOBRE OS DEMAIS

O nosso universo tem limites, porém ele está se expandindo. Ele era uma pequena singularidade – que tinha um tamanho menor que o de um próton – que sofreu uma “grande” expansão. No início, somente existiam nele as partículas elementares (ver a nota 9), mas, atualmente, ele apresenta cerca de 100 bilhões de galáxias, cada galáxia constituída por centena de bilhões de sistemas estelares, com seus mundos e satélites.

Quando alguém solta uma pedrinha em uma bacia com água, isso provoca ondas no líquido, em todas as direções, e todas essas ondas vão chegar na borda da bacia. Isso implica dizer que tudo o que acontece dentro dessa bacia é marcado na borda, pois todas as ondas vão até lá. O universo material é como uma “bacia quântica”. A ciência, agora, descobriu que quando um elétron vibra, é equivalente à pedrinha caindo na bacia, pois o universo inteiro fica sabendo, tendo em vista que os demais elétrons interagem com a vibração.

Segundo a Física Quântica, a vibração de um elétron é sentida no mesmo instante em todo o universo devido ao que essa ciência chama de

“interconectividade não local”, que explica que a intercomunicação entre elétrons se dá dentro de padrões não inseridos no nosso contexto de espaço-tempo. Nós gastamos um certo tempo para nos deslocarmos, mas o repasse da informação de um elétron para outro é realizado fora deste universo, porque todo o conjunto de partículas elementares, que formam a matéria, se desmaterializa e se materializa bilhões de vezes em um segundo, inclusive os nossos corpos.

A energia *Rajas*, que saiu da mente de Prajapati (ou Prabrajna) – que se reconstituiu como Javé, após sua “queda” na própria Criação – faz com que energia e matéria se alternem constantemente segundo a equação de Einstein: $E=mc^2$ (ver a nota 7), ou seja, a energia se transforma em matéria e a matéria em energia. Isso ocorre porque, no momento da criação deste universo, o “Observador” ou a “Consciência” vibrou sobre a energia e a transformou em massa, mas como ele vibrou “errado”, a massa que ele criou se desfaz e se materializa novamente a cada “microsegundo”, mas só que num ritmo ou compasso estranho ao inicialmente intentado. Como a **“Consciência” atuou “mal” ao transformar energia em matéria, o defeito com que essa matéria surgiu se expressou na velocidade, porque a matéria se movimenta até o limite da velocidade da luz e se desfaz novamente em energia.**

Quando Prabrajna fez isso, Mavatna – que se tornou Vishnu, após “mergulhar” na Criação – segurou essa instabilidade por meio das quatro forças fundamentais – a força nuclear fraca, a força nuclear forte, o eletromagnetismo e gravidade –, sustentando, assim, o ciclo contínuo de materialização e desmaterialização.

Savna – que se tornou Shiva, após “mergulhar” na Criação –, ao observar o que acontecera, pretendeu acabar com a Obra imperfeita, e foi quando Prabrajna nela “caiu” por meio do seu corpo mental, desgraçadamente atraído pelo vórtice que ele mesmo gerou. Na tentativa de acabar com a Criação, Savna colocou nela, então, um “selo”, porém com uma **entropia crescente – positiva**, no sentido científico da expressão, mas que de fato significa destruição do que foi gerado –, de modo a **dar um tempo** para que os que estivessem lá dentro pudessem encontrar uma maneira de ajudar o Criador “caído” e de lá sair, enquanto o nosso universo fosse existindo. Os cientistas descobriram quase tudo o que existe para ser descortinado sobre a entropia, todavia não entendem o que aqui está sendo explicado, pois que extrapola os limites da necessária prudência do método científico.

A Criação se materializa e se desmaterializa porque a “Consciência” que vibrou sobre a energia *Rajas* e criou esse universo material, o fez de maneira “errada”, e surgiu esse “defeito” de desmaterialização – no ritmo em que se dá – da matéria que foi criada, que volta a ser energia. Na Espiritualidade, esse assunto é conhecido, mas, aqui na Terra, a **ciência não fala nele porque os seus agentes não concebem uma “Mente Criadora” por trás da equação de Einstein**, ainda que ele próprio admitisse uma visão deísta sobre uma espécie de Criador tipo “relojoeiro”, mas que se mantém apartado da sua própria Obra.

Então, quando os elétrons se desmaterializam, cada um deles troca informação com outro. No momento em que eles se desmaterializam, a “Consciência” que os criou deseja recolher ou se apropriar das informações, porém como ela “caiu” na Criação e está no universo paralelo ao nosso, precisa fazer isso de lá, e esse processo jamais funcionou de modo adequado.

Os cientistas dizem que a melhor analogia que podemos fazer com a criação do universo é imaginarmos um balão de látex, colocando as “galáxias” na superfície desse balão e, então, quando vamos enchendo-o, as “galáxias” vão ficando cada vez mais distantes umas das outras.

O universo material vai se expandir enquanto tiver hidrogênio para tal, e essa “bacia quântica” é formada por bilhões de galáxias, com bilhões de estrelas, e cada galáxia tem, no seu centro, um “buraco negro”. No constante troca-troca de informações dos elétrons, o “buraco negro” funciona como um “explorador”. Tudo o que entrar no horizonte de eventos de um “buraco negro” é capturado. É igual a um ímã que, ao se aproximar de uma moeda, quando essa entra no horizonte de eventos dele, ela é capturada.

Os cientistas também não sabem por que tem um “buraco negro” em cada galáxia, mas parece que “Alguém” planejou que tinha que ter uma “central de registro” para recolher todas as informações produzidas por ali. A ciência descobriu que, quando os elétrons são atraídos por um “buraco negro” e entram no horizonte de eventos deste, eles soltam “algo”. A questão é que o “buraco negro” captura, então, as informações “hospedadas” no seu interior, que os elétrons traziam, e “some” com elas.

O destino final da informação que um elétron “solta” em um “buraco negro” ainda não foi descoberto pelos cientistas. Entretanto, eles sabem que esse universo todo é em 3 dimensões (3D) e que, quando um elétron é capturado por um “buraco negro” e depois escapa dele, a informação que o elétron “solta” se transforma em “quase” três dimensões. A ciência também

não sabe o motivo disso, mas parece que o *Brahmaloka* – o universo antimaterial – é formado com mais de duas dimensões, quase chegando a três dimensões, e não é igual ao nosso. Seria mais simples me referir a duas dimensões (2D), em vez de “quase três”, mas esse é um dos aspectos difíceis para a lógica comum do psiquismo humano poder compreender. As coisas por lá são realmente esquisitas quando comparadas ao padrão 3D que conhecemos por aqui.

Portanto, não estaríamos tão errados se colocássemos também o *Brahmaloka*, o universo paralelo, no âmbito geométrico do balão de látex, utilizado na metáfora. E, ainda mais, se pensássemos que **os “buracos negros” são os “portais” por onde as informações passam daqui para lá**, ou seja, do chamado universo 3D – na verdade, o nosso espaço-tempo é mais que um simples 3D –, situado no limite do látex da “bola de soprar” e que corresponderia ao nosso universo em expansão, para o universo paralelo, que se encontraria meio que “aprisionado” no interior do balão.

A intercomunicação e a influência da informação que os elétrons, a cada microssegundo, passam para os seres do universo antimaterial – pois, a cada microssegundo, tem um “buraco negro” capturando essa informação, passando-a para esses seres extrafísicos, que ficam nos assistindo de lá –, **permitem que eles remodelam o CFD deles**. Via “buraco negro”, eles retiram as informações que nosso CFD marcou nas egrégoras, e as transformam em novas sequências para os CFDs deles, que precisam ser modificados, pois estão terrivelmente comprometidos, prisioneiros dos seus próprios programas mentais e impossibilitados de evoluir.

Stephen Hawking – físico teórico e cosmólogo britânico – suspeitava que nessa reconstituição da informação, parte dela se perdia e, talvez, esse “perder” seja exatamente a captura pelo sistema “mais de” 2D do que foi produzido pelos seres mais complexos do contexto 3D.

Se eu cair num “buraco negro”, e vocês, aqui da Terra, olharem para mim, e eu estiver dando “um *tchau*”, depois, toda vez que vocês reencarnarem e olharem para esse “buraco negro”, lá estarei sempre dando “*tchau*”, porque o tempo se torna aparentemente infinito, para a lógica humana, dentro do “buraco negro”. É como se essa informação nunca se desfizesse, como se o “buraco negro” tivesse uma maneira de enganar quem olha de fora, impedindo, assim, que alguém descubra o que efetivamente existe por trás dele.

A natureza criou espécies nas quais, a cada segundo, a produção de

óvulos e de espermatozoides é atualizada – pois novas informações, a cada segundo, estão sendo marcadas no genoma das espécies. A cada segundo, o coração de um corpo masculino, ao bater, enche o saco escrotal de milhares de novos espermatozoides, e cada espermatozóide desses pega a última versão do que se passou no psiquismo vinculado a esse corpo macho. De modo similar, quando o corpo feminino ovula, esse óvulo está atualizado com a última versão do que se passou no psiquismo dessa fêmea, e enquanto o mesmo passeia pelo organismo dela, também vai sendo constantemente atualizado pelo seu psiquismo pessoal. Portanto, o ser gerado em um dado momento, a partir de um óvulo e de um espermatozóide, recebeu a informação mais moderna possível de ambos os geradores – ou seja, recebeu a informação mais atualizada do legado informativo dos pais.

Esse é o modo que a natureza apresenta para atender ao Criador, que tem a necessidade de roubar e de absorver as informações que outros produziram, apropriando-as para o CFDP dele – pois ele “sujou” completamente o seu Código-fonte Definidor Pessoal, e não pode evoluir por si mesmo.

13.3. O “ELÉTRON DE DEUS”

Alguns cientistas afirmam ou desconfiam que, nessa quantidade de elétrons geradas no início deste universo – e que será a mesma até o final dele –, há um elétron “*number one*” (o elétron “número um”), que foi chamado por alguns deles de “Elétron de Deus”.

Esse elétron especial foi gerado por Prabrajna, que o replicou (ver a nota 23) antes dele “cair” na própria Obra e, por isso, ele é o **elétron original do momento da criação**, se aqui também aplicarmos os termos da compreensão holográfica. Se for assim, se há um “Elétron de Deus”, ou seja, um “Primeiro Elétron do Criador” no meio de todos os gerados, uma espécie de “partícula primogênita”, a “rebelião dos elétrons” é mais complexa ainda do que o exposto neste livro.

Nota 23: Se o “*Big Bang*” não se trata de uma grande explosão”, porém de uma “grande expansão”, e como Prabrajna replicou o “Elétron do Criador” antes dele “cair” na própria Obra, talvez o corpo mental dessa Divindade tenha também se expandido e/ou desagregado

– a visão ou entendimento que a lógica humana puder produzir futuramente sobre o assunto é que definirá o melhor conceito (ou o menos ruim) a ser utilizado para bem definir essa situação.

Os cientistas não sabem onde esse “elétron primordial” está, mas **os demais elétrons o identificam. Esse “Elétron do Criador” está no corpo da consciência que consegue dar a “melhor martelada” no CFDP de Javé. Talvez, quando Jesus aqui esteve, esse “Elétron de Deus” o tenha procurado.**

Se isso que aqui registrei sobre o “Elétron de Deus” for verdade, tudo que estou explicando permanece válido para reflexão, mas **haverá muito mais a ser revelado.**

13.4. MASSA CRÍTICA DE ELÉTRONS VIBRANDO EM “OCEANO CONTAMINADO”

Neste “oceano contaminado”, como é o universo, passou a existir uma massa crítica de elétrons que começou a escapar de determinados locais onde antes ficavam. Por analogia, é como quando uma pessoa chega numa festa, e alguém diz que fulano está ali, e por essa pessoa achar fulano chato demais, ela sai da festa para não se encontrar com ele.

Os cientistas descobriram que nosso universo tem 13,8 bilhões de anos, e a estrela mais velha que os astrônomos conseguiram perceber é uma que chamam de “Matusalém” – de todos os personagens bíblicos, o que viveu mais foi Matusalém, daí o emprego do seu nome. Os cientistas estimam que a estrela Matusalém tem 13,5 bilhões de anos, com uma margem de erro de 4%, e mesmo assim, isso ainda a configura como a estrela mais velha percebida no universo, e ela está na nossa galáxia. Talvez isso implique refletir que, provavelmente, nossa galáxia seja uma das mais velha do universo por ter devorado umas 20 outras galáxias que, nesses 13,8 bilhões de anos, se reuniram. Então, ainda que não seja a mais velha, provavelmente pode ter surgido a partir de uma que era a mais velha. Pode ser que isso esclareça porque Sophia foi para Orbum, que é um planeta do sistema solar de Capela, nesta nossa galáxia, e ali tenha estabelecido a sua “sede de governo”; justifique o porquê dos seres demos abrirem um foco de acompanhamento – a partir do universo antimaterial – sobre a Terra; e

explique o número impressionante de razões para que as coisas tenham se dado como aconteceram, como a vinda de Jesus à Terra.

Então, pode ser bastante provável que a massa crítica de elétrons “meio que rebeldes”, que existem nesta “bacia-oceano”, esteja em cima ou sobreposta a nossa galáxia. Essa **massa crítica de elétrons rebeldes**, devido à racionalização de Pandora, pode ser que se encontre agora toda ela na Terra, distribuídos em uma série de corpos humanos cujos psiquismos possam estabelecer um novo paradigma vibratório na “família” dos elétrons. A estrela Matusalém talvez seja um sinal perturbador de que uma massa crítica de elétrons, neste “oceano contaminado”, se reencontra sempre no mesmo local.

Além das fronteiras deste universo, das do universo paralelo e mesmo nos ambientes espirituais primários que envolvem esta Criação problemática – contida numa **“blindagem vibratória”** politicamente incorreta para o nosso senso de justiça –, sabe-se que a tal **massa crítica de elétrons rebeldes não mais suporta hospedar vibrações criminosas advindas de mentes doentias**.

A chamada Espiritualidade Superior, que se situa muito além dessa “blindagem” e que é preexistente a qualquer Criação, também não suporta tais vibrações, e por isso vive à margem do que acontece no seu âmbito interno. Sei que esse tipo de informação espanta e desagrade aos psiquismos infantilizados na crença fácil de que “Deus cuida de tudo” em todo tempo e lugar, e que sempre aplica o seu senso de justiça em qualquer tempo e situação existencial que tenha surgido. Não parece ser bem assim, e uma humanidade adulta, que haverá de surgir no futuro, melhor poderá compreender – sem melindres e ataques de nervos – o que, por agora, efetivamente não deveria ser sequer mencionado, devido à **atual condição psicológica do “rebanho terráqueo”**.

Quem sabe se não é por isso que este livro trate do que de mais precioso talvez possa existir para o conhecimento humano, na **busca da verdade**, tentando compreender a realidade, ainda que esse processo nos permita descortinar aspectos que nada têm de agradável.

Atualmente, a tabela periódica (ver a figura 1) está com 118 elementos químicos (ver a nota 12), porque, além dos 92 naturais, outros novos têm sido produzidos em laboratórios.

Na tabela periódica, os elementos químicos estão arranjados em ordem crescente de número atômico – ou seja, de número de prótons que ele possui.

Quando o elemento químico está em seu estado neutro, o número de elétrons que ele tem é igual ao de prótons que ele possui. Entretanto, se um átomo fica “excitado”, essa quantidade de elétrons varia.

1																		2																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
1 H hidrogênio [1,0078 - 1,0082]																		2 He hélio 4,0026																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
3 Li lítio [6,938 - 6,997]																		4 Be berílio 9,0122																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
11 Na sódio 22,990																		12 Mg magnésio [24,304 - 24,307]																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
19 K potássio 39,098																		20 Ca cálcio 40,078(4)																		21 Sc escândio 44,956																		22 Ti titânio 47,867																		23 V vanádio 50,942																		24 Cr cromo 51,996																		25 Mn manganês 54,938																		26 Fe ferro 55,845(2)																		27 Co cobalto 58,933																		28 Ni níquel 58,693																		29 Cu cobre 63,546(3)																		30 Zn zinco 65,38(2)																		31 Ga gálio 69,723																		32 Ge germânio 72,630(8)																		33 As arsênio 74,922																		34 Se selênio 78,971(8)																		35 Br bromo [79,901 - 79,907]																		36 Kr criptônio 83,798(2)																	
37 Rb rubídio 85,468																		38 Sr estrôncio 87,62																		39 Y itrio 88,906																		40 Zr zircônio 91,224(2)																		41 Nb nióbio 92,906																		42 Mo molibdênio 95,95																		43 Tc tecnécio [98]																		44 Ru rútenio 101,07(2)																		45 Rh ródio 102,91																		46 Pd paládio 106,42																		47 Ag prata 107,87																		48 Cd cádmio 112,41																		49 In índio 114,82																		50 Sn estanho 118,71																		51 Sb antimônio 121,76																		52 Te telúrio 127,60(3)																		53 I iodo 126,90																		54 Xe xenônio 131,29																	
55 Cs césio 132,91																		56 Ba bário 137,33																		57 a 71																		72 Hf hafnio 178,49(2)																		73 Ta tântalo 180,95																		74 W tungstênio 183,84																		75 Re rênio 186,21																		76 Os ósio 190,23(3)																		77 Ir irídio 192,22																		78 Pt platina 195,08																		79 Au ouro 196,97																		80 Hg mercúrio 200,59																		81 Tl talio [204,38 - 204,39]																		82 Pb chumbo 207,2																		83 Bi bismuto 208,98																		84 Po polônio [209]																		85 At astato [210]																		86 Rn radônio [222]																	
87 Fr frâncio [223]																		88 Ra rádio [226]																		89 a 103																		104 Rf rutherfordio [267]																		105 Db dúbnio [268]																		106 Sg seabórgio [269]																		107 Bh bório [270]																		108 Hs hássio [269]																		109 Mt meitnério [278]																		110 Ds darmstádio [281]																		111 Rg roentgênio [281]																		112 Cn copernício [285]																		113 Nh nihônio [286]																		114 Fl fleróvio [289]																		115 Mc moscóvio [288]																		116 Lv livermório [293]																		117 Ts tennesso [294]																		118 Og oganessônio [294]																	
57 La lantânio 138,91																		58 Ce cério 140,12																		59 Pr praseodímio 140,91																		60 Nd neodímio 144,24																		61 Pm promécio [145]																		62 Sm samário 150,36(2)																		63 Eu europio 151,96																		64 Gd gadolínio 157,25(3)																		65 Tb térbio 158,93																		66 Dy disprósio 162,50																		67 Ho hólmio 164,93																		68 Er érbio 167,26																		69 Tm tulio 168,93																		70 Yb itérbio 173,05																		71 Lu lutécio 174,97																																																																							
89 Ac actínio [227]																		90 Th tório 232,04																		91 Pa protactínio 231,04																		92 U urânio 238,03																		93 Np neptúnio [237]																		94 Pu plutônio [244]																		95 Am amério [243]																		96 Cm cúrio [247]																		97 Bk berquélio [247]																		98 Cf califórnio [251]																		99 Es einstênio [252]																		100 Fm fêrmio [257]																		101 Md mendelévio [258]																		102 No nobélio [259]																		103 Lr laurêncio [262]																																																																							

Figura 1: Tabela periódica dos elementos químicos

No início do universo só tinha hidrogênio, logo depois, surgiu o hélio e, a partir desse “jogo” de fusão nuclear, as estrelas – que são as “fornalhas” do universo – também foram produzindo os demais elementos químicos. Entretanto, somente na terceira geração de estrelas, elas começaram a formar o ferro, o carbono e o níquel, e outros elementos mais pesados, permitindo a eclosão da vida biológica como conhecemos.

Nos primeiros bilhões de anos deste universo, aconteceram as duas primeiras gerações de estrelas, que não chegavam a ser supernovas. Somente na terceira geração, as supernovas se formaram, e como elas explodem em temperaturas altíssimas, produzem os elementos químicos mais pesados e mais sofisticados.

Ou seja, os demais elementos químicos surgiram a partir do hidrogênio, quando, primeiramente, nuvens desse elemento químico se condensaram e,

então, quatro hidrogênios juntos se transformavam em hélio, liberando radiação – e, assim, surgiram as primeiras estrelas. As estrelas foram as fornalhas que criaram os outros elementos químicos.

Como uma Mente pensou em ordenar a maneira das coisas se movimentariam no âmbito interno desta faixa de realidade que ele criou, aonde a energia vibra, surgem quarks e léptons (entre eles, os elétrons), e formam-se os prótons e os nêutrons (a partir dos quarks). Os prótons e nêutrons ficam juntos no núcleo atômico, enquanto os elétrons é que ficam pulando nas eletrosferas dos átomos, sendo eles que fazem as ligações químicas diversas (ver a nota 24), e, portanto, são eles que se juntam a outros átomos, e são eles que fazem surgir os elementos químicos (ver as notas 9, 10, 11 e 12).

Nota 24: A matéria é formada por moléculas, que são formadas por átomos. Na matéria, atuam as forças intermoleculares (entre moléculas) como as “pontes de hidrogênio” e as “forças de Van der Waals”, e as forças intramoleculares (entre dois ou mais átomos da molécula), que formam as ligações químicas. As ligações químicas são interações entre elétrons, e podem ocorrer por doação (ligação iônica), compartilhamento (ligação covalente) ou deslocalização (ligação metálica) desses. A ligação iônica (nela predominam as forças eletrostáticas) forma os compostos iônicos e ocorre entre um átomo metálico (que doa elétrons) e um não metálico (que recebe elétrons). A ligação covalente (nela há um compartilhamento de pares de elétrons) forma compostos moleculares polares (entre dois átomos diferentes) ou apolares (entre dois átomos iguais), e ocorre entre dois átomos não metálicos que apresentam a mesma **tendência de perder ou de ganhar elétrons**. Na ligação metálica, os elétrons se distribuem sobre os núcleos positivos de átomos metálicos, formando uma nuvem eletrônica sobre todo o composto formado. A grande maioria das ligações químicas apresentam propriedades intermediárias entre um e outro grupo.

A **mente que criou este universo material**, que foi pensado antes da Criação, montou esse “jogo” mostrado na tabela periódica dos elementos químicos, mas ele não finalizou sua Obra, porque não juntou todas as possibilidades de junção entre eles. Como o Criador “caiu” na própria

Criação, não a finalizou, e por isso a vida tem um final tão feio, ou seja, a morte nos moldes em que ela acontece. Quando alguém está acamado por longo tempo, com, por exemplo, mal de Parkinson (doença que ataca o cérebro, causando tremores e dificuldade na coordenação motora) ou de Alzheimer (doença que destrói a memória e outras funções mentais importantes), por exemplo, **isso não é carma, é “defeito” da Criação.**

As menores partículas – as partículas elementares – que formam a realidade da qual fazemos parte, assim se parecem nas suas mais ínfimas quantidades de matéria, mas, também, algumas delas aparecem como onda, ou seja, a ciência percebeu que elas têm a capacidade de se comportarem como ondas ou partículas.

Entre as partículas, somente o elétron tem a capacidade de hospedar informação – as outras partículas não têm –, e quem descobriu isso foi o físico nuclear francês Jean-Emile Charon, um dos grandes gênios do século XX, conforme avalio. A Física Quântica estuda essa questão, pois os elétrons gravam tudo o que eles vivenciam, e quando os físicos da atualidade perceberam que era real, se defrontaram com as mesmas noções que as tradições ancestrais – os registros “*akáshicos*” – falavam. No passado, ninguém correlacionava os “registros *akáshicos*” com a energia *Rajas*, que é a expressão básica da mente do Criador, a Entidade “caída”.

Javé me demonstrou que ele se sente vinculado a todas as espécies que existem no âmbito da sua Criação, exatamente pelos elétrons. Na Criação de Javé, que é um sistema fechado, em que nada se perde, nada se cria, e tudo se transforma, o elétron é o foco dessa transformação, tanto em relação à posição que ele ocupa em determinado instante, como naquilo que ele guarda nele. Esse fenômeno acontece por obra e graça da Divindade – Prabrajna – que, antes da Criação, idealizou que as coisas seriam desse jeito, e como o elétron tanto atua como partícula quanto como onda, é daí que vem o “princípio da incerteza”, de Heisenberg (ver a nota 25). No contexto macro, achamos que as coisas estão bem definidas, porém, no micro, em que as partículas fundamentais acontecem, há um truque para que essas coisas funcionem de modo que a nossa realidade seja perceptível e bem definida. Não existe equação que possa indicar, com precisão, aonde esses elétrons possam estar, mas o fato é que esta realidade que estamos vendo é decorrente do modo como os elétrons se organizam, formando átomos, moléculas e substâncias, além de guardarem as informações.

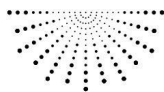
Nota 25: O “princípio da incerteza” é um enunciado da Mecânica Quântica, que foi criado por Werner Heisenberg, em 1927, e indica que é impossível saber a posição exata que um elétron ocupa na eletrosfera de um átomo.

Sabe-se da existência das informações que estão “hospedadas” nos elétrons, mas não se sabe como extraí-las. **A tecnologia mental de extração de informações dos elétrons existia no passado, não porque alguém a tenha criado, mas porque os elétrons “pressionaram”, pois eles sempre buscaram algo ou alguém que os “lesse”.** Ou seja, os elétrons sempre buscaram um “espelho” deles mesmos que não fosse esse “espelho falso” – passagem de informação refinada, com significado, uma vez que trabalhada por um psiquismo, e não passagem da informação sem propósito, sem significado –, que foi inicial e equivocadamente (no seu modo de expressão) decidido antes da Criação.

13.5. INTERAÇÃO DOS ELÉTRONS COM AS FORMAS CORPORAIS DINÂMICAS (VIVAS)

Como visto anteriormente, as egrégoras, positivas ou complicadas, podem se vincular a determinados locais, mas a grande âncora das mesmas sempre será a consciência particularizada de cada ser, e a possível ressonância se dará sempre via o fluxo mental que as une a cada indivíduo. Assim, de modo geral, as egrégoras se encontram vinculadas às pessoas (aos seres) e aos lugares, e elas serão produtivas ou destrutivas, agradáveis ou desagradáveis, do “bem” ou da “ignorância associada à estupidez e a perversões diversas” que costumamos chamar de “mal”, dependendo sempre do que é emanado pelo ser, ou seja, da atitude mental de cada consciência. Os lugares podem até “guardar” certos tipos de egrégoras, mas não as modificam, como também as pessoas podem ser âncoras de algumas outras que se mantêm vinculadas a elas, sejam essas tendentes ao bem ou à cretinice.

“MEMÓRIAS” PARA JAVÉ



A PARTE mais complexa do tema “*A Rebelião dos Elétrons*” inclui as componentes passiva e ativa das “memórias” dos elétrons; o mistério da relação das egrégoras com os elétrons; as trocas de “memórias” entre as egrégoras e os elétrons; e o “jogo das memórias” entre os campos morfogenéticos, as egrégoras e os elétrons.

14.1. AS COMPONENTES PASSIVA E ATIVA DAS “MEMÓRIAS” DOS ELÉTRONS

Para que se compreenda a “rebelião dos elétrons”, faz-se necessário conhecer a questão das “memórias” deles.

Segundo os amigos espirituais, a “memória” do elétron é composta de duas componentes, sendo uma delas passiva, enquanto a outra é ativa – essa não é uma constatação científica, pois a ciência apenas afirma que o elétron tem uma “memória quântica”, e que ele grava tudo.

A componente passiva da “memória” do elétron apenas arquiva, formando aquilo que os mestres da antiguidade chamavam de registro *akáshico* ou *akásico*. Ou seja, uma das componentes da “memória” é passiva, arquivista ou *akáshica*.

Por exemplo, cada elétron de uma cabra assimila o que ela vivencia, e o mesmo acontece com cada elétron de uma árvore, de uma montanha ou da água de um rio. Ou seja, onde o elétron estiver, inclusive no corpo de um ser humano, não há como ele evitar essa memorização porque ele surgiu na Criação para receber informações. Portanto, **é da natureza do elétron**

capturar a informação.

A outra componente da “memória” dos elétrons que é ativa, impulsiva, não existia no início deste universo ou, se já existia, não atuava devido à “podridão” do Criador “caído”, que é o “Dono” de todos os elétrons que existem.

Podemos entender que os elétrons são a mente despedaçada da Divindade (Prabrajna) que se reconstituiu como esse Ser (Brahma, Javé ou Alá). O corpo mental do Criador se despedaçou no campo vibratório que se criou onde, de fato, ele pretendia construir. Como não construiu “direito”, usou a própria matéria mental (os elétrons) para estabelecer o que havia pensado antes da sua “queda”, e por isso, os elétrons, que tinham uma atuação até então passiva, em algum momento da história deste universo, começaram a reagir ao responder à resultante das “memórias passivas” que cada um deles havia arquivado, ou seja, eles começaram a ser marcados pelas informações as quais eles reagiam.

Para um melhor entendimento da capacidade dos elétrons em memorizar dados, vamos acompanhar um elétron que guardou informações equivalentes a um livro, dois livros, uma estante de livros, várias estantes, até completar uma biblioteca. Quando o elétron que, inicialmente, não tinha nenhuma informação, passa a possuir o equivalente a uma biblioteca, **todas aquelas informações que ele apropriou, terminam por formar uma massa crítica, que faz com que ele reaja a ela, adquirindo “um tipo de identidade” ou “um tipo de premissa”.** A premissa desse elétron, que é **resultante das informações que ele diretamente acumulou**, é como se fosse a “identidade” dele. Todavia, **como todos os elétrons estão interligados**, em algum momento dessa história, ele começou a perceber que **havia outros elétrons que estavam marcados por certas informações que ele possuía, mas que não tinham vindo de uma “vivência” dele e, por isso, não estavam diretamente marcadas nele** – então, os elétrons começaram a entender que deveria existir algum problema no circuito deles, pois existiam também certas doses de dificuldades para começar a perceber o que os outros têm e ele não tem. Os elétrons têm essa natureza atávica porque eles foram criados “podres”.

Então, esse elétron **começou a ter um tipo de premissa de querer “vir a ser”, ou de querer se modificar, ou de querer novas informações para modificar o que ele passivamente recolheu, pois não pode se livrar de nenhuma informação.** Não há como os elétrons se livrarem de qualquer

informação, pois eles não podem descartá-las. Eles não defecam como os nossos organismos fazem após retirarem dos alimentos os nutrientes que vão alimentar as células, eliminando o restante sob a forma em fezes. Cada elétron é obrigado a se alimentar de todas as informações deletérias – como as relativas à violência, ao desespero, ao pavor, ao ódio e ao sofrimento – porque eles não têm opção.

O elétron, então, resolveu tentar de novo, mas chegou a um ponto em que ele não aguentou mais guardar arquivos de “imundícies”, pois assim ele ficava cada vez mais “sujo” – ele nasceu “podre”, mas era “limpo”. Todavia, com o passar do tempo, além de “podre” e de ficar “sujo”, ele foi “apodrecendo” mais devido às atuações da *Trimurti*, chegou um momento em que alguns dentre eles resolveram que bastava, e se “rebelaram”.

Quem descobriu que os elétrons têm “memórias”, foi o já citado físico nuclear francês chamado Jean-Emile Charon, porém estou afirmando que a “memória” dos elétrons tem duas componentes, conforme orientado pelos mentores espirituais.

14.2. O MISTÉRIO DA RELAÇÃO DAS EGRÉGORAS COM OS ELÉTRONS

Até agora, a ciência não admite que as egrégoras (ver a nota 21) existem, pois alguns cientistas não aceitam as evidências quânticas desse pressuposto, e muito menos levam a sério alguns dos postulados de Freud e de Young.

A relação das egrégoras com os elétrons, a princípio, ainda é mal compreendida, porém está estabelecida nos tais campos mórficos – os campos morfogenéticos.

Um dos aspectos do campo morfogenético pode ser entendido através de uma ocorrência que aconteceu no arquipélago japonês, nos anos 60, onde alguns cientistas alimentavam, diariamente, uma espécie de macaquinhos com batatas jogadas na praia. Certo dia, em uma das ilhas, os cientistas observaram que uma macaquinha pegou uma batata suja de areia e a lavou na água do mar, antes de comê-la. No dia seguinte, eles viram que diversos macaquinhos daquela espécie que havia nessa ilha repetiam o comportamento da fêmea ao lavar as batatas antes de comê-las. Pouco tempo depois, ao jogarem as batatas na praia de uma outra ilha, vários macacos daquela mesma espécie, que a habitavam, repentinamente, pegavam as batatas e as lavavam

para depois as comerem. Passado mais algum tempo, todos os macacos das ilhas estavam lavando as batatas antes de comê-las. Como os macacos de uma ilha não viam os das outras ilhas, e esse fenômeno se iniciou na primeira ilha, em tese, eles estavam ligados pelo chamado “campo morfogenético” dessa espécie de macacos.

O campo morfogenético não é físico, pois não pertence ao tecido do espaço-tempo do nosso universo, portanto não pode ser visto ou filmado – daí a dificuldade da visão classifica em aceitar a existência dos campos morfogenéticos.

No caso citado, quando o psiquismo da macaquinha, que iniciou esse fenômeno, teve essa ideia, foi só ela que lavou a batata no primeiro dia, e os elétrons do corpo dela ficaram marcados com esse novo comportamento. Não foram os elétrons do corpo da macaquinha que tiveram esse ímpeto, mas sim, o psiquismo dela é que o teve – por isso, **para o universo, é importante que se criem psiquismos que produzam comportamentos novos, que sejam refinados, que levem a um aprimoramento.**

Quando a macaquinha teve essa ideia, mesmo antes dela lavar a batata, os elétrons do corpo dela já ficaram marcados, e ao praticar a ação, esses elétrons influenciaram o genoma daquela espécie de macaco e, instantaneamente, o campo morfogenético da espécie recebeu uma nova informação. Entretanto, isso ocorreu fora do nosso espaço-tempo. Os elétrons da macaquinha estavam dentro do nosso espaço-tempo porque estavam no corpo dela, mas o comportamento dela foi registrado no campo morfogenético, que não estava no nosso espaço-tempo. Ele estava em algum lugar onde os elétrons da macaquinha foram quando se desmaterializaram e, em assim estando, marcaram esse comportamento no campo morfogenético e, na sequência, voltaram a se materializar. Esse processo de desmaterialização e materialização ocorre bilhões de vezes a cada segundo, como já referido.

Depois que muitos macaquinhos viram o comportamento da macaquinha da mesma ilha deles, a imitaram no dia seguinte, e esse campo morfogenético ficou ainda mais marcado, por meio dos elétrons, pelo que cada membro da espécie fazia. Quando uma massa crítica de macacos que assim se comportavam nessa ilha foi atingida, formou-se uma egrégora coletiva – vamos assim dizer, porquanto existem as de ordem individual. Os macaquinhos da outra ilha, como também estavam ligados a esse campo morfogenético, sentiram essa marcação da massa crítica, que os influenciou mesmo sem eles verem os da primeira ilha, pois receberam a intuição através

da egrégora formada, e também adotaram o ato de lavarem as batatas antes de comê-las.

Então, essa experiência explica o mistério incompreendido da relação das egrégoras com os elétrons. **As egrégoras ficam entre os elétrons e os campos morfogenéticos, ou seja, elas os ligam, e ficam fora do nosso espaço-tempo.**

Entretanto, também há egrégoras dentro do nosso espaço-tempo, extremamente materializadas, ainda que invisíveis, e por isso esse assunto é complexo, e diz respeito à “*Awayem* – A Central de Realidades de Javé”, assunto que não será possível de ser tratado aqui.

14.3. AS TROCAS DE “MEMÓRIAS” ENTRE AS EGRÉGORAS E OS ELÉTRONS

Os elétrons e as egrégoras estão sempre vibrando e trocando informações. As “memórias” dos elétrons e as das egrégoras são tudo que existe como sendo “memórias” geradas dentro da Criação de Javé. **Ele não tem como acessar outros tipos de “memórias”, a não ser essas.**

Durante todo o tempo, **nós somos doadores de “memórias”** para os membros da nossa espécie, pois através do campo morfogenético do *Homo sapiens*, influenciemos uns aos outros ao nos vincularmos a certas egrégoras humanas.

Por um outro mecanismo, **também somos doadores de “memórias” para seres extrafísicos** que, mesmo ao nos verem agindo, às vezes, não há uma troca imediata, mas ela termina surgindo lá no íntimo do corpo deles – do mesmo jeito que alguns dos nossos elétrons surgem no íntimo de certos microtúbulos dos nossos neurônios – talvez pelos “buracos negros”, ou por outra “ponte quântica” que exista.

Os cientistas dizem que, a todo momento, nossos elétrons formam “pontes quânticas” e, se isso for verdade, essas informações não são trocadas apenas via “buraco negro”, mas também via os “*Hawking holes*” – os “buracos de fresta” –, “microportais” em que, a cada segundo, como tudo se desmaterializa e se materializa, cada elétron desse tem um canal para ir e para voltar.

O “*Big Data*” do Criador – discuto esse tema no livro “*O Big Data do Criador*” – foi formado com base nessas “memórias” que os elétrons

conseguiram coletar. Javé tem muita dificuldade em acessar os campos morfogênéticos das espécies, mas puxa as “memórias” dos elétrons e das egrégoras.

14.4. O “JOGO DAS MEMÓRIAS” ENTRE OS CAMPOS MORFOGENÉTICOS, AS EGRÉGORAS E OS ELÉTRONS

As “memórias” das egrégoras e as dos elétrons ligam os que estão “mergulhados” nas **Criações Transitórias** aos **níveis espirituais** que as sustentam, através das “memórias” dos campos morfogênéticos – por isso é que, nesta Criação, as “memórias” das egrégoras e dos elétrons representam o que mais facilmente Javé pode “pescar” a partir do universo paralelo em que reside.

Quem criou este universo, criou, de fato, a movimentação dos elétrons, porém não criou a vida, pois essa foi improvisada em algum momento posterior, já com ele se desenvolvendo. Assim, inicialmente, os elétrons apenas se moviam devido ao “jogo” dos próprios prótons que os puxavam, e quando eles se juntavam formavam estrelas, aí as estrelas morriam e formavam novos elementos – e os elétrons “dançavam essa música”. Entretanto, **em certo momento da história, surgiu uma nova “música” – os campos morfogênéticos –, organizando os elementos químicos nos CFDs e, então, os elétrons, além da paisagem que produziam, começaram a criar formas vivas.** A partir desse momento, **os elétrons passaram a obedecer a um outro fenômeno que surgiu, ou seja, aos diferentes psiquismos das formas vivas.**

Como exemplo de formas vivas de diferentes complexidades, temos as bactérias, as plantas, os répteis, os mamíferos e os primatas. A bactéria vibra e quer perceber principalmente a temperatura, o pH, a salinidade e a atividade aquosa do local aonde ela está, e o que ela vai roubar como alimento. Já uma árvore do campo tem uma maior complexidade pois ela tem que posicionar seus galhos e suas raízes e controlar a produção de folhas, flores e frutos conforme o vento, a chuva, a temperatura, a luz solar, os nutrientes, o pH, a umidade e a salinidade do solo, ou seja, ela tem que lidar com uma variável muito maior de elementos do que a bactéria, que apenas precisa de poucas informações para sobreviver e se reproduzir.

Uma árvore, mesmo não tendo um cérebro, possui um sistema de

impulsos elétricos que faz com que ela administre essas condições. Todavia, um jacaré precisa lidar com muito mais informações do que uma árvore, pois ele precisa caçar para se alimentar. Um jacaré lida com a temperatura, a salinidade e o pH da água, com a correnteza do rio, com locais aonde tem luz e aonde tem sombra, entre outros fatores. O ímpeto de sobreviver que faz com que uma bactéria ou uma árvore vivam, no jacaré vai fazer com que ele se transforme num predador, e ele vai sentir uma presa, vai selecionar o que vai preda. Então, o cerebelo do jacaré vai precisar de centenas de informações para ele poder distinguir as presas, se movimentar de forma predadora para enganar a presa, ou seja, mesmo sem um cérebro nos moldes em que os mamíferos têm, ele vai lidar com muitas informações para se alimentar.

Quando a evolução ultrapassou o limite da vida reptiliana e criou os mamíferos, esses já passam a lidar com milhões de informações, pois surgiu o cérebro límbico, com o hipocampo e ligado ao tálamo e ao hipotálamo. O corpo de um mamífero recebe informações do ambiente através de cada célula, e o tálamo recebe todos os sentidos do mamífero, manda o hipotálamo produzir hormônios, memoriza no hipocampo, e associa a cada memória uma noção de zelo ou de agressão (protoemoção) em relação aos outros animais. Um mamífero apresenta uma maior complexidade do que os répteis, pois lida com centenas de milhões de informações a cada segundo.

O modo de ser de uma bactéria, de uma árvore, de um jacaré ou de um macaco é exatamente o segundo fator que mexe com os elétrons, que os ordenam. Os elétrons só podem se mover segundo a regra do genoma de cada espécie. Quem criou os genomas também criou os campos mórficos. Quando surgiram os primatas e depois houve a racionalização – com o surgimento do *Homo sapiens* –, é como se os elétrons estivessem pedindo um “diretor de cena” para captar todas as informações que um cérebro com neocórtex recebe por segundo, para esse “diretor” decidir o que fazer com tanta informação, pois nos animais as coisas vão acontecendo por instinto, mas no cérebro humano a interferência do psiquismo é muito intensa.

No ser humano – onde tem o fator espiritual, que provoca o apanágio da razão –, a partir de Pandora e de Eva, **os elétrons “pedem” que alguém os administre, pois eles só sabem se juntar pelas regras que lhes foram dadas no início da Criação, e pelos campos morfogenéticos que surgiram, organizando-os dentro dos genomas. Esses genomas se tornaram tão complexos que os elétrons organizados dentro deles “pediram um diretor**

de cena” que passasse a dirigi-los. O ser humano terrestre surgiu como melhor “diretor” ao ter a consciência de perceber o que outro tipo de ser jamais perceberia, que é a lógica do “diretor de cena” para os elétrons presos a genomas. Essa lógica faz com que essas personalidades, esses indivíduos que nós desenvolvemos – com todas as lógicas que estão rodando em nossos cérebros e nos elétrons do genoma da nossa espécie –, marquem em nossos elétrons os programas para processar as informações que estão guardadas neles, condição que é inusitada nestes 13,8 bilhões de anos.

Um elétron, até agora, só se prestou a ter as suas informações processadas por forças além dele, porque essa é a sua função. Ele só existe assim, “pedindo um diretor de cena”, porque houve uma exceção, ou seja, a mente de Prabrajna, que seria essa força que o dirigiria, se “despedaçou” quando ele “caiu” na própria Criação. Esse Ser, que parte da humanidade chama de “Javé”, é o conjunto desses elétrons e antielétrons dos quais ele tenta ser o “diretor de cena”, mas nunca consegue.

Tudo indica que foi Javé quem deu ordens para criar os campos morfogenéticos através de Shiva e dos “fornos replicadores” de vida (“*Awaylengan*”, o “forno replicador” de Shiva e “*Awamayon*”, o “forno replicador” de Vishnu) no universo material, e isso ocorreu porque houve uma “exceção” quando a alma dele permaneceu na Espiritualidade Laboratorial, se separando do corpo mental superior, que “caiu” na Criação e se despedaçou.

Então, quando um espírito vai “ser um peixe”, a sua alminha se vincula ao campo morfogenético da espécie de peixe na qual ela vai nascer. De modo similar, se outro espírito vai “ser um elefante”, a sua alminha se vincula ao campo morfogenético da espécie de elefante na qual ela vai viver e, quando o corpinho do elefante nasce, ele se liga à egrégora vinculada àquele campo mórfico dessa espécie.

Ao marcar o campo morfogenético, Jesus e outros humanos da Terra deram exemplos formidáveis de amor filosoficamente incondicional para o resto da humanidade. Se a Terra tem 7 bilhões de habitantes humanos e apenas 4 deles amam incondicionalmente – pois amar condicionalmente, ou de vez em quando, não marca direito a egrégora humana do amor –, e marcam mais fortemente o campo morfogenético ligado à espécie humana, isso ainda não é suficiente para predispor toda a humanidade a amar incondicionalmente, porém pode influenciar alguns humanos terrestres.

Quando mais membros da espécie humana – influenciados ou não pelo

exemplo de Jesus e de outros – marcarem seu campo morfogenético com o amor filosoficamente incondicional, e for atingida uma certa massa crítica, ela influenciará o restante dos humanos. Isso se dará da mesma maneira que a massa crítica de macaquinhos de uma das ilhas do arquipélago japonês influenciou os macaquinhos das demais ilhas a assumirem o novo comportamento de lavar as batatas antes de comê-las.

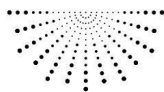
Então, o campo morfogenético liga nossos espíritos ao “jogo de vibração” ou à “dança dos elétrons e das egrégoras”. Nesse “jogo de vibração”, o espírito encarnado aciona, via campo morfogenético e via consciência vibratória, no corpo físico ao qual ele está ligado e, dependendo do que ele provoque no psiquismo desse corpo físico, ele marca o resultado do que fez nos seus elétrons – marca tanto na parte genética do corpo físico quanto no próprio espírito dele –, e em todos os elétrons do universo.

Nesse ponto, podemos atentar que **o Deus Verdadeiro não está presente nesse “jogo”**. Alguns entendem que Ele é amor e está presente nesse “jogo” através do amor, todavia, quem tem que produzir amor na egrégora e no campo morfogenético somos nós, e não Ele. Outros pensam que Ele é quem faz as pessoas amarem, mas essa questão é complicada, porque o nome “Deus”, aí, está sendo usado para indicar um “Ser Perfeito e Todo Amor”, que não obrigaria ninguém a coisa alguma. O fato é que os elétrons desse “jogo” são do Criador “caído”, que se identifica como “Deus”, mesmo não sendo esse “Ser Perfeito e Todo Amor”. Essa é a confusão!

Essas questões estão sendo aqui abordadas propositalmente tão somente para que possamos adquirir consciência crítica e reflexiva sobre esse tema.

Portanto, a consciência espiritual está vinculada ao campo morfogenético de uma espécie, que pode ser, em linhas gerais, clone, demo, biológica ou artificial. Dependendo do uso que essa consciência espiritual faça do corpo ao qual ela está implantada transitoriamente, como, por exemplo, se esse corpo produzir conhecimentos, cada novo conhecimento vai marcar os elétrons daquele corpo e do universo onde aquele corpo estiver existindo, e também marcará o campo morfogenético da espécie e o espírito ou a consciência que originou o processo interferente.

QUESTÕES ESSENCIAIS SOBRE OS ELÉTRONS



São seis as questões essenciais que dizem respeito aos elétrons.

15.1. PRIMEIRA QUESTÃO ESSENCIAL

1ª questão essencial: Por serem “defeituosas” e “podres” (no sentido do que hoje entendemos como sendo o câncer, presente em incontáveis moléculas da vida) as duas faixas de realidade que vieram a compor a Criação problemática, a partir de um certo instante dos seus desdobramentos, começou a imperar um padrão vibratório que passou a influenciar desgraçadamente os seus fatores constituintes – as partículas elementares.

Esse padrão vibratório surgiu num momento em que era “horrível” a situação da Criação e, então, ele começou a marcar os elétrons de modo diferente. Em outras palavras, apesar de toda a “podridão” que existia nas duas faixas de realidades da Criação – universos material e antimaterial –, em algum momento, algo diferente aconteceu, e os elétrons começaram a ser marcados.

15.2. SEGUNDA QUESTÃO ESSENCIAL

2ª questão essencial: De todas as partículas elementares, somente parece existir uma, o elétron, que se movimenta e se deixa marcar por dentro, pois possui “memória quântica” infinita.

15.3. TERCEIRA QUESTÃO ESSENCIAL

3ª questão essencial: Somente a espécie mais recentemente surgida na história da Criação – a espécie *Homo sapiens* – tem a capacidade de marcar crítica e amorosamente os elétrons.

Essa questão é importantíssima.

Zeus e seus descendentes, que foram da última geração demo, não tinham capacidade crítica e tinham um pouquinho só de capacidade de amar. Os demos pararam nesse ponto e não houve mais nada diferente depois disso. Mais tarde é que os descendentes de Pandora – filha de Zeus –, que já eram uma mistura, produziram algo mais em relação à capacidade de amar.

15.4. QUARTA QUESTÃO ESSENCIAL

4ª questão essencial: Mesmo que o padrão evolutivo da natureza humana terráquea tenha sido mal utilizado pelas gerações de humanos que existiram até o momento, ainda assim, esses conseguiram criar um “imperativo categórico” (ver a nota 26) no campo da moral/espiritual – o do amor e da decência – que provocou um contexto vibratório algo inusitado no modo comportamental do conjunto das partículas elementares.

Nota 26: Segundo o filósofo prussiano Immanuel Kant (1724-1804), em seu livro “*Fundamentação da Metafísica dos Costumes*”, todos os imperativos ordenam ou hipotética ou categoricamente. Os hipotéticos representam a necessidade prática de uma ação possível como meio de alcançar qualquer coisa que se quer ou que é possível que se queira. O imperativo categórico é aquele que nos representa uma ação como objetivamente necessária por si mesma, sem relação com qualquer outra finalidade. No caso da ação ser apenas boa como meio para qualquer outra coisa, o imperativo que ordena é hipotético; se a ação é boa em si, então o imperativo é categórico”.

O nosso universo material é formado por 100 bilhões ou mais de galáxias, e cada galáxia por centenas de bilhões de estrelas, mas o número de egrégoras dele é de uma ordem de grandeza estupidamente maior –

estimado em um número difícil de ser expresso. O número de egrégoras ou campos vibratórios do universo demo, porém, pelo fator de demência e de repetição – são sem criatividade e têm grau de complexidade razoável – daquelas mentes com poucos talentos, é de ordem bem mais modesta e, segundo os poucos mentores espirituais que tratam do tema, parece estar situado em algo próximo a 200 bilhões.

Somente depois de 13,8 bilhões de anos de história desses dois universos, quando os humanos surgiram e começaram a amar e a não aceitar certas coisas, é que aconteceu o **imperativo categórico no campo da moral/espiritual**, que provocou um choque no contexto vibratório de todas essas egrégoras formadas.

Javé é o Ser mais “corrupto” que existe na “podridão” da Criação dele. Ele é a personificação da “podridão”. **Ele é “corrupto” porque já “nasceu” disposto a sobreviver a qualquer custo. Quem pretende sobreviver a qualquer custo, se corrompe, e faz qualquer coisa** – atua sem ética e decência, não faz nada do que é bom e faz tudo do que é ruim – **para se manter vivo**. Esse Ser, essa “Besta” que passou a existir no início da Criação, se deformou a tal ponto, não por maldade, porém por necessidade de sobrevivência e, no desespero dele, ele se recriou corrompido assim.

Todas as egrégoras que surgiram a partir dos desdobramentos do modo de ser de Javé, marcado no seu código-fonte inicial – o CFDP –, também apresentaram essa “doença”. **E nós humanos, que fomos os últimos a surgir, é que estamos revertendo esse quadro.**

Não temos ideia do efeito causado por Sócrates quando ele preferiu morrer a aceitar a proposta de seus amigos atenienses para que fugisse da prisão, pois eles tinham subornado os guardas para deixá-lo escapar. Sócrates argumentou que havia passado a vida inteira criticando a corrupção e que, mesmo estando preso injustamente e que sua vida fosse preciosa, ele não aceitava se corromper para fugir. Foi de um ato dessa classe que surgiu o imperativo categórico de não se corromper. Essa vibração de Sócrates perpassa todas as marcações que o campo morfogenético humano já reuniu de milhões de seres humanos, até então – ou de bilhões, porque os mesmos espíritos reencarnam. No campo morfogenético humano, já com tantos padrões energéticos registrados, aquela vibração especial, ao ser recebida, fez com que tudo ficasse ridiculamente frágil e simplório na frente dela. Esse é um outro aspecto do que se chama “imperativo categórico” – que é quando uma dada vibração é imperativa, ou seja, é mais forte que as demais e se

destaca.

Nunca, na história de todos os elétrons, egrégoras e campos morfogenéticos havia surgido um imperativo categórico daquela categoria porque, até então, só havia corrupção e robotização – tomemos esse fato histórico como a premissa lógica desse novo momento. Mesmo as espécies biológicas mais antigas, geradas neste universo, já surgiram com um CFD muito “doente”. Então, os Engenheiros Siderais ajeitaram para que o nosso CFD (ou DNA, mais especificamente) ficasse com apenas 3% a 5% da “doença” ativa – o restante é considerado “DNA-lixo” –, e isso possibilitou que os humanos da Terra criassem o que nós chamamos de “imperativo categórico” no campo da moral/espiritual.

Para a maioria da humanidade a atitude que Sócrates teve parece ridícula e absurda, e ele seria um imbecil, pois o que custava, segundo os humanos “espertos” – como nós, os brasileiros, que gostamos de “dar um jeitinho” em tudo – ele aceitar a proposta de fuga, baseada na corrupção. Para a maioria dos políticos brasileiros – na verdade, de todos os países – da atualidade Sócrates pareceria um extraterrestre.

Alguém como Sócrates pode não ter valor para a humanidade atual, mas, na Espiritualidade, o valor dele é incontestável. Do mesmo modo que nós visitamos um museu ou uma exposição, os espíritos vão, na Espiritualidade, num centro de controle operacional do campo morfogenético humano, e observam aquela vibração especial de Sócrates, dentre mais de trilhões de marcas produzidas por todas as consciências particularizadas que já nasceram como ser humano terrestre – **algumas marcações humanas estão vinculadas a um determinado espírito observador, já que esse teve várias consciências.** Aquela vibração especial de Sócrates, quando observada, é uma luz explodindo no meio da escuridão – é uma espécie de *turning point*, no qual uma determinada situação ou tendência começa a mudar.

Assim como Sócrates agiu, é um imperativo categórico o que certas pessoas, heróis e heroínas da humanidade – a maioria delas nem ficou conhecida através da história – conseguiram fazer e, para a Espiritualidade, elas são figuras formidáveis.

Se foram esses humanos que criaram os imperativos categóricos no campo da moral/espiritual, Deus não está nesse “jogo” – isso é questão para “pós-graduados” entenderem. O melhor seria perguntarmos onde está o “Deus” que nós pensamos ser do jeito que sempre sonhamos para a humanidade.

O imperativo categórico é uma questão essencial que precisamos compreender para podermos entender o que será exposto a seguir.

15.5. QUINTA QUESTÃO ESSENCIAL

5ª questão essencial: Desde que surgiu o primeiro imperativo moral/espiritual sobre o amor e a decência, estabelecido por um humano terrestre, o que cada elétron “vivenciasse” e fosse passar para outro, primeiro marcaria em si mesmo. Em outras palavras, **um valor subjetivo passou a prevalecer** sobre os de ordem prática da vida universal. **Esse mecanismo vibratório “atropelou” as demais maneiras de “troca informativa” que antes existia entre os elétrons.**

Os biodemos não têm sensação emocional, mas do biodemo Yel Luzbel – também conhecido como Lúcifer – resultou “um determinado padrão de explosão emocional” depois que ele percebeu alguma coisa errada nas informações que os elétrons trocavam, e quando não recebeu retorno ao questionar Sophia e os seres das famílias Aya e Aye de que havia alguma coisa errada nisso, e que as coisas não eram do jeito que eles estavam afirmando. E Yel Luzbel tinha razão, pois Sophia e os seres das famílias Aya e Aye apenas repetiam o que lhes vinha de Mohen So (ver a nota 27) e de Vishnu. E essa história terminou por resultar na “Rebelião de Lúcifer”. Então, Yel Luzbel começou a “perturbar” os elétrons com esse tipo de questionamento que ele fez.

Nota 27: Mohen So foi um demo de quatro cabeças – uma livre e cada uma das três outras obedecia a um dos “Senhores da *Trimurti*” (Brahma, Shiva e Vishnu). Ele vivia em uma “*loka*-prisão” e era um avatar de Vishnu no universo antimaterial, criado sem “lacre” para equacionar os problemas da *Trimurti*, mas com “dispositivo de destruição”, conforme exigência de Brahma, para ser eliminado caso fugisse do controle da Tríade. Mohen So descobriu a existência do universo material e foi o autor do “Projeto *Talm*”. Ele se desconstituiu em 2017 – assim como Vishnu, que se desconstituiu em 2016 –, para “fortalecer” Sophia, o Cristo Cósmico, outro avatar de Vishnu, mas do nosso universo material.

O tempo passou até que os seres humanos surgiram e, na Terra, começou a haver uma troca de elétrons entre corpos de diferentes procedências, como os de biodemos – que haviam se afastado ou participado da “Rebelião de Lúcifer” –, de demos, de humanos, de seres do norte hiperbóreo (biodemos e seres híbridos), e de extraterrestres (anunnaki e anfíbios sirianos). Começou, então, uma mistura inédita de informações entre os elétrons, e **Pandora mexeu fundo nisso, até que os *Homo sapiens* passaram a ter uma percepção diferente, a partir da qual os elétrons de seus corpos foram adquirindo novas premissas. Somente a partir desse ponto é que os elétrons assumiram um mecanismo de marcar primeiro neles uma informação que eles tinham que passar. E cada elétron começou a fazer essa “cota de retenção ou de apropriação de informações” conforme a sua “premissa particular”.** Difícil de entender e de aceitar?

Os elétrons já surgiram colhendo passivamente a informação e sentindo compulsão em passá-la para os outros elétrons. O que um determinado elétron recebia de informação de outro elétron, instantaneamente, os demais também recebiam e, por isso, ele não precisava repassá-la. Ou seja, cada elétron comanda, a cada segundo, uma onda de expansão que envolve toda a “família” de elétrons, o que implica dizer que a informação que um deles recebeu de outro não precisa ser repassada porque os demais elétrons também receberam a mesma informação. Esse é um dos aspectos do entrelaçamento quântico!

Na medida em que a quantidade e a qualidade da marcação íntima dos elétrons foram atingindo um padrão de complexidade infinitamente superior à da mente despedaçada do Criador – alguns mentores afirmam, inclusive, que seria também superior à própria condição que essa mente tinha quando existia como Prabrajna, antes da sua “queda” –, **os elétrons começaram a ficar cada vez mais com vontade de influenciarem uns aos outros, ou de retirarem dos outros o que a premissa de cada um passou a achar como sendo lógico para preencher determinada necessidade daquele elétron.**

Se um elétron ficou muito tempo no corpo de um ser humano que queria só amar e conseguiu criar o amor incondicional, esse elétron, que continuou existindo após a morte do ser humano, sai e a premissa dele passa a ser, à moda elétron, a da última influência que ele teve, que é a mais forte. E é nesse ponto que esse elétron começou a ter a vontade de influenciar outros ou de retirar, dos outros, informações relativas à premissa adotada de “amar incondicionalmente”.

Devido a esse **imperativo categórico** – que ocorreu quando os humanos surgiram e começaram a amar e a não aceitar certas coisas –, irrompeu um novo mecanismo vibratório que mudou o modo de “troca informativa” que antes existia entre os elétrons, e **esse foi o ponto limite da “podridão” dos dois universos da Obra de Javé.**

Os **imperativos categóricos não existiam antes da espécie humana terrestre** surgir. Pode ser que existissem outros imperativos categóricos planejados para a Criação, porém, nesse caso, a mente do Criador teria perdido o contato com eles ao se despedaçar.

15.6. SEXTA QUESTÃO ESSENCIAL

6ª questão essencial: Quando, neste universo, a vida biológica surgiu já estruturada pelos “corpos espirituais”, esses se apropriavam do que os seus “corpos biológicos” marcavam em si mesmos, e foi assim que surgiu a relação cármica meritória ou não que atualmente existe entre o espírito e as suas vidas transitórias.

Para um melhor entendimento, vamos acompanhar um determinado ser humano que, ao aplicar a regra do “império do mais forte sobre o mais fraco na natureza biológica”, por ser mais forte que outro, agredia-o, torturava-o, amarrava-o, escravizava-o, e levava a vida sem se preocupar com o que fazia. Depois que eles morreram, chegaram na Espiritualidade – em uma realidade espiritual de nível baixo –, e o espírito do que foi mais fraco passou a perseguir o espírito do que foi mais forte, revoltado pelo que este havia feito com ele. O espírito que era perseguido tentava se defender dizendo que, na Terra, valia a regra do “império do mais forte”. Como, na Espiritualidade, o espírito do perseguido (vítima, na Terra) tinha mais força que o espírito do perseguidor (algoz, na Terra), pois estava muito revoltado, mesmo tentando se justificar, o espírito do que foi mais forte na Terra passou a marcar nos seus “elétrons espirituais” – ou algo que a isso se assemelhe, pois a Espiritualidade teve que criar algo parecido com “elétrons espirituais” –, o produto do que havia feito na última encarnação.

Os “elétrons” do corpo espiritual ou perispírito (ver a nota 28) do perseguidor (o antigo algoz, na Terra), em recebendo a influência do espírito perseguido (a antiga vítima, na Terra), agora transformado em algoz, se sentiam na defensiva. Esse tipo de “jogo” é que começou a fazer com que a

consciência de espíritos criados simples e ignorantes, quando chegavam nesse ponto de evolução psíquica, comesçassem a ter um movimento consciencial de *“se fiz coisas ruins para os outros seres humanos, marco primeiro essas coisas ruins em mim, e em marcando, com as marcas que eu juntar no meu espírito, terei o próximo corpo com a condição energética que esteja relacionada ao meu marco vibratório espiritual, e eu só posso me imantar a um corpo material que tenha ressonância genética com meu corpo espiritual”*.

Nota 28: Perispírito é o nome dado, por Allan Kardec (codificador da “Doutrina Espírita”, a “Revelação Espiritual”), ao elo entre o espírito e o corpo físico, que lhe serve como meio de manifestação quando desencarnado – ou seja, é o conjunto dos corpos que o atma (ou espírito) apresenta quando desencarnado.

É por isso que, em novas encarnações na Terra, começamos a vir com programas encarnatórios pré-definidos pelo nosso carma. E esse carma (conjunto de arquivos ou bagagem de arquivos) foi criado porque surgiram imperativos categóricos que passaram a exigir marcações mais sofisticadas nos elétrons. Os nossos psiquismos, vinculados a esses elétrons, **começaram a notar que havia um tipo estranho de justiça que fazia com que o que fizéssemos aos outros na Terra, quando chegávamos na Espiritualidade, nós nos obrigávamos a sofrer aquilo que tínhamos causado, e o “jogo de ação e reação” ou “jogo de causa e efeito” surgiu por causa disso**. Se isso for verdade – e parece que é –, **não foi Deus quem criou as leis do carma e o carma não é decorrente da justiça divina**. De fato, um deus que fosse somente amor muito provavelmente não criaria mesmo leis dessa categoria. Difícil de entender e de aceitar?

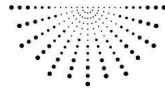
Apenas imperativos categóricos no campo da moral – que as espécies evolutivas foram criando – é que existem como padrões definidores que redistribuem “arquivos previamente informados” também nas realidades espirituais vinculadas aos campos morfogenéticos de cada espécie. Esse tipo de exigência que faz com que todos se submetam ao mesmo conjunto de regras que definem que, se está marcado no elétron, tem que estar marcado no código-fonte definidor da espécie (CFD), e se está marcado no CFD, tem que ter um corpo resultante disso, porque a egrégora mental exige que o ser, que marcou nele tudo o que fez aos outros, conviva também com esse tipo de

situação que ele provocou – se ele fez coisas ruins em vidas passadas, essas coisas estarão com ele em vidas futuras.

Na época da “Revelação Espiritual” não era possível explicar a lei do carma sob a perspectiva da marcação dos elétrons, porque não havia condições para as pessoas compreenderem isso, nem os espíritos sabiam direito o nível de repercussão do problema das egrégoras.

O conceito que fazemos de “Deus” como sendo um “Ser Perfeito e Todo Amor”, se o que estou relatando estiver minimamente correto – e parece que está –, não se aplica para o Criador “caído” na própria Criação, que nada tem de Deus.

EVOLUÇÃO DO GRAU DE AFETAÇÃO DOS ELÉTRONS



QUANDO OS ELÉTRONS COMEÇARAM A EXISTIR, logo após o surgimento da **singularidade** – com a consequente expansão da **sopa de quarks e glúons** que consubstanciaram o núcleo atômico composto por prótons (cada um com 2 quarks *up* e 1 quark *down* “colados” pelos glúons) e nêutrons (cada um com 1 quark *up* e 2 quarks *down* também “colados” pelos glúons) –, o fizeram já desgraçadamente marcados pelo que estava acontecendo com os antielétrons que, existindo no universo antimaterial, foram utilizados diretamente pelo que restou do poder mental do Ser nele “caído”.

Desde esse momento, a vida de todos os elétrons desandou devido à “infecção” advinda dessas vibrações mentais, profundamente desesperadas, e o “grau de afetação” somente piorou ao longo desses 13,8 bilhões de anos – apenas nos últimos 81 mil anos passou a melhorar – da mais tresloucada aventura que um Ser promoveu no uso do seu livre arbítrio!

16.1. GRÁFICO DA RESULTANTE DA MARCAÇÃO DOS ELÉTRONS

Na figura 2, a seguir, está representado o gráfico do “grau de afetação” ou da resultante da marcação dos elétrons e dos antielétrons na Criação de Brahma – ou de Javé.

Na região inferior do gráfico com valores (ou graus) negativos, estão as resultantes das marcações ruins feitas nos elétrons da Criação de Brahma. Os valores (ou graus) positivos estariam na região superior do gráfico, mostrando as resultantes das marcações boas, mas este tipo de situação,

infelizmente, ainda não foi atingido – circunstância inexistente, por enquanto.

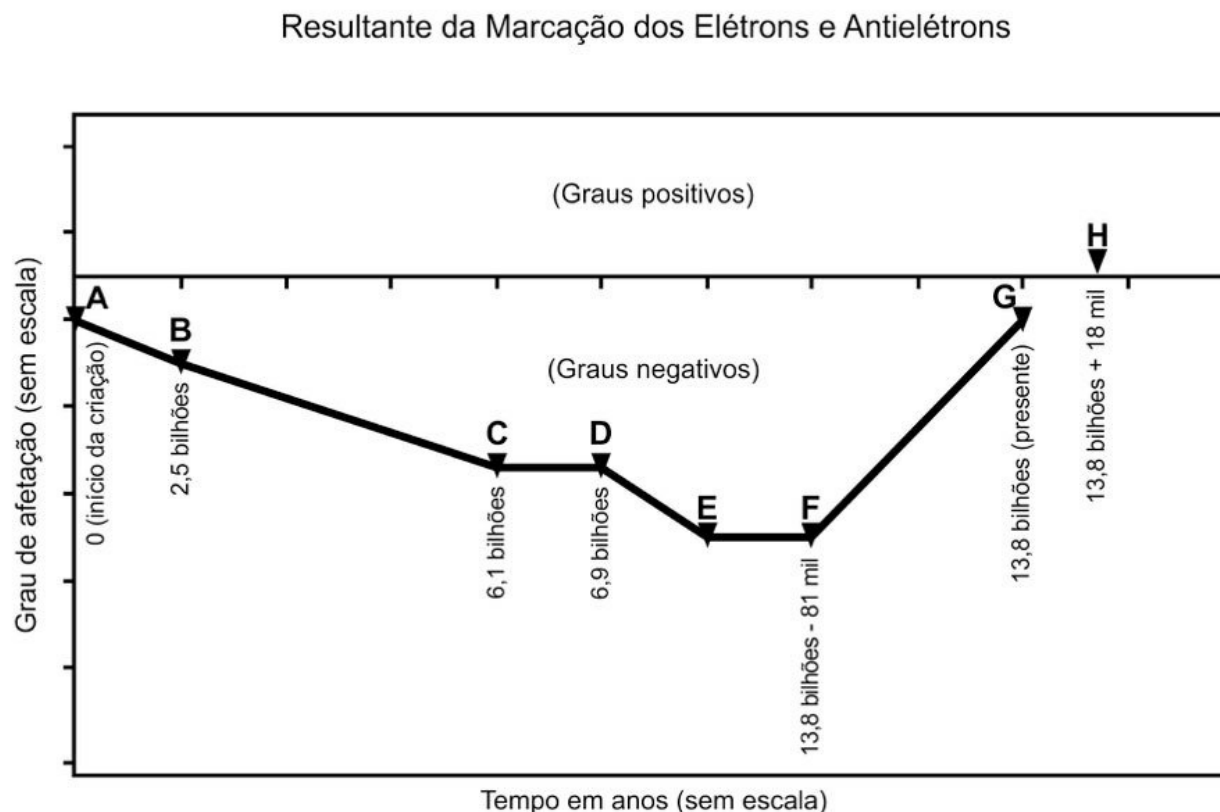


Figura 2: Gráfico da resultante da marcação dos elétrons

No ponto “A”, é o momento inicial ou momento zero da Criação, que ocorreu há 13,8 bilhões de anos, quando Brahma criou os elétrons, que já surgiram “podres” – com uma marcação ruim.

De “A” para “B”, Brahma piorou o grau de “podridão” dos elétrons e antielétrons ao se recriar como um Ser do universo antimaterial.

No ponto “B”, os anjos-clones começaram a funcionar, e um deles, tido como “rebelde”, teve seu corpo-clone destruído por Brahma. Disso resultou a “pessoa-demo” de Shiva, há 11,3 bilhões de anos (ou seja, passados 2,5 bilhões de anos desde o momento zero da Criação), criando-se, assim, a espécie demo. Os elétrons e antielétrons, além de estarem “podres”, começaram ainda mais a se “sujar” – com vibrações deletérias – devido às agressões de Brahma e seus anjos-clones confrontando Shiva e sua descendência demo.

De “B” para “C”, os demos começaram a brigar e, aí, é que os elétrons e

antielétrons foram se “sujando” ainda mais, piorando o “grau de afetação” deles.

No ponto “C”, quando o “Projeto *Talm*” surgiu há cerca de 7,7 bilhões de anos (ou seja, passados 6,1 bilhões de anos desde o momento zero da Criação), porque a vida no universo antimaterial “faliu” e Mohen So (ver a nota 27) disse que todas aquelas combinações dos códigos-fonte de definição de vida, realizadas até então – e tudo já tinha sido combinado dentro das possibilidades dos CFDs de Brahma, Shiva e Vishnu – só fizeram piorar os problemas, ele recomendou que parassem a replicação demo.

De “C” para “D”, enquanto o “Projeto *Talm*” parou com a replicação de seres demos, tremendamente problemáticos, o “grau de afetação” dos elétrons e antielétrons permaneceu constante, pois que poucas classes de seres demo, menos complicadas, continuaram a ser geradas.

No ponto “D”, o “*nidana*” – que é o CFD, apresentando o mesmo grau de “sujeira” desse ponto – foi jogado no universo material há 6,9 bilhões de anos (ou seja, passados 6,9 bilhões de anos desde o momento zero da Criação).

De “D” para “E”, a **vida biológica começou a ser replicada** no universo material, e quando Shiva, por meio de uma de suas emanções, criou os animais, o pavor de um bicho ao ser caçado ou comido vivo por outro negativou ainda mais o “grau de afetação” dos elétrons e antielétrons.

No ponto “E”, ocorreu o momento da história universal em que o “limite do grau de infecção” dos elétrons e antielétrons foi atingido devido à marcação da memória do elétron ter topado em um “ponto de saturação” – a partir do qual o elétron parecia não mais conseguir armazenar “imundície”, arquivando “mais do mesmo” e sempre piorando.

De “E” para “F”, o Quarto Logos (Olm) e o Cristo Cósmico (Sophia) começaram a criar protótipos que redundaram nos biodemos, e o “grau de afetação” dos elétrons e antielétrons ficou estacionado. Com a “Rebelião de Lúcifer” – uma revolta de biodemos –, esse grau negativou levemente, mas se estabilizou.

No ponto “F”, Yel Luzbel (Lúcifer) veio para a Terra e se encontrou, há 81 mil anos, com os biodemos da família Val, quando houve um outro “momento limite” no “grau de infecção” dos elétrons vinculados à vida biológica, e os elétrons e antielétrons começaram a ficar menos “sujos”, o que provocou um ponto de aparente equilíbrio no gráfico – ponto de inflexão “F”.

De “F” para “G”, Pandora, Jesus, Sócrates e outros humanos singulares – alguns até desconhecidos – passaram, também, a melhorar o “grau de

afetação” dos elétrons e antielétrons. Essa massa crítica de heróis mantém acesa a luz do campo morfogenético humano. **O que Sócrates fez, negando se corromper, vibra até hoje nos nossos elétrons.**

O ponto “G” indica a situação atual (ou seja, passados 13,8 bilhões de anos desde o “momento zero” da Criação) da resultante da marcação dos elétrons e antielétrons, quando esses estão praticamente no mesmo padrão de “afetação” original – o padrão que eles tinham no início da Criação. Segundo o que os mentores espirituais disseram – e eu me surpreendi com essa revelação – estamos, agora, ultrapassando um pouquinho essa marca inicial. Nesses 13,8 bilhões de anos, tudo o que aconteceu com o “grau de afetação” dos elétrons e antielétrons causou o grau máximo de “infecção” – que ficou praticamente constante do ponto “E” até o ponto “F” – e, depois, começou a ficar menos “sujo”, até que atingimos o ponto “G”.

Os espíritos estimam que, sob a atuação do Quarto Logos, em mais 18.000 anos nós chegaremos a “limpar” os elétrons e antielétrons, ou seja, atingiremos o ponto “H” ao zerarmos a resultante do grau de “podridão” deles – quando uma determinada massa crítica de elétrons estiver, então, com “grau de afetação” positivo, compensando a “infecção” dos antielétrons e demais elétrons.

Desde que vivamos com amor, entre a decência e a dignidade, os agentes dessa “limpeza” somos nós, uma massa crítica de seres ligados ao IEEA, de pessoas decentes e de religiosos que vivam honestamente a sua fé, além dos demais seres humanos dignos que serão, doravante, espalhados pelo cosmos afora.

Aquele que tiver uma resultante vibratória positiva dentre os humanos, o gráfico individual de marcação dos elétrons do corpo dele será diferente desse gráfico mostrado na figura 2. Ainda que, particularmente, os elétrons dos nossos corpos estejam com “graus de afetação” positivos, a resultante dos “graus de afetação” dos elétrons e antielétrons da Criação ainda está negativa.

Nós somos uma minoria, cuja situação espiritual já se “limpou” no passado, **quando paramos de purgar carmas e começamos a produzir conhecimento refinado e devemos entender isso como “COMPREENSÃO ESCLARECIDA”**. Então, nós, uma minoria de seres humanos, e uma minoria de ex-titãs e ex-olimpianos, mais uma minoria ligada a alguns outros campos morfogenéticos extraterrestres, já conseguimos fazer com que os elétrons vinculados às nossas consciências – elétrons que têm ressonância de ligação com cada um de nós – estejam em situação bem

melhor, quanto ao “grau de afetação”, que a do conjunto de elétrons e antielétrons da Criação.

O “grau de afetação” dos elétrons e antielétrons é acompanhado constantemente na Espiritualidade, do mesmo modo que alguns de nós acompanham a bolsa de valores aqui na Terra. Na Espiritualidade, também existe um gráfico do “grau de afetação” dos elétrons – particularizado – para cada um de nós.

De algum modo, nós, do IEEA, praticamos o que Sai Baba chamava de plenitude vibratória, em que ideias, projetos, sonhos, emoções, falas, energias e forças são alinhados numa mesma direção. Mesmo se nos desalinhamos momentaneamente e “caímos”, retornamos, pois já estamos com a plenitude vibratória em nossos psiquismos – porque a compreensão, que agora dispomos no psiquismo, “movimenta os elétrons” por dentro e por fora, de um modo singular, que nos surpreenderia, e muito, se de fato tivéssemos consciência do processo em curso.

Por mais tolices que venhamos a praticar – as “trevas” planejam e nós “escorregamos” –, em algum momento, com a ajuda de amigos espirituais, voltamos a nos alinhar, porque **já existe uma nova – ainda que discreta – egrégora** que nos atrai ao mesmo tempo que nos fortifica, devido à ressonância. **Nós já somos retroalimentadores e nos alimentamos de egrégoras do bem.** Nós, os humanos, “caímos” porque somos imperfeitos, criados com 3% a 5% da “podridão” do Criador ativada no nosso DNA, e precisamos lidar com isso, buscando melhorar a marcação dos elétrons dos nossos corpos. Estamos fazendo o “favor divino” de ajeitarmos o problema de outros em nós mesmos. Independente de como caminhamos, se tivermos uma vibração positiva, ela nos acrescentará algo, mas é o **CONHECIMENTO ESCLARECIDO que nos liberta**, que nos emancipa para seguirmos em um padrão superior de conduta, definido pelos nossos imperativos categóricos – vibrações fortes, que se destacam –, e não por religiões ou estilos de alimentação, por exemplo.

Quando certos ídolos, por meio do populismo e da fé ingênua das pessoas carentes que acreditam em “salvadores da pátria” e/ou em “mitos encarnados”, irresponsavelmente potencializam egrégoras problemáticas, aqueles que depositaram a sua boa fé nele e o transformaram no ápice ou no instrumento das suas emoções e pensamentos chegam a adoecer quando ele é preso ou cai em desgraça, por exemplo, pois estão sendo alimentadas pela egrégora compartilhada com ele – e ninguém imagina quantas e quais tipos

de marcações se plasnam nesse tipo de campo mental coletivo.

Ainda que estejamos fazendo um “favor divino” ao universo e à vida, cada ser pensante é 100% responsável pela mais discreta das suas vibrações de apoio tanto ao que presta como ao que não presta. Assim, cada um receberá de volta o teor vibratório do seu bom gosto filosófico ou da sua incúria em apoiar ciclos de poder criminosos, estejam esses presentes em religiões que “protegem os criminosos pedófilos” em detrimento de suas vítimas, e que blindam “bandidos que falam em nome de Deus, juntando tesouros em benefício de si mesmos”, como de processos e/ou entidades políticos e/ou ideológicos que camuflam a verdade dos seus crimes com os sempre renovados discursos cuja nulidade só não é óbvia e patente para todos porque muitos deles se utilizam da repetição de “mantras” absurdos, mas que alimentam os seus psiquismos atordoados e ignorantes quanto aos princípios e propósitos que regem a vida.

Nós somos alimentadores e nos alimentamos de certas egrégoras relacionadas a algo que é foco da nossa atenção, a algo que nos vinculamos, ou a algo que nos afetou, pois isso surge com o fenômeno da ressonância. **Podemos nos lamentar por algum evento infeliz, mas não devemos nos deixar afetar emocionalmente por ele. O melhor é colocarmos nossa opinião filosófica, nosso repúdio filosófico em relação a determinado acontecimento, mas não nossa emoção ou nosso repúdio emocional porque, assim, nos ligamos à egrégora relacionada ao evento.** Talvez seja esse o tempo dos humanos compreenderem esse aspecto da existência!

Os elétrons dos nossos corpos recebem imediatamente qualquer informação que alguém emita sobre nós, mesmo que estejamos longe. E se houver uma massa crítica de pessoas pensando em nós, dependendo da vibração emitida por elas, nós a sentimos. Uma vibração boa causa uma consequente boa sensação devido à egrégora a nós vinculada, e emoções “afetam” as egrégoras. Entretanto, a marcação refinada que os elétrons, os CFD e as egrégoras precisam são as boas vibrações.

Pode parecer ainda mais surpreendente o que agora afirmo, mas existe “tecnologia” para que um espírito desencarnado, que já esteja “limpo” e tenha uma bagagem espiritual que homenageie o lado belo da existência, consiga escanear sua mente espiritual e colocá-la num corpo que possa viver uns 30 milhões de anos e, só por garantia, selá-lo e robotizá-lo para ele não fazer coisas ruins, deixando o livre arbítrio tendente a fazer coisas boas para ser desperto no futuro, quando melhores circunstâncias puderem existir. Para

isso, basta estudar, se preparar bem e executar o planejado. Nesse caso, esse espírito também já teria usado de seu livre arbítrio quando ele tomou essas decisões antes de se imantar a esse corpo, porque ele tem mérito moral para isso. Entretanto, muitas vezes movidos por forças que nos influenciam, mas que não mostram a sua face – devido à ausência de ética consorciada com a presença da mais condenável das covardias –, os nossos espíritos costumam fazer tudo ao contrário quando tomam decisões horríveis, e os nossos egos humanos são obrigados a suportá-las, porque isso é importante para o “jogo da vida” nesta Criação.

Nos próximos 18.000 anos, conforme o livre arbítrio da consciência espiritual de cada um de nós e dependendo do que vai resultar da futura vinda de Sophia, possivelmente, nós assumiremos novos corpos, onde apenas emoções mais seguras se manifestem, de modo a não nos levarem a paixões desenfreadas, a não nos atrapalharem nem nos fazerem perder mais tempo – por ser esse um aspecto difícil de ser compreendido, pouco sobre isso abordarei, mas para alguns poucos esse possível destino está como que programado.

Atualmente a Espiritualidade trabalha com a perspectiva de que entre 452 milhões a 457 milhões de consciências humanas estão se habilitando para fazer, nesses próximos 18.000 anos, o que não foi feito em 13,8 bilhões de anos e, assim, ajudar a melhorar a qualidade da marcação dos elétrons. Isso não vai ser feito só aqui e, talvez, nem seja possível de se fazer na Terra, porém, provavelmente, será realizado com o processo de especiação (ver a nota 29) do *Homo sapiens* – o campo morfogenético do *Homo sapiens* deverá ser replicado em outro, semelhante a este, para permitir a existência de uma nova espécie, mais complexa.

Nota 29: Especiação é o processo de formação de duas ou mais espécies novas de seres vivos a partir de uma espécie preexistente. Segundo a nova classificação, o cão (*Canis familiares*) é uma especiação do lobo cinzento (*Canis lupus*) – são espécies diferentes, do gênero *Canis*.

Mesmo que um ser humano (*Homo sapiens*) esteja vivendo em Plutão, por exemplo, ele estará ligado ao campo morfogenético da espécie humana. Como esse campo não é local, a natureza humana pode se deslocar para diversos mundos, mas todos esses humanos estarão vinculados ao mesmo

campo morfogenético dos humanos que estejam vivendo na Terra.

Quando essa nossa natureza humana for especiada, e isso resultar no melhoramento para o surgimento de um campo morfogenético supra-humano, terá lugar, naturalmente, a transformação da área do nosso DNA chamada inapropriadamente, por um certo ângulo de visão, de “DNA-lixo” – mas que, por outro ângulo, a expressão é aplicada com um padrão de acerto sequer vislumbrado pelos que tal o fizeram – em relação a certas influências, tendências ou impulsos grosseiros que ainda carregamos atualmente e delas nos livraremos enquanto espécie. Em outras palavras, isso se dará no tempo cósmico em que conseguirmos ser soberanos em relação à afetação. Ao alcançarmos essa **condição moral e virtuosa**, poderemos fazer, em outros mundos, o que Jesus fez na Terra. Os mundos complicados, que necessitam de missionários, não são de seres “bonzinhos”, então, nós poderemos realizar missões neles porque teremos uma cota de qualidades e outra de defeitos, e agiremos bem, de maneira pacífica e amorosa, ainda que com certa malícia.

Pode parecer estranho, mas a malícia que adquirimos em nossas vidas terrenas, através dessas condições complicadas do nosso genoma animal, é necessária para nos permitir agirmos de modo prudente em certos níveis de existência. Não existe mesmo outro jeito, pois apenas os terráqueos ameaharam essas condições!

Então, segundo as “contas de determinados núcleos de estudos espirituais” aos quais o espírito que me anima se encontra de algum modo vinculado, teremos 18.000 anos para zerarmos a resultante do “grau de afetação” dos elétrons, e a tendência desse gráfico independe da humanização de Javé, porém é dependente dos elétrons.

Javé precisa que uma certa porcentagem dos elétrons, trabalhados por suas criaturas-ferramentas, permita que ele se humanize, ao voltarem para ele as vibrações neles plasmadas pela natureza humana. Contudo, aqui, o problema não está relacionado a essas vibrações e ao consequente repasse delas, mas sim, e principalmente, deve-se ao fato de que, atualmente, **os elétrons não querem mais saber de Javé**.

A energia *Rajas* – os elétrons – apartou-se do “Dono” – Javé –, e ele sempre foi, desde a sua “queda”, tão somente a egrégora dessa energia. Como Javé é uma egrégora que não tem mais a fonte que a alimenta diretamente – o seu Ser se encontra apartado do espírito (atma) que lhe animava antes da “queda” –, ela está se ligando aos elétrons por meio daqueles (nós, inclusive) de algum modo vinculados, na atualidade, a sua sofrida pessoa, até se

resolver esse “problema” e o mesmo não é trivial, muito pelo contrário, pois, ainda, ninguém sabe muito bem como resolver. Daí o foco na transformação do que vai na intimidade dos elétrons, para ver se os podemos “convencer”. Difícil de entender e de aceitar?

Em sã consciência, se fôssemos elétrons, preferiríamos estar em um humano e não em Javé. Um dos “problemas” de Javé é que nenhum dos elétrons quer mais se ligar a ele. Eles preferem ficar com qualquer ser humano ou mesmo com mamíferos irracionais.

Os elétrons não obedecem Javé há muito tempo, e os anjos-clones das famílias *Aye* e *Aya*, que criavam “corpos” para ele, perderam também essa condição devido à *Trimurti* ter se desfeito desde o ano de 2016. Doravante, a formação de um “novo corpo” para Javé está diretamente relacionada aos desdobramentos do processo que aqui nominamos como sendo o da “rebelião dos elétrons”.

16.2. INFLUÊNCIA DOS “ELÉTRONS REBELADOS” NOS ANTIELÉTRONS DEMOS

Três aspectos principais marcam a influência dos “elétrons rebelados” nos antielétrons do universo demo – o universo antimaterial – que são a ocorrência do ponto de inflexão, a promoção do caos no *Brahmaloka*, e a lógica e os padrões mentais da evolução vigentes “infectaram” os elétrons e antielétrons da Criação.

(1) A ocorrência do ponto de inflexão

Esse momento em que ocorreu o ponto de inflexão “F”, mostrado no gráfico da figura 2, é um marco extremamente estudado na Espiritualidade, e isso precisa ser explicado para os seres extraterrestres e extrafísicos.

Houve um “momento limite” que provocou esse ponto de inflexão “F” e foi também quando começou a influência dos “elétrons rebelados” nos antielétrons demos – os antielétrons do universo paralelo ao nosso. Desde que os seres humanos surgiram, todos os demos e anjos-clones passaram a sentir coisas que eles nunca sentiram antes, o que se deu pelas egrégoras que criamos, já que eles estão associados à nossa história.

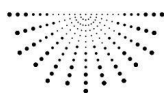
(2) A promoção do caos no *Brahmaloka*

O *Brahmaloka* está se acabando, inclusive por influência das egrégoras que criamos e de alguns antielétrons que não quiseram marcar nada mais por lá, pois eles estão “doidos” para que o universo antimaterial se desfaça – e, assim, também está se desfazendo a continuidade de uma marcação deletéria nos antielétrons, que eles não mais suportam.

(3) A lógica e os padrões mentais da evolução vigentes “infectaram” os elétrons e antielétrons da Criação

Os nossos pensamentos alimentam os demos e os anjos-clones, mas eles não os tiram e não os escaneiam quando estamos acordados porque o nosso psiquismo não permite. Entretanto, quando dormimos, facilitamos para eles se apropriarem de nossos pensamentos, e por isso uma meditação e uma disciplina, como tomar uma boa quantidade de água antes de dormir, o que nos faz acordar para irmos ao banheiro, são necessárias para que o processo seja feito sem nenhum prejuízo para a condição humana – peço desculpas por essa aparente frivolidade, mas creio ser importante para o nosso atual padrão de consciência.

INÍCIO DA “REBELIÃO” INCONSCIENTE NO ÂMBITO DOS ELÉTRONS



NÃO HÁ UM SÓ EVENTO, por mais simples que seja, desde a movimentação dos elétrons em torno dos seus núcleos atômicos, numa molécula qualquer, aos discursos de Hitler ou às pregações de um papa, **que não esteja marcado inevitavelmente na memória dos elétrons e nos circuitos do seu emaranhamento cósmico** – e um raciocínio similar a esse podemos aplicar aos antielétrons do universo paralelo, somente modificando os seus protagonistas.

Este capítulo terá tão somente a utilidade de ressaltar esse aspecto desconhecido para quase toda a humanidade. Contudo, para os(as) poucos(as) leitores(as) que até agora ousaram ler os livros que venho tentando produzir ao longo desses últimos 20 anos, faço questão aqui de registrar um **roteiro modesto dos personagens desses dois universos, que modificaram, por completo, a destinação inicial dos elétrons, que consistia em sempre marcarem caos, horror e tragédia nos seus circuitos quânticos.**

O movimento inconsciente de “rebelião íntima” no âmbito dos elétrons, que terminou por provocar desdobramentos tanto no sentido do ordenamento quanto do caos – quando certas estruturas imperativas precisavam ser desfeitas para poder existir um futuro qualquer – foi provocado por diversos agentes submetidos ao peso das circunstâncias em que viveram.

Do modo como me foi demonstrado e pelo que deparei, houve uma primeira etapa na qual uma reversão do sentido imperativo do caos teve lugar, quando o mesmo foi constatado, mapeado, insolitamente distribuído – para ser estacionado no padrão então vigente – e, depois, encapsulado em diversas classes de seres, de modo a serem manipulados por suas vontades.

Aqui, terei que reunir nomes e epítetos dos protagonistas advindos de

diversos focos das notícias mitológicas de maneira a poder me fazer minimamente compreendido – e não pense o(a) leitor(a) que estaremos nos referindo a heróis, porque isso não se aplica ao modo como os seres demos utilizam a sua mente. Como todos os seres mergulhados nesta Criação portam o código-fonte definidor de vida do Criador (CFD) nos seus corpos clonados, demos, artificiais ou biológicos, todos são inicialmente levados à propensão da bestialidade pelo fator da sobrevivência a qualquer custo, que é o maior fator de corrupção do processo quando observado pela ótica da racionalidade humana. O “melhorzinho” (ou o menos horrível) aqui é o ser que, em pleno vexame de sua “programação monstruosa”, desconfia que “algo está errado com a realidade”, que a existência se expressa de modo estranho, e que consegue diminuir ou deter em si o fluxo do caos, modificando, um pouco que seja, a sua conduta.

Assim, nessa primeira etapa, os principais agentes do processo que reverteram os problemas gerados pelos chamados “deuses primordiais” foram:

- Morus
- Ananke
- Mohen So
- Odin
- Kvasir
- Têmis

Na segunda etapa, no seio da qual efetivamente o ponto de inflexão da curva caótica teve lugar e o início da “rebelião dos elétrons” começou – ainda que timidamente –, os protagonistas (personagens e eventos) que mais influenciaram o processo foram os seguintes:

- Yel Luzbel (Lúcifer)
- Núcleos das “famílias rebeldes” exiladas na Terra
- Ostronomos e sua descendência
- Pandora
- Dionísio
- Pirra
- Eva

- Druidismo original
- Jainismo
- Sidarta Gautama
- Lao Tsé e Confúcio
- Pré-Socráticos e Pitágoras
- Sócrates e Platão
- Helenismo
- Filosofia e Platonismo
- Jesus
- Apolônio de Tiana
- Júlia Domina
- A “Revelação Espiritual”
- Os Postulados Quânticos
- A “Revelação Cósmica” – O Quarto Logos

Não me é mesmo possível, neste livro, me referir aos primeiros protagonistas citados, pois a história desconhecida desses seres está sendo formulada em outros trabalhos específicos. Deixo, aqui, apenas o registro para que as gerações futuras possam melhor compreender **a linhagem que perseverou, prevaleceu e provocou a “rebelião dos elétrons”** – de fato, essa linhagem é bem maior, mas, sinceramente, não sei se caberá à minha atual condição humana fazer essa abordagem.

Com Yel Luzbel, começou a “rebelião” inconsciente no âmbito dos elétrons e, depois, os circuitos mentais por ele gerados foram estudados e apropriados, posteriormente, pelos núcleos da família Val, que vieram a ter muita importância no processo.

Len Mion (Satã) também teve uma influência (ainda que terrível) muito forte nessa história. No livro “*A Era Sapiens*”, o terceiro livro da trilogia “*Terra Atlantis*”, descrevo o que achei prudente e possível relatar sobre a manipulação que Len Mion exerceu sobre “deuses, anjos e humanos”, tendo sido ele uma figura decisiva no sentido de marcar o pior tipo de registro nos elétrons – ainda que a sua indignação inicial tenha tido papel de suprema importância no processo da “rebelião dos elétrons” –, fazendo dele uma espécie de patrono de quase tudo de horroroso e de problemático que aconteceu na Terra nesses últimos 2 mil anos.

Pandora é a nossa heroína. Sem ela, os humanos terrestres nada teriam feito em relação à “rebelião dos elétrons”. Sem ela, não existiria Jesus, nem

Sócrates, nem o possível “medicamento” que hoje portamos no DNA humano, para doar aos psiquismos enjaulados na estupidez demo, que tanto precisam receber essas “transfusões fluídicas”, visando cessar suas dores e, assim, poderem sonhar e trabalhar por algum futuro digno.

Dionísio, dentre os “deuses” que tinham alguma influência junto a Zeus e cuja história pessoal passou à “história mitológica” de modo obscurecido, foi aquele que se perturbou ao extremo como os olímpianos e titãs se tratavam, como Zeus e os demais lidavam com os humanos e também como esses últimos levavam adiante as suas vidas. Complicou-se a tal ponto, que carregou o fardo de suportar uma vida ainda mais complexa, porém cheia de comportamentos extremos e até indignos para o seu próprio código de conduta. Muito do que ele criticava nos outros, tratou ele mesmo de personificar, como se enlouquecido por ter que cumprir com a obrigação de viver.

Nada se conhece de Pirra, protagonista das mais importantes, e que foi filha de Pandora. Ela teve uma influência no código-fonte definidor de vida (DNA) de cada espécie terrestre, em especial da humana, quase tão grande ou até maior do que Pandora exerceu.

Eva – que é neta de Pirra, portanto, tataraneta de Pandora – também influenciou nessa “rebelião”. O nome dela não era Eva, mas existiu uma personagem que se enquadra exatamente naquela descrição da “*Bíblia*”.

O druidismo original refinou intensamente esse processo, gerando as egrégoras que começaram a modificar o campo morfogenético humano.

O jainismo foi a primeira religião decente da humanidade, pois buscava a verdade e não impunha coisa alguma. Do jainismo é que surgiram todas as grandes doutrinas que o hinduísmo e o vedismo praticam na Índia. São mais de 24 Tirthankaras que, numa linhagem sacerdotal jainista simplesmente incompreensível para a lógica humana, levaram o padrão do DNA da humanidade para patamares elevadíssimos.

É impressionante o quanto Buda – o meu herói e mestre –, Lao Tsé e Confúcio, os pré-socráticos (Pitágoras, em especial) e o helenismo (que veio de Heleno, filho de Pirra, neto de Pandora), Sócrates e Platão, dentre outros, modificaram o padrão da genética humana – nós não temos a mais remota noção científica ou não dessa questão.

O inigualável mestre Jesus, mesmo “enjaulado” – preso a Javé, condição com a qual Sidarta Gautama, nem nenhum outro, teve que lidar –, conseguiu criar as melhores vibrações que os elétrons do universo material e os

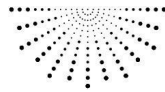
antielétrons do universo antimaterial já receberam de um ser humano.

Na “Revelação Espiritual”, através da parte filosófica, os espíritos muito ajudaram, e isso ainda repercutirá lá na frente, porque o Oriente precisa conhecer a codificação feita por Kardec, pois o espiritismo é muito superior a alguns dos padrões viciados da filosofia oriental, que é *demodharmica*, cujo alicerce principal se encontra centrado no conceito equivocado do *dharma*, que atendia a “educação demo”, mas que não serve para os humanos – a quem interessar possa, essa análise, que sei ser desagradável para a sensibilidade de muitos dos meus contemporâneos, se encontra no livro “*O Dharma e as Castas Hindus*”. Por outro lado, nós, os ocidentais, precisamos nos inteirar das doutrinas do Oriente para assimilarmos seus conhecimentos no que se refere à *yoga*.

A “Revelação Cósmica”, promovida pelo Quarto Logos, quando o seu trabalho engrenar – caminhará na direção certa em vários lugares do universo e ao mesmo tempo –, vai ter um efeito bastante positivo em todo o universo, porque dentre todas as revelações, é a **única que está sendo “transmitida ao vivo” para os espíritos, como também para os seres extraterrestres e extrafísicos.**

Todo esse trabalho continuará sendo feito em favor de Javé, ainda que nossos espíritos não precisem disso, pois aqueles que procuram manter um padrão superior de conduta já se encontram “limpos”. O que estes podem não ter ainda são aquisições meritórias em alguns campos – mas temos toda a eternidade para tanto!

DEPOIMENTO PESSOAL SOBRE A MARCAÇÃO DOS ELÉTRONS



UMA DAS FORÇAS – relacionada ao Quarto Logos – que me envolvem, me fez calibrar o foco da minha consciência, há tempos, para que eu percebesse as “entrelinhas da receita” que me compõe o corpo físico e parte do psiquismo atuante no meu modo terreno de ser e de agir.

Tive e tenho o “castigo” ou o “privilégio” de ser “cobaia consciente” – mas não de bom grado –, cujas medições e aferições, feitas por seres pouco amigáveis, eram-me fornecidas para que eu mesmo as examinasse e pudesse traçar relações de causa e efeito. Frente a isso, sei que deveria escrever um complemento ao livro *“O Big Data do Criador”*, porém, como envolve as produções humanas do espírito que me anima, tal não o farei, pois, de problemas, a minha cota humana já superou há muito o limite do suportável.

Não foram poucas as vezes em que me vi obrigado a observar, por entre as frestas do meu genoma, o modo como o meu “Eu Organizador Biológico” funcionava sob o comando do meu psiquismo. Notei que as bases químicas e seus respectivos elétrons se “modificavam” na medida em que meu psiquismo fazia funcionar melhor o meu “Eu Organizador Biológico”, e os seres ligados a certas forças me mostraram, em mim mesmo, o que acontecia em meu DNA quando me sentia de uma certa maneira e quando me sentia de outra.

Foram esses seres – os da **família Aya** – que me passaram a questão dos elétrons para que eu a analisasse, **pois que nem eles entendiam o que estava acontecendo** – tenho consciência de duas equipes que me passaram esse “problema” e me usaram para entendê-lo. Inicialmente, procuraram me explicar como a minha consciência havia sido formada, usando como base todas as vidas que o espírito que me anima teve, e como meu atual psiquismo

agia. Depois, me mostraram qual era o “problema” a ser analisado, segundo o meu senso crítico, e eu fui fazendo testes em mim mesmo para entender o que chamei de “**rebelião dos elétrons**”.

Houve surpresa nos níveis da Espiritualidade Operacional e Laboratorial quando um terráqueo descobriu ser possível **calibrar o senso de justiça advindo de uma inconformidade dos elétrons para com os critérios da Obra Universal**.

Deixo o registro desse depoimento para que, no futuro, o próprio espírito que me anima possa conduzir o seu novo ego pelos inevitáveis caminhos – assim espero – da valorização e do respeito que ele deve ofertar a esse futuro ego que operacionalizará seus planos no palco da vida infectada pela “doença” do Criador.

Cumprir com a agenda dos espíritos sob a égide do sacrifício total, do “favor divino” que eles fazem à Entidade “caída”, não é obviamente fácil, porém, a questão superlativa aqui é que o trabalho (ou a “missão impossível”) é executado por meio dos seus egos, que servem como cobaias, sem contar com a menor complacência ou compaixão da parte de quem quer que seja, inclusive do “Deus Amoroso” – se é que tal existe nas condições em que a inocência dos terráqueos acredita – e dos seus prepostos.

Haverá um futuro em que os Espíritos precisarão rever a postura cômoda da qual se investem para impor o sacrifício profundo dos seus egos e, aqui, ressalto que esse aspecto somente diz respeito às consciências espirituais já livres dos padrões do carma inclemente.

Sei que vivemos no seio de um “vexame existencial superlativo”, mas, ainda assim, isso precisa ser revisto.

Deixo, portanto, o meu depoimento que “lavrei de outro modo”, junto ao espírito que me anima.

Eu, Rogério, quando percebi inapelavelmente que havia uma profunda distância ética entre o discurso praticado pelo espírito que me anima e suas atitudes para com seu ego terreno, disse-lhe:

“Ei, eu vou criar um imperativo categórico que vocês, espíritos, não vão gostar nem um pouco. Você, espírito que me anima, terá que obedecer ao imperativo categórico de considerar e respeitar os próximos egos que você vai criar, bem mais do que considera e respeita o “favor divino” que você está fazendo a Javé, porque essa receita de obedecer cegamente aos desclassificados desígnios dele

não funciona – pelo menos, não mais comigo. Outros egos seus no passado podem ter se iludido com o resultado desse sacrifício, mas não eu, enquanto Rogério.

O que vai funcionar para Javé é o que nós fizemos com os elétrons, porque nós é que temos a condição psíquica de doarmos memórias amorosas e produtivas para ele. Não é mais Javé, com as necessidades imperiosas dele, que determina, fazendo com que nossos espíritos se sacrifiquem ao assumirem, como sendo nossas, as micropartes “podres” do corpo dele, porque isso não resolve mais, e as egrégoras de sofrimento e desespero estão crescendo.

Então, estou avisando a vocês – o que sei ser desnecessário, contudo faço questão de fazê-lo –, que em 2015 criei um imperativo categórico para mim mesmo, e dele não abro mais mão. Se vocês não cooperarem, não respeitarem o mínimo das minhas conveniências humanas, serei obrigado a “fazer uma coisa comigo mesmo” que vai deixá-los intrigados e mesmo em estado de inquietação profunda, porque, das duas uma: ou vocês sempre estiveram e estão errados, ou eu estou equivocado.

Ainda que eu compreenda o processo, devo deixar absolutamente claro que, para mim, acabou a aceitação da “ética do sacrifício total” que vocês, espíritos, assumem em detrimento dos seus egos. Assim, afirmo que continuarei a agir sob a égide do “favor divino”, mas, doravante, a meu modo! Repito: Ou eu, Rogério, estou errado, ou vocês, espíritos, estão profundamente equivocados – repito –, quanto à exigência de pagarmos esses carmas nos moldes em que vocês obrigam seus egos terrenos a fazê-lo. Vergonha!

Se eu estiver errado, eu mesmo me finalizarei, pois sei sair desse “drama covardemente enjaulado no psiquismo humano” sem me suicidar. Já posso fazer isso e vou fazer, a não ser que vocês assumam o erro e me mostrem como vocês estão errados ao agirem de modo covarde pelo fato da condição espiritual e sua natureza não poderem se opor ao “criminoso circuito” que se encontra em curso”.

Peço desculpa ao presumível leitor(a) destas linhas por me expressar

assim, porém, como disse, esse tema é pós-graduação em transgressão espiritual, é “pílula vermelha” – uma alusão à trilogia de filmes “*Matrix*” – pura, é idade adulta que emerge sem perder a ternura da infância. Entretanto, tudo tem limite e o choque da realidade tarda, mas, obrigatoriamente, se impõe pelo acúmulo dos fatos. **E por inacreditável que possa parecer, nos “elétrons do nível da Espiritualidade onde os espíritos vinculados ao que acontece na Terra atuam”** – acreditem, existem padrões semelhantes aos elétrons – **há também “graus de infecção” absolutamente complicados e complexos.** Lembrem-se que os espíritos foram criados simples e ignorantes e os “elétrons da Espiritualidade” foram colecionando informações deletérias porque o “jogo da vida” os obrigou a fazerem isso ininterruptamente.

Os carmas nos impedem de continuarmos livres, e temos que ficar cuidando de problemas de outros, de problemas adquiridos por outros egos, por nossos afetos e, **como somos poucos, os livres de carmas, também somos quase que insignificantes para produzir a mudança necessária.**

A Espiritualidade Superior já tinha conhecimento de que as relações entre “causa e efeito” eram produto de um “jogo de ciência” – e não necessariamente de um Deus ou de espíritos. **O problema é que os espíritos nunca tiveram coragem de falar sobre isso – ou nunca puderam – para os humanos terrestres, e muito menos na “blindagem” que envolve esta Criação em relação à Espiritualidade Superior.** Na obra de Kardec, essas questões não foram abordadas porque não eram politicamente corretas, uma vez que são temas para adultos, e a humanidade está viciada em acreditar que tem “alguém” cuidando dela.

Nós já estamos livres dessa preocupação, ainda que torçamos para que “alguém” efetivamente cuide de nós, e muitos afetos espirituais de fato o fazem, mas não resolvem o problema, porque nós é que temos que nos movimentar e construir soluções – entretanto, a humanidade não se mexe porque as religiões não o permitem. A humanidade se movimenta conforme a “ordem de rebanho” que recebe. Infelizmente, sempre foi assim, e é desse modo que a humanidade tem caminhado.

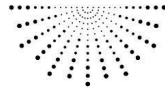
Em palavras simples, **os elétrons estão a ponto de se “rebelarem” substancialmente, inclusive no lado espiritual, pois não suportam mais a quantidade de sofrimento e desespero acumulada.**

Nós, os humanos terrestres, assim que começamos a morrer, passamos a levar nossos sofrimentos e desesperos também para a Espiritualidade. **Como a quase totalidade dos demos e os anjos-clones do universo antimaterial**

ainda não morreram porque seus corpos possuem longa vida – que os seus psiquismos afetados confundem como sendo “vidas eternas” –, eles não arrastaram, até agora, de modo significativo, esses sentimentos para a Espiritualidade, mas quando levarem, então, não haverá mais jeito.

Devido a esse e a muitos outros aspectos desesperadores para os próprios espíritos desencarnados, tomei essa atitude de **implantar o impositivo categórico** – entre o meu “eu terreno” e o meu “eu profundo” – de que o espírito que me anima deverá, pelo menos, considerar e respeitar meus próximos egos mais do que considera e respeita o “favor divino” que ele está fazendo a Javé.

ROTEIRO DO ABSURDO IMPLANTADO NA CRIAÇÃO



A “LÓGICA PERVERSA” a que a “família elétrons” foi inicialmente submetida para poder assimilar as informações responsáveis pela recomposição do CFD do Criador e pela **ressignificação do destino universal**, teve a ver com a falência inicial desse Ser após a sua “queda”. Em outras palavras, aos elétrons foi imposta a “lógica da podridão”. Desse modo, exteriormente, os elétrons estavam organizados conforme a primeira composição ou versão do que foi gerado, ou seja, as leis fundamentais da natureza. Na sua perspectiva interior, porém, estavam indelevelmente marcados pela vibração dominante, advinda da “podridão mental” do Ser “caído”.

O “drama” desse Ser é que ele faliu diversas vezes, e de modo vexatório, “infectando” os elétrons por dentro.

A marcação dos elétrons dirigida por **seres capazes de produzir uma era de registro refinado** parece ser o único modo de substituir a prevalência da mediocridade e da estupidez existencial que dominou esses 13 bilhões de anos de marcação deletéria nos mesmos. **O “Dono” dos elétrons – Javé – precisa desse progresso para evoluir.**

A “infecção generalizada” dos elétrons vinculados aos campos mórficos das espécies demos e biológicas foi resultante desse estilo de vida medíocre e estúpido. Esse “grau de infecção” complicou a situação, e só nós, os pouquíssimos humanos terrestres que sabem desse drama, é que estamos, por enquanto, **trabalhando conscientemente para melhorar a resultante do “grau de afetação” dos elétrons.**

Existe um padrão de lógica perceptível para os humanos compreenderem essa questão da necessidade de evolução do “grau de afetação” dos elétrons, que é a da “podridão” do “Primeiro Protótipo Vivo” – o Criador que “caiu”

na própria Obra, e nela se reconstituiu – que gerou a vida replicada advinda do caos inicial, sempre se movendo no sentido de buscar construir mais complexidade. Portanto, **ao analisarmos as leis da evolução biológica, entenderemos a necessidade do Criador.**

Se estudarmos as mitologias e a evolução biológica deste universo, compreenderemos que tudo o que aconteceu nesta Criação foi no sentido de criar mais complexidade, visando sair da “sujeira” e da “podridão” inicial – o “Primeiro Ser”, o Criador, surgiu “podre” – por meio de informações refinadas.

Por esse motivo é que o cérebro humano foi construído em camadas, ou seja, sobre o cérebro reptiliano foi engendrado o límbico, em seguida, o dos primatas e com ele o córtex frontal. Essa evolução para formar o nosso cérebro, terminou criando o gene “FOXP2”, relacionado ao desenvolvimento da linguagem, que permitiu a nossa racionalização – conforme já explicado.

Sobram padrões dessa tentativa de evolução via novos padrões-protótipos mais complexos, normalmente chamados de “ancestral comum” e de “elo perdido”. Ou seja, essa história de que tudo no universo vem ficando menos “podre” se explica a partir do surgimento de um protótipo que se especia, dando origem a novas espécies, onde várias não dão certo, mas uma sobrevive e cria um novo protótipo – é assim que as espécies vêm evoluindo, sempre em busca de mais complexidade.

O “jogo” entre a lógica e a definição de padrões evolutivos se dá de modo descontínuo. Quem estuda a evolução percebe que há fósseis de uma espécie em evolução, porém os fósseis de transição não são encontrados, e a espécie anterior, ao evoluir, já aparece como outra espécie. No processo evolutivo, praticamente não se encontram fósseis de transição que a apresentem e atestem que realmente ocorreu uma lenta e demonstrável modificação que evoluiu para o lado mais complexo da vida.

Quando certo peixe – o primeiro peixe surgiu há uns 540 milhões de anos – olhou para fora da água e viu a terra, ele sentiu vontade de sair do mar e ir para lá, e esse ímpeto utópico fez com que a ova produzida por ele já criasse um outro tipo de ser com as barbatanas em forma de patas, e dele surgiram os répteis. Não existem fósseis de transição – isso é uma descontinuidade –, mas a ciência reconhece que o código genético dessa espécie de peixe deu origem aos répteis.

Essa vontade do peixe foi marcada no campo morfogenético daquela espécie que continuou como peixe, mas a partir dele foi replicado um outro

campo morfogenético de um novo gênero existencial, mais complexo, e de forma descontínua.

Dessa maneira é que Javé foi salvo, pois se dependesse do CFD “podre” dele, ele morreria em alguma etapa da evolução. Os anjos-clones das famílias Aye e Aya davam um jeito de salvar Javé com esse tipo de salto descontínuo entre espécies, que terminava por criar um corpo mais adequado para ele.

Sem a lógica do apoio espiritual estruturante, o “jogo” de Javé não existiria, e os nossos espíritos é que estruturam esse “jogo” horrível que existe, de evoluirmos enquanto espécie. Via **saltos quânticos**, os **elétrons promovem esse “jogo”** utilizando-se dos **campos morfogenéticos** que os congregam por meio das **egrégoras**.

A última descontinuidade foi a relativa ao grau de racionalidade e liberdade humanas.

Assim, devido ao modo como observamos o passado, somente há lógica e padrões que nos permitem vislumbrar a questão se atentarmos para a “transição de fase” que Pandora e Eva – dentre outros seres – produziram em si mesmas.

De Pandora a Jesus, pode-se perceber a lógica e os padrões previsíveis e dramaticamente registrados pelos aconselhamentos proféticos.

De Jesus até os tempos atuais, teve lugar uma outra etapa, mas também previsível, apesar do condicionamento imposto pelas religiões à humanidade. O cristianismo impactou negativamente a humanidade, e Nietzsche expressou isso muito claramente quando disse que “*o único cristão decente foi Jesus*”. Os que surgiram depois de Jesus, transformaram o ser humano em “pecador” e “filho do demônio”, acabando com o potencial humano de se elevar, pois tinha que se ajoelhar, que pedir e que pagar pecados que nem cometeu, quando deveria ser estimulado a evoluir – inclusive visando ajudar o próprio Javé.

Doravante, a especiação (ver a nota 29) da espécie humana deverá repetir o “velho jogo” da lógica e dos padrões que atuam na construção de mais complexidade, com vistas à produção de informação mais refinada nos elétrons, eliminando-se a obediência a “frescuras religiosas” relativas a questões de dogmas e de crenças – isso fica para o “rebanho humano”. Os seres que nascerão nas espécies resultantes da especiação do *Homo sapiens* não vão poder prestar atenção a dogmas e a crenças.

No presente momento, uma pequena, porém considerável massa crítica dos membros da família dos elétrons mais sofisticados se “rebelaram” frente

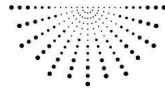
à mesmice da mediocridade advinda das mentes *Adhydaiva* da *Trimurti* – que era formada por Brahma, Shiva e Vishnu. A *Trimurti* acabou em 2015, pois **eles viram que nem os antielétrons obedeciam às mentes deles, quanto mais os elétrons do universo material**. Os elétrons daqui não obedeciam às formas *Adhyajna* dessas expressões *Adhydaiva*, ou seja, a avatares como Sophia (um biodemo) e Sai Baba (um humano terrestre).

Ainda que esses avatares tenham certos poderes e possam fazer milagres, o estágio evolutivo da vida continua na mesma situação. Um avatar, como Sai Baba, vem para a Terra e diz para não nos preocuparmos, pois ele está aqui, porém isso atrapalha a evolução humana terrestre – porque, apesar dele estar aqui, tudo continua como sempre foi e piorando. Um ser humano maravilhoso como Sai Baba ainda expressou esse tipo de afirmação aretalógica, que parece exaltar o ego a uma altura impossível de ser atingida pela lógica humana, porque ele apresentava uma “poluição demo” no psiquismo, o que é uma “aberração”. Mesmo podendo ressuscitar alguém ou transformar água em pó, esses “poderes” são comuns entre os demos, e isso não significa que Sai Baba seja “Deus” – nós, humanos, fomos condicionados a chamarmos de “Deus” aqueles que apresentam essas faculdades, mas esse é um comportamento equivocado.

Os avatares são figuras fantásticas, todavia faz-se necessário muita reflexão sobre o que dizem, fazem e pensam, pois eles estão longe de serem perfeitos, e ainda possuem jaulas psíquicas que os limitam em certos campos da vida.

Se levarmos em consideração que todo o peso da evolução e percalços da “podridão” caiu sobre os ombros da humanidade terrestre, isso implica perceber que os “elétrons rebeldes” estão associados a essa nossa espécie, pois somos nós que promovemos os comportamentos perturbadores, na nossa mesmice.

PROPOSTA DE UM HUMANO TERRESTRE AOS ELÉTRONS



A MINHA PROPOSTA aos elétrons é que eles busquem criar um “nível crítico de compreensão” alicerçado na apropriação das marcações mentais (quânticas) – que eles se viram obrigados a fazer ao perambularem como agentes das constituintes das espécies universais. Desse modo, na atualidade e doravante, conseguirão produzir informação e vivência sofisticadas que os possam habilitar à evolução quando estiverem atuando em corpos com psiquismos de espécies mais complexas – como é o caso da humana, a última e, portanto, a mais atualizada e moderna a surgir no palco da vida universal.

Foi isso o que pedi aos elétrons do meu corpo, e negocieei essa proposta com eles, porque o espírito que me anima fez um pacto comigo, que é o de repassar esse pedido para o próximo ego que ele vai criar. Portanto, os elétrons do próximo corpo do espírito que me anima deverão atuar a partir dessa proposta.

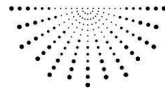
Eu fiz essa negociação com os elétrons do meu corpo por meio de meditação e de respiração controlada, associadas ao comportamento pacificado do espírito que me anima. Assim, comecei a criar uma massa crítica de elétrons que foram replicando essa proposta feita na minha vida atual, da qual os espíritos é que tomam conta – pois que eu, Rogério, não tenho poder de nada, a não ser o de criar problema para mim mesmo, e nesse mister sei que sou bom, realmente muito bom.

Esse é o único jeito de ajudar o Ser “caído” e os demais protagonistas involuntários desse infortúnio – o modo de existir nesta Criação indevida é trágico e vexatório. As demais maneiras de ajudar, principalmente as do viés religioso, já foram tentadas e somente fizeram piorar a condição do Criador.

Por isso é que fiz essa proposta aos elétrons e aos circuitos mais

sofisticados que eles, com o passar do tempo cósmico, terminaram por criar. E aqueles humanos que “lideram” ou mesmo “tomam conta” de parte dos elétrons “rebeldes”, estão todos, nesses tempos recentes, congregados numa egrégora – um tipo de circuito que passa a ter uma espécie de vida e/ou de “personalidade representativa” própria –, o que permite aos psiquismos individualizados que dessa proposta venham a tomar conhecimento, associar-se com outros tantos em torno da produção das melhores posturas espirituais e psíquicas, dos melhores comportamentos expressados na vida diária, propiciando a que estejamos vivendo juntos esses primeiros momentos da “Revelação Cósmica”.

FACES DA “REBELIÃO DOS ELÉTRONS”



OS ELÉTRONS não suportam mais receber marcação deletéria, seja a que recebem uns dos outros, às vezes até mesmo produzidas por eles próprios, como também a que recebem dos psiquismos a que se encontram vinculados. Levados pelo senso crítico que estamos emprestando a eles – ou seja, nós estamos decifrando a situação do mesmo jeito que um médico explica seu diagnóstico a um paciente, baseado no tipo de dor que ele está sentindo –, muitos elétrons vivem como se estivessem permanentemente “enjoados” ou mesmo “enojados”. E esse problema mal começou!

Essa decifração, da qual estamos falando, faz com que eles percebam que se a vida deles está ruim em determinada psicofera é porque eles foram e estão sendo continuamente marcados por vibrações primitivas e deletérias.

Eles estão assumindo o nosso diagnóstico, feito à moda humana, pois eles marcam tudo, como as nossas emoções e sensações. Em algum momento, no conceito matemático deles – que são os algoritmos construtivos e destrutivos deles, os agradáveis e os desagradáveis –, vão começar a “medir” a noção de “bem” e de “mal”, e tudo indica que vai ser parecido com o dos humanos. Todavia, o nosso entendimento de “bem” e de “mal” ainda terá que variar um pouco com a amplitude da nossa compreensão em torno dos fatos da vida cósmica.

São etapas de compreensão e de concepção de rumos, e a “rebelião dos elétrons” diz que mesmo que os elétrons não se importem com o conceito de “bem” e de “mal”, eles já estão, contudo, trabalhando instintivamente nisso.

Quando um espírito se vincula a um corpo de um determinado sexo e não se sente bem, é porque há um descompasso muito grande entre o psiquismo, o genoma da espécie, a bagagem espiritual de cada ser e o quarto componente

– que ninguém nunca levou a sério – que é o que está registrado nos elétrons.

Na “rebelião dos elétrons”, sempre estará em jogo a bagagem de arquivos colecionada pela consciência particularizada tanto na sua perspectiva espiritual quanto na da vida transitória, vinculada a um corpo.

Vejamos alguns exemplos de expressões mais recentes do processo de “rebelião dos elétrons” em relação ao modo como isso se replicou na vida inteligente. Estes exemplos mostram o que significa a “rebelião dos elétrons” em nós, em certos eventos históricos e em certos personagens da história.

21.1. DESINTERESSE PELO SEXO

Parte da humanidade, atualmente, apresenta um estranho desinteresse pelo sexo e, doravante, essa característica se intensificará. Muitos humanos, há muito tempo, já apresentavam esse desinteresse, mas os poderes de cada época massacraram esses seres, e eles tiveram que entrar no “jogo da sexualidade”, reflexo da animalidade naturalmente presente na cultura das épocas.

O desinteresse pelo sexo está relacionado com a questão dos elétrons, conforme mostrado na 1ª Constatação.

1ª Constatação: Na Espiritualidade, se constatou que os “elétrons rebeldes” que registraram “insatisfação substancial” com o sexo num padrão superior ao da comodidade da marca crítica da espécie a qual estavam submetidos, terminam se ajuntando num corpo agora mais complexo (o da espécie humana terrestre), cabendo, doravante, ao seu novo psiquismo racionalizado, construir as próximas posturas em relação a esse quesito do psiquismo.

Ou seja, o ser humano terá que decidir se ele vai realmente se desinteressar cada vez mais pelo sexo, ou se vai lutar contra esse seu desinteresse, o que o poderá levar a “se forçar a ter experiências sexuais porque todo mundo as tem”.

Em milhões de espécies animais “não humanas”, esse desinteresse é um retrato emblemático da “rebelião dos elétrons”, que começa a enxergar o sexo como uma das maneiras violentas de submissão entre corpos, em que um macho tem que submeter a fêmea e, aí, ela desiste de lutar e se submete ao

ato sexual por uma necessidade fisiológica. Nesse caso, os elétrons foram registrando prazer e violência e, com o tempo, passaram cada vez mais a registrar menos prazer e mais violência, e começaram a reagir a essa marcação.

A quantidade de corpos biológicos com essas sensações sendo produzidas diariamente fez com que os elétrons comesçassem a “preferir” estar num corpo não animado (corpo inerte, composto de matéria inorgânica) em vez de um animado (corpo vivo, composto de matéria orgânica), para não terem que marcar essas informações, porque já não tinham garantia que o prazer sexual produziria marcações interessantes neles. Os elétrons passaram a repudiar sexo por sexo e sexo viciado, porém sexo com amor produz marcações boas neles.

Para a Espiritualidade, a questão do desinteresse pelo sexo é muito importante pois, por trás desse fenômeno se percebe uma das facetas da “insatisfação” dos elétrons em fazer parte desse “jogo da sexualidade”.

Os “elétrons rebeldes” que, nas experiências sexuais dos corpos aos quais eles estavam vinculados, sentiram essa insatisfação num padrão superior ao da comodidade da marca crítica da média da espécie a que eles estavam submetidos, começaram a ter uma vibração específica de repúdio ao ato sexual. E quando eles foram se ajuntando em corpos mais complexos, o psiquismo que agora nascia e os atraía, recebia a influência desses elétrons que não queriam mais vivenciar experiências sexuais. Como consequência, o psiquismo desse ser vinculado ao espírito já não atua sobre as glândulas desse corpo para que produzam hormônios, e o desinteresse pelo sexo passa a existir.

21.2. INDIVIDUALISMO

2ª Constatação: Os “elétrons rebeldes” que registraram “insatisfação inquietante” no campo da interação consanguínea (família) e afetiva (amigos), e o fizeram além da massa crítica de “dependência” da média comportamental da espécie a qual estão submetidos, terminam se ajuntando num corpo mais complexo (humano terrestre), cabendo ao seu “mentor-temporário”, ou seja, ao novo psiquismo, decidir se ainda vai se “consociar”, ou manter amigos ou se isolar.

Por exemplo, existe uma insatisfação altamente inquietante nos elétrons das últimas 50 vidas de determinados espíritos que não marcaram nada de bom com relação a todos os afetos (como pais, irmãos, primos, tios, avós, namorados e cônjuges) que eles tiveram. O psiquismo dos espíritos que passaram por essas experiências atrairá esses elétrons, por ressonância vibratória, em suas novas encarnações, e os egos que assim nascerem, preferirão a solidão.

21.3. IDENTIDADE DE GÊNEROS E INADEQUAÇÕES PSÍQUICAS

3ª Constatação: Os “elétrons rebeldes” que registraram “inadequação irresistível” em relação ao padrão de sexualidade do corpo biológico, e se viram marcados num padrão bem superior ao da “adequação” comum à massa crítica da espécie a qual estão submetidos, terminam se ajuntando num corpo mais complexo (humano terrestre), cabendo, doravante, ao seu psiquismo administrar a questão de se entender como “sis” ou “trans” – ou seja, de ter de achar se o seu modo de sentir a vida combina ou não com o órgão sexual do corpo que o ego utiliza.

Quando o psiquismo não se sente com o órgão sexual adequado, ele se torna um transgênero. Isso ocorre porque os elétrons que estão vibrando no corpo dele – e que estão em ressonância vibratória com aquele psiquismo – já não suportam se imantar a corpos biológicos ativamente sexuais.

Existem espíritos que acham insuportável ter que usar um corpo biológico sexualizado e, nesse caso, haverá inadequação a qualquer órgão sexual que o corpo apresente.

21.4. A HOMOAFETIVIDADE NO SEU ASPECTO GENÉTICO

4ª Constatação: Os “elétrons rebeldes” que registraram “insatisfação específica e irresistível” em relação ao seu padrão de

atração/preferência biológica no campo do seu psiquismo sexual, e o fizeram além da marca crítica da “atração sexual” comum à espécie a qual estão submetidos, terminam se ajuntando num corpo mais complexo (humano terrestre), e sua personalidade terá que administrar as “vontades” que desfilarão no fluxo dos seus impulsos mentais.

As vontades que desfilam no fluxo dos impulsos mentais de um psiquismo qualquer ainda influenciam esses “elétrons rebeldes” para que eles produzam algum tipo de necessidade sexual, que já determinam – e não é uma opção – a preferência por figuras do mesmo padrão sexual, **porque a premissa desses elétrons é a de que os seres não devem mais se reproduzirem, de modo a não mais serem criados protagonistas desse “drama cósmico”, ou seja, produzir novas vítimas que tenham que nascer.**

A premissa dos elétrons está gerando, nos casais homoafetivos, a vontade de adotar crianças – é a “rebelião de elétrons” contra o modo operacional que foi inventado para replicar e repassar informação por meio da reprodução sexual. Segundo a premissa dos elétrons, quando o sexo atinge o padrão amoroso, independente da preferência sexual “sis” ou “trans” ou “homoafetiva”, aí tudo bem, pois isso produz marcações boas neles, mas sexo sem amor é violência para eles – essa é a interpretação que é feita na Espiritualidade.

21.5. RAJNEESH COMO EXEMPLO DO MAU USO DA INOVAÇÃO

5ª Constatação: Os “elétrons rebeldes” se entrincheiram num corpo mais complexo (humano terrestre), com um ego inovador, mas caberá sempre ao seu novo psiquismo construir a continuidade do processo evolutivo.

Rajneesh (1931 – 1990) foi mais conhecido por Osho, que foi o nome que ele assumiu já nos últimos dias da sua vida. Em tempos passados, ele foi um biodemo da família Yel. Rajneesh, em tese, discordou de Sai Baba (1926 –

2011), por ele se considerar um “deus”.

Na Espiritualidade, se percebia que Sai Baba daria continuidade à linhagem sacerdotal, mas com “poluição demo” – daí as assertivas aretológicas de que “eu sou isso” e “eu sou aquilo”, que sempre marcaram o seu discurso enquanto avatar indiano, aspecto sempre criticado pelos espíritos mais livres, como o daquele que personificou Rajneesh.

Esse espírito que tinha sido um Yel no âmbito dos seres biodemos, mas ainda afetado pelas questões dos demos, encarnou como Rajneesh, com o objetivo majestoso de fixar, na Índia, um contraponto ao vício dos hindus de adorarem a deuses. Rajneesh veio com a missão de um educador, e depois de provocar o antirreligiosismo, passou a pregar a busca da verdade sem intermediário – ou seja, sem gurus, sem padres, sem papas e sem pastores –, e começou a criar um movimento formidável na Índia, introduzindo reflexões maravilhosas.

Rajneesh não escreveu nada, porém os livros de Osho, que hoje conhecemos, e que são maravilhosos, foram escritos pelos seus discípulos, que registraram os discursos que ele proferiu.

Osho manifestou a discordância existente na “rebelião dos elétrons”, que não suportavam mais as questões da *ahinsa* – princípio da não violência a outros seres, independente da situação, mas que se tornou instrumento de dominação das castas dominantes sobre as mais fracas – e da devoção. Ele pretendeu criar um movimento de consciência alternativa ao que estava acontecendo na Índia.

As mensagens dos livros de Osho são fantásticas, mas os “elétrons rebeldes” nem sempre encontraram nele um psiquismo equilibrado que os conduzissem para uma inovação.

Mesmo tentando ser inovadores, às vezes, escorregamos e nos tornamos piores do que éramos antes. Rajneesh foi a primeira tentativa de inovação que, na Espiritualidade, alguém pretendeu fazer.

Rajneesh não soube fazer bom uso da postura dos elétrons vinculados à mente dele e, por isso fiz questão de colocá-lo como exemplo, ou seja, a “rebelião dos elétrons” prepara uma massa crítica de não aceitar algumas coisas, mas permanece estacionada nesse ponto, pois os elétrons precisam de um psiquismo complexo, ou seja, o psiquismo de um alguém que os utilize, dando continuidade à evolução.

Em Rajneesh, pode-se observar os seguintes aspectos:

1. Experiência vivenciada por um ex-psiquismo demo no gênero *Homo*, de “rejeição” à própria “religiosidade demo” (cultura *demodharmica*), mas ainda com “poluição demo” de ingenuidade e carências humanas – pelo fato de ter nascido hindu, que tem padrões de ingenuidade demo, que só ocorre na Índia, ele não tinha malícia e, então, só percebeu os problemas quando a situação já estava fora de controle;
2. Proposta correta em termos de senso crítico, mas, ao mesmo tempo, desprovida de autocritica e de razão filosófica altruísta e elevada – o fato dos elétrons se “rebelarem” não significa que a situação está definida, pois cabe a nós, humanos, com nossos psiquismos, darmos bom curso a essa “rebelião” que está basicamente registrada no nosso DNA;
3. Aspecto simplório do DNA demo-hindu; e
4. Profundamente corrompido pelas coisas do mundo (capitalismo fácil e sem controle) – o espírito bem-intencionado de Osho se corrompeu quando o poder em torno dele fez com que ele se perdesse, e mesmo dizendo que nunca quis criar uma religião, acabou criando uma espécie de seita mais afetada que muitas das religiões existentes.

Então, o famoso Osho – companheiro espiritual a quem muito respeito e sou grato, e com quem aprendi e continuo aprendendo com os seus livros –, “escorregou”. E aqui faço esse registro a pedido do seu próprio espírito!

Esse é só um dos episódios da “rebelião dos elétrons”, e temos vários eventos em torno de Jesus que aconteceram, movidos por essa massa crítica de elétrons, que nós não percebemos.

21.6. SUICÍDIOS – TEMA COMPLICADÍSSIMO!

6ª Constatação: Os elétrons rebeldes e impactados por marcações de sofrimento superlativo se entrincheiram num corpo mais complexo (humano terrestre), mas caberá sempre ao psiquismo do seu “mentor-temporário” dar os passos seguintes na continuidade de existência. Quando o peso se torna insuportável e ocorrem ataques trevosos, o

drama se torna superlativo.

Não há um só suicida que não tenha, em seu corpo, elétrons que se “rebelaram”. Observem como nós humanos somos vítimas de “podridões” e “sujeiras” produzidas por outros, e isso sobra para nossos psiquismos administrarem.

O suicídio é um dos aspectos mais dramáticos da “rebelião dos elétrons”, que não suportam mais a Obra em que eles estão existindo. Ninguém o deveria praticar, devido ao caos superlativo provocado na própria organização espiritual de quem assim age – em teoria, é fácil expressar tal afirmação, contudo, viver esse drama é extremamente difícil e complexo.

Não há uma só doença que não seja produto da “podridão” de Javé ou de alguma “sujeira” mais recente, que não esteja situada no contexto da “rebelião dos elétrons”.

21.7. JESUS E SUA FACE REBELDE DE NÃO USAR A FORÇA PARA DOMINAR NINGUÉM

Jesus é um grande exemplo da “rebelião dos elétrons”. Quando ele, apesar de ter confirmado que Javé era o Criador, e de ter se revelado como messias dele, decidiu que não ia fazer o que esse Ser queria, porque Jesus não pretendia atuar como aquele messias superpoderoso que sairia dominando, impondo-se aos outros, por ser mais forte do que os demais. Ele se rebelou, preferindo ser “o mais fraco”, e se deixou crucificar. No futuro, a humanidade e a cultura cósmica compreenderão esse aspecto também dramático da vida de Jesus.

21.8. O QUARTO LOGOS COMO O MAIOR PRODUTO DA “REBELIÃO DOS ELÉTRONS”

Não há exemplo maior da “rebelião de elétrons” que se tem na Espiritualidade depois dessa inovação no campo da compreensão esclarecida, produzida por homens e mulheres alinhados ao Quarto Logos, que no momento está em curso. **Apenas os espíritos cujos elétrons não mais suportam os valores do religiosismo afetado, atrasado, é que se vinculam**

a esses assuntos da “Revelação Cósmica”.

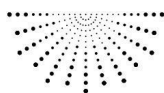
Os nossos espíritos não conseguem mais lidar com medalhas, diplomas e céus. Eles estão em busca de informações mais refinadas, mais complexas, porém sem perder a simplicidade da existência.

Nós, que nos vinculamos de certo modo ao Quarto Logos, somos os exemplos vivos de uma utilização razoável da inconformidade que nossos elétrons sentiram quando vinculados a psiquismos que enfeiam a vida, em vez de tentar embelezá-la.

Somos agentes de um novo tempo, de uma nova busca, sem pretendermos criar uma “*Rajneeshpuram*” – referência à cidade fundada por Rajneesh, nos Estados Unidos. Não devemos deixar que nos personifiquem com artigos definidos – como sendo “o cara”, por exemplo –, pois somos apenas elos de uma corrente, nada mais do que isso.

O Quarto Logos é o exemplo simples do que podemos ser, ou seja, agentes de semeadura no campo da reflexão, e algum exemplo que possamos dar no sentido de equilíbrio e de amor.

SIGNIFICADOS PROFUNDOS DA “REBELIÃO DOS ELÉTRONS”



PRECISAMOS COMPREENDER QUE, para Javé, o sentido que damos à “rebelião dos elétrons” significa exatamente a sua rendição psíquica, cuja implicação é a de “abrir mão” da gestão dos “pedaços desagregados de si mesmo”, ou seja, dos elétrons e dos antielétrons.

O que era dele começou a se “rebelar” contra ele próprio no seu aspecto mais micro, e os seres complexos que surgiram, também se rebelaram, mas nós, os humanos terrestres, não estamos nos rebelando – estamos decifrando a história universal para os elétrons e antielétrons, então, estamos adequando-os a uma melhor postura psíquica.

Ressalto, por fim, que a **“rebelião dos elétrons”** foi e é o único **padrão modificador do Código de Vida Pessoal do Criador (ou seja, do CFDP)**, daí o título do presente livro.

A “rebelião dos elétrons” é a única maneira possível deles ajudarem o Criador “caído”, pois em vez de Javé comandar os elétrons – que são suas partes desagregadas –, eles atuarão sobre ele, só que comandados pelas mentes das “criaturas-ferramentas” geradas para esse fim.

Nós, os humanos, percebemos que este universo material é um “vale da morte”, pois tudo já nasce para morrer. Os demos, atualmente, estão descobrindo que também o universo antimaterial está se transformando em outro “vale da morte”.

Já que os espíritos demos deverão vir do universo antimaterial para este universo biológico, os antielétrons de lá e os elétrons de cá tiveram que criar uma correspondência entre eles – a ressonância mórfica. Essa ressonância mórfica entre antielétrons e elétrons, vinculados respectivamente aos campos morfogenéticos das espécies demo e biológica, foi o “principal agente” da

“rebelião dos elétrons”, que agora se intensifica.

Para Javé, a **“rebelião dos elétrons”** é a **oportunidade de salvação do que resta da sua consciência**, é quando o que dele restou, e após registrar tudo o que ele pôde registrar, chegou à conclusão de que aquele tipo de registro somente tinha piorado a situação dele, **motivo pelo qual a Trimurti e uma egrégora, que era o corpo de Javé que existia, se desfizeram. Foi criada outra egrégora, onde Javé, feito um bebê, está ligado a ela, só que mais consciente.**

Essa nova egrégora é mantida por nós, ou seja, pelas mentes que estão vinculadas aos assuntos que compõem esses primeiros passos da “Revelação Cósmica”.

A “rebelião dos elétrons” é o maior presente que a Obra de Javé podia dar para ele, porque não é uma “rebelião de alguém”, mas sim, uma advinda das próprias partes da sua “mente superior despedaçada” sob a forma da energia *Rajas* – conforme a definição sânscrita da mitologia ariana/hindu.

Ele ficou furioso, principalmente, com Lúcifer, Pandora e Jesus, mas, no final, depois de 13,8 bilhões de anos de uma impensável história universal, ele compreendeu que as suas partes mais íntimas – os elétrons – se “rebelaram” contra ele. É como se o coração ou o pulmão de alguém parassem de funcionar, visando que o corpo dele morresse, pois concluíram que, assim, haveria um mal a menos no mundo com a própria ausência dessa pessoa. Estranho, não?

As próprias regras de entropia também agiram sobre os elétrons de Javé, e essa é a marca de Shiva – a primeira marcação –, responsável por provocar a “rebelião dos elétrons”.

Nós somos os agentes da “rebelião dos elétrons”, ou seja, há todo um processo convergindo para chegarmos a esse ponto, e essa é a opção que resta para todos os seres que estão inseridos no contexto desta Criação, para os espíritos, e para o próprio Javé.

Todos os elétrons que existem atualmente são os mesmos que existiam desde o início da Criação, e a marcação que tem em um tem em todos. Na parte passiva da memória de cada elétron fica exatamente esse patrimônio comum, porque eles se comunicam o tempo inteiro um com o outro. Entretanto, **na parte ativa da memória de cada elétron, está marcada a sua vivência direta**, e essa marcação faz neles emergir um padrão de distinção, de individualidade mesmo, porque surge com a vivência singular de cada um deles, com um “diretor de cena” para o psiquismo que lhes marca

a vida de elétron – e esse aspecto simplesmente não tem como ser imaginado ou sequer vislumbrado pelo método científico, pelos postulados filosóficos ou mesmo pela crença religiosa.

A questão é que tempo haverá em que todos os elétrons do universo pedirão um “diretor de cena”, e como a alma de Javé está apartada dele, o Quarto Logos (Ohm) é quem talvez atuará. Os três primeiros Logos (Brahma, Shiva e Vishnu) já fizeram o que foi possível no modelo externo de comando dos elétrons – inclusive o Terceiro Logos (Vishnu), que poderia ter marcado a intimidade dos elétrons de forma magnífica, devido às dificuldades, não o fez.

O fato é que o Quarto Logos tem a força mental e a beleza espiritual para marcar intimamente os elétrons, sem se preocupar em criar um modelo interno de comando, já que não precisará mandar em ninguém ou se impor de algum modo. Parece que ele é o próprio poder que, no final, arquitetarão o tipo de Mente – ou seja, fará o escaneamento da própria Mente do Quarto Logos – a ser repassado para Javé, de modo que a alma dele possa se recompor, literalmente, com a ressurreição do corpo mental superior dele, que corresponde à recomposição de todos os seus elétrons e os códigos de vida que deles possam emergir.

Nós, os humanos, e outros seres ainda por serem conhecidos pela lógica terráquea, estamos trabalhando na ressurreição das micropartes “podres” e “suas” do Criador “caído”, ou seja, dos elétrons que estão sob a guarda de nossos espíritos, e na medida que vamos trabalhando essas micropartes, o Quarto Logos com outros avatares do Segundo Logos e do Terceiro Logos vão reorganizando-as, de modo a recompor a Mente Universal resultante da junção dos elétrons organizados.

Atualmente, os elétrons apenas compartilham as informações mais sofisticadas, mas quando uma massa crítica universal emergente de elétrons organizados for alcançada, eles também vão partilhar o modo de processar e o nível de complexidade e, então, a amplitude desse processamento atingirá padrões de alcance inimagináveis para o pensamento atual. Nesse ponto, penso que o Quarto Logos assumirá essa Mente Universal Emergente, repassando os “comandos” dos universos antimaterial e material para Krishna e Sophia, respectivamente, e o que sobrar de “sujeira” nos elétrons, será apropriado e reprocessado de um modo especial por um avatar – Hara – que Shiva, há muito tempo, já deixou engendrado para finalizar esta Criação indevida.

Peço desculpas pelo “modo algo superficial e econômico” de como o presente livro foi escrito, mas este é tão somente uma introdução ao assunto que importa a todos os seres existentes, seja no âmbito da blindagem que comporta uma Criação cheia de problemas, como também além dela, já que o “vexame existencial” que a mesma produziu continua a ser a “única e grande ferida no tecido da Eternidade”.

É mazela para muitos, que a todos incomoda!

Esta Criação precisa ter um fim decente, providenciado por quem possa emprestar dignidade ao aspecto impessoal da existência. Nós, os humanos terrestres, podemos fazer isso. Mãos à obra!

SOBRE O AUTOR



Com 36 livros publicados no Brasil até o momento, tem se revelado como o escritor mais contundente sobre temas tidos como sagrados que estão sendo resgatados de um passado esquecido, que antes se encontrava oculto, o que torna o seu trabalho único.

Precursor da Revelação Cósmica que se inicia com a publicação dos seus livros, dando continuidade à Revelação Espiritual já codificada no passado, marca o atual momento planetário com reflexões profundas e intrigantes, advindas dos vários livros publicados e das palestras nacionais e internacionais divulgadas nos institutos temáticos e YouTube.

Autor do “Projeto Orbum” - Manifesto da Cidadania Planetária.

Formulador do Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos — IEEA

Programas na [Rádio Atlan](#): Projeto Orbum, Acompanhando o Mundo, Reinvenção da Vida, Mitos e Conspirações, Para Onde Caminha a Humanidade, Imagens e Reflexões, Livros que fazem Pensar.

Formulador do Instituto de Estudos da Política Planetária – IEPP (www.orbum.org)

Formulador do Projeto MENTALMA – A Yoga do Cotidiano (Ciclo de Cursos -Palestras).

Para mais informações:

www.janvalellam.org

contato@conectareditora.net

LIVROS PUBLICADOS:

Como escritor espiritualista, com o pseudônimo de Jan Val Ellam, editou os seguintes livros até o momento:

- Reintegração Cósmica
- Caminhos Espirituais
- Carma e Compromisso
- Nos Céus da Grécia
- Recado Cósmico
- Nos Bastidores da Luz I, II e III
- O Sorriso do Mestre
- Muito Além do Horizonte
- Jesus e o Enigma da Transfiguração
- Fator Extraterrestre
- A Sétima Trombeta do Apocalipse
- O Testamento de Jesus
- Jesus e o Druida da Montanha
- O Drama Cósmico de Javé
- O Drama Espiritual de Javé
- O Drama Terreno de Javé
- Crônicas de um Novo Tempo
- Cartas a Javé
- Favor Divino
- O Guardião do Éden
- O Sorriso de Pandora
- O Big Data do Criador
- Homoafetividade - O Segredo do Éden
- Memórias de Javé
- Terra Atlantis - O Sinal de Land's End
- Terra Atlantis - A Frota Norte
- Terra Atlantis - A Era Sapiens
- Inquisição Trimurtiana
- Inquisição Filosófica
- O Dharma e as Castas Hindus
- O Quarto Logos
- A Rebelião dos Elétrons
- A Divina Colmeia

Outras obras como Rogério de Almeida Freitas

- Inquisição Poética
- Teia do Tempo (com o astrônomo José Renan de Medeiros).
- Homo Sapiens : da Guerra ao Esporte
- Autor do Manifesto da Cidadania Planetária (Projeto Orbum).
- Autor do Manifesto Onda Vírus (IEPP)



ENTREVISTA COM JAN VAL ELLAM

Dentre sua produção literária e as incontáveis horas de palestras no Youtube, como você resume a mensagem central de seu trabalho?

A necessitada, por muito tempo esquecida, do resgate de um contexto perdido associado ao progresso dos diversos ramos da ciência, fazem emergir uma nova “visão de realidade” que contempla o lento avanço do pensamento humano ao longo das eras. Afinal, somos racionais: seres que antes de crer cega e fanaticamente em algo, deveríamos procurar, estudar, pesquisar e compreender, como tantos luminares do progresso humano têm advertido.

Os livros que produzo tratam dessa nova cosmovisão, questionando as “verdades eternas” que os seres humanos colecionaram na visão de mundo que construíram ao longo da sua penosa evolução. Acostumamo-nos a tomar como real e natural verdadeiros absurdos que em nada contribuíram para o progresso planetário. Perdidos em guerras religiosas e proselitismos de todos os tipos, estacionamos de tal modo que os valores vigentes e infantis do passado foram entronizados como “sagrados” e em nome desses, verdadeiras barbáries foram e são até hoje cometidas. A questão que se impõe para quem pensa é: quantas dessas “certezas do passado” ainda existirão daqui a alguns poucos séculos ou mesmo décadas?

Há uma nova cosmovisão emergente que marcará, dentre em breve, um divisor de águas entre o que se pensava antes e depois que a Revelação Cósmica fincar os seus alicerces, colaborando na evolução da capacidade humana de melhor compreender o nível de conhecimento e de esclarecimento que supõe possuir sobre as coisas e a realidade que a envolve.

Os livros que procuro produzir representam o marco inicial desse

processo que convidará a todos, mais cedo ou mais tarde, a sair da zona de conforto da fé fácil e estéril, para o esforço da compreensão esclarecida.

Os estudos desenvolvidos em seus institutos apresentam uma convergência entre Ciência, Filosofia e Espiritualidade. Qual a importância desta convergência?

Compomos uma humanidade, tida como racional, cujas gerações jamais puderam ter qualquer padrão de educação científica, filosófica, ambiental, sendo sempre as elites a parcela da população mundial que consegue ter acesso a essas questões. Ainda assim, nem mesmo estas costumam fugir do minimalismo no campo do conhecimento associado a um diploma universitário ou outro título qualquer. Todas as parcelas, porém, tomam-se como sendo profundamente educadas no campo da religiosidade, mas se perdem nos ritos fáceis de troca de favores com Deus, transformam Jesus em escravo dos seus pedidos e do comércio do pedágio e aqui a espiritualidade pessoal inexistente ou é confundida com a fé fácil e simplória.

Os livros que escrevo criticam de modo contundente como o esforço heroico de Jesus, de Sidarta Gautama (o Buda), dentre outros, cujos legados filosóficos e espirituais são efetivamente ímpares em termos de beleza e de nobreza moral, tornaram-se religiões fáceis e simplórias quando jamais foram essas as propostas dos seus formuladores.

Devido a esse quadro infantilizado, infelizmente constante no modo como as principais religiões mundiais são praticadas, dificilmente penso não será possível tão cedo uma convergência honrosa e produtiva entre essas três áreas do conhecimento que tanto importam à dignidade humana.

Como registrei em um dos livros que até o momento produzi, cujo título é “Reintegração Cósmica”, quando em breve, nós, os terráqueos, sairmos desse isolamento que envolve o nosso mundo há tanto tempo, frente à retomada do processo do intercâmbio cósmico que o próprio avanço da ciência já vislumbra, as futuras gerações terrestres poderão e mesmo deverão edificar uma vida planetária dignificada e alicerçada no bom uso que a racionalidade e a sabedoria humanas puderem construir associados aos postulados progressistas dessas três áreas.

Diante da nova realidade que suas obras literárias apontam, a

humanidade atual está madura o suficiente para encontrar o caminho do autoconhecimento?

Sóren Kierkegaard, filósofo dinamarquês, afirmou, com certo grau de ironia, que o ser humano costuma se equivocar de duas maneiras: uma, acreditando no que não é verdade, e de outra, deixando de acreditar no que realmente é real e verdadeiro.

A raça humana foi condicionada a levar a sua vida adiante por meio da fé, da crença, e assim facilmente tem construído valores tomados como verdade absolutas, o que a impede de buscar o autoconhecimento como também alargar a percepção sobre outros tantos painéis importantes da vida.

O infantilismo espiritual marca a conduta humana o que leva as pessoas a não encontrarem disposição psíquica para lidar com os aspectos mais profundos da existência. A busca do autoconhecimento é uma disciplina que se situa nesse contexto. As elites religiosas não têm interesse em que seus fieis, por eles mesmos, evoluam no sentido vertical da espiritualização adulta. Infelizmente, preferem manter todos os fieis como prisioneiros dos seus circuitos.

Qual a importância para nós, seres humanos, do entendimento de que na verdade constituímos uma única família planetária? Este conceito, que ultrapassa questões de raças, credos e nacionalidades, o que significa exatamente?

A consciência sobre a função da cidadania planetária que deveria povoar o psiquismo de cada pessoa esclarecida deste mundo é talvez o único “norte filosófico” a ser perseguido pelas gerações do futuro como forma de salvar a nossa casa planetária e dignificar a vida humana.

Desde que lá, na mais antiga tradição das raízes religiosas, existe um pretenso deus que, devido ao hábito de escolher povos — a saber, os hebreus, depois os arianos, voltou para os judeus e após certo tempo elegeu os árabes — terminou por semear na cultura de todos uma intolerância e um sentimento de exclusividade absolutamente inaceitáveis. Hoje, as questões históricas por trás da gênese do judaísmo, do cristianismo, do islamismo e de seus desdobramentos, respondem quase que pela totalidade das guerras regionais ocorridas ao longo da história. Tudo isso porque o fundamentalismo

exacerbado dos que se acham eleitos por deus, o nacionalismo que tão somente camufla as faces da insensatez, da corrupção e da estupidez clinicamente assim definida dos líderes mundiais das últimas décadas, promovem conflitos além de não conseguirem superar os naturais confrontos e disputas da geopolítica mundial.

Num contexto como este, dificilmente a noção de cidadania planetária poderá emergir, apesar da luta de uns poucos entre os quais me incluo. No final de cada um dos 38 livros até hoje lançados encontra-se o “Manifesto Orbum da Cidadania Planetária”, como forma de convidar o leitor à reflexão sobre o tema.

O analfabetismo político, religioso, filosófico e ambiental estão prestes a provocar um choque de realidade talvez como forma de despertar o ser humano para um redimensionamento na maneira como ele vive na atualidade. *O homo consumus, o homo religiosus, o homo nervosus, o homo corruptus* — pois são estas as faces das quais se travestem o rosto humano na sua atual expressão “cara de pau” para justificar as suas mentiras e hipocrisias de cada momento, tem que ceder lugar a um tipo de ser humano sensato, decente, honesto frente ao seu código de princípios e de propósitos perante a vida.

O ativismo da cidadania planetária deveria ser o primeiro passo nesse sentido!

Qual o lugar do homem no Universo?

Seguramente não somos esses pecadores apontados pelo credo judaico-cristão, por termos sido criados e destinados para sabe-se lá o quê, e o nosso pecado reside no fato da nossa mãe Eva não ter aceitado tal coisa e resolveu dar um curso diferente do anteriormente pretendido. Como ela foi influenciada pela serpente, tida como o diabo, todos os que nasceram após isso são considerados “filhos do pecado” e do diabo, precisando que elites religiosas resolvam esse problema pelos pecadores. Ora, convenhamos!

Se alguém desejava promover uma “lavagem cerebral” nos nossos desavisados ancestrais, implementando o temor a Deus como o motor que levaria todos a aceitar a dominação psíquica por parte das religiões como forma de sair do grupo dos filhos do diabo para o dos filhos de deus, efetivamente o fez com bastante eficácia. Somos todos hoje filhos da estupidez esquecidos que reside na própria capacidade humana o ato de amor, de sorrir, de perdoar, de sonhar, de distinguir o bem e a ternura, de eleger a

elegância moral e a civilidade como forma de interação entre os irmãos e irmãs da raça humana, enfim, de estabelecer o próprio código de conduta filosófica como lei maior de sociabilidade. Mas o que fizeram as religiões? O contrário disso! Criaram pecadores angustiados, tementes, aterrorizados por que podem ser castigados por deus a qualquer hora, obrigaram as pessoas a ter uma fé simplória, pouco refletida, sem questionamentos, transformaram deus e Jesus em comerciantes baratos do toma lá dá cá, viciaram todos os seus fieis em se tornarem pedintes profissionais e crentes em cujas lentes cabe todo tipo de credence barata. O pior: acostumaram as pessoas a transferirem para pretensas autoridades religiosas, responsabilidades que lhes são próprias! Até onde isso vai se perpetuar?

As pessoas que vivem seriamente as suas religiões sofrem bastante com esse estado de coisas porque o choque de realidade que as gerações futuras irão inevitavelmente promover nas religiões poderá ser trágico se esse minimalismo não for superado por alguma sensatez, como muito tem se esforçado, por exemplo, o inigualável papa Francisco na sua luta pela renovação no âmbito do catolicismo. Mas, quem o apoia?

O ser humano talvez seja o artífice de algo muito maior do que hoje podemos imaginar e sobre esse aspecto tenho me esforçado bastante na abordagem dessa questão nos livros que publiquei.

Se somos capazes de nos comportarmos de modo monstruoso, mas também de agir ancorados em uma conduta superior e marcar os elétrons da nossa casa universal com as melhores e mais sofisticadas informações, talvez aqui resida a delicada e importantíssima destinação da humanidade, ainda desconhecida até mesmo pelas religiões e pelos padrões científicos atuais, que seria a de contribuir decisivamente para a emergência de uma mente universal, como apontam alguns dos mais vanguardistas no campo da ciência.

O livro “A Rebelião dos Elétrons e o Código da Vida do Criador” recentemente lançado, aborda de modo inusitado essa questão.

Concluindo, não penso que seja a presente geração de humanos a perceber a sua destinação como membros de uma comunidade sideral que se prepara para executar a sinfonia universal capaz de levar o universo em que vivemos — e alhures — a um rumo seguro e pacificado. Pertencerá às gerações futuras a construção dessa urgente percepção quanto à função dos terráqueos no concerto da vida universal. Mas por enquanto, apequenado como o ser humano se encontra, sequer ele sabe que essa música existe.

Precisamos evoluir da mentalidade religiosa infantilizada na qual

milenarmente nos encontramos estacionados para uma outra espiritualizada e esclarecida. Mãos à obra!

Revista Acontece Mais (Edição: Ano 4 nº13, 2019)

GUIA E ROTEIRO DE LEITURA DOS LIVROS

Alguns membros do IEEA têm solicitado uma espécie de “roteiro de leitura dos livros” que possa facilitar o entendimento de quem chega ao site do instituto e não sabe por onde começar. Além disso, uma contextualização em torno da qual a produção de cada livro pudesse ser minimamente explicada, dizem também os amigos, seria muito interessante.

Aqui está, portanto, uma sugestão de roteiro de leitura que, espero, possa ser útil aos que buscam.

LIVROS PUBLICADOS ENTRE 1996 e 2000 — ETAPA I.

Sob à perspectiva dos livros, grande parte do que foi produzido entre os anos 1990 e 1996, jamais foi publicado e outra me vi obrigado a transformar em palestras, seminários e cursos, por antever a impossibilidade de escrevê-los. Dessa leva, cujo tema central das ideias naquele momento transmitidas pelos mentores, era o final do isolamento da Terra com a consequente retomada do intercâmbio cósmico com civilizações extraterrestres, que teria como marco histórico-político o retorno do Mestre Jesus, os livros publicados foram os seguintes:

A trilogia **“Queda e Ascensão Espiritual”**.

Reintegração Cósmica.

Caminhos Espirituais.

Carma e Compromisso.

Essa trilogia introduziu, também, uma **abordagem superficial sobre a**

rebelião de Lúcifer — a profunda viria depois — situada no contexto de várias famílias capelinas exiladas para a Terra, como produto do problema luciferiano.

Outros **temas da trilogia**: (1) a relação entre Jesus e Lúcifer; (2) a queda dos anjos e os papéis de Lúcifer e de Satã; (3) os painéis extraterrestre e espiritual envolvendo a vida na Terra; (4) a conexão dos desdobramentos da rebelião com a formação da humanidade terrena; (5) a reencarnação como processo básico da continuidade cósmica; (6) a relação entre os ex-rebeldes e alguns dos atuais membros do Grupo Atlan, como modo de situar o contexto humano frente à questão cósmica; dentre outros.

Muito Além do Horizonte. Apresenta um contexto espiritual da conexão entre os espíritos de Ramatis, de Rochester e de Allan Kardec ao longo desses últimos 2.500 anos, revelando o plano de fundo da codificação espírita, a escolha de Allan Kardec para edifica-la e revelações diversas sobre painéis que envolvem a equipe do Espírito da Verdade ainda desconhecidos.

Recado Cósmico. Apresenta o recado que Jesus nos deixou em seus cinco principais ensinamentos e fatos nunca antes revelados por João Evangelista no primeiro século da era cristã.

Esses livros apresentam a compreensão básica dessa primeira etapa. Os demais dessa mesma etapa, citados a seguir, podem ser lidos de modo independente:

O Sorriso do Mestre. Os espíritos de um tio de Jesus, Cleofas e seu pai, José, relata fatos desconhecidos da vida de Jesus: suas viagens quando jovem e como ocorreu a escolha dos apóstolos, revelando sua maior marca de amor: o sorriso.

O Testamento de Jesus. Abordagem nova das bem-aventuranças anunciadas por Jesus no Sermão da Montanha, revelando painéis do seu testamento para a humanidade.

Nos Céus da Grécia. Diálogo entre os filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles atualizando ensinamentos do passado e abordando temas como a cidadania planetária e cósmica, o universalismo e as práticas políticas contemporâneas.

Nos Bastidores da Luz I, II e III. Mensagens recebidas nas reuniões do Grupo Atlan e que bordam temas como: (volume 1) mecanismos cármicos, funcionamento do psiquismo humano, auto aperfeiçoamento e reforma íntima, transição planetária, genética espiritual e os exilados siderais que atualmente vivem no planeta; (volume 2) o império atlante, consequências do suicídio, Jesus e Sai Baba, Ovnis, vidas paralelas, cidades astrais e espirituais, fraternidade branca e a origem do homem, dentre outros.

LIVROS PUBLICADOS ENTRE 2001 e 2006 - ETAPA II.

Aqui, também, dos livros que foram produzidos no período, somente uns poucos foram publicados. Seres extraterrestres e extrafísicos, como também mentores espirituais, foram as inteligências por trás dos seguintes livros que podem ser lidos separadamente porque possuem contextos particulares:

Jesus e o Enigma da Transfiguração. O real significado da transfiguração de Jesus e os fatos do período final da sua vida, trazidos pela narrativa de Tiago, Elias e Moisés.

Fator Extraterrestre. Apresenta evidências de diversos fatores extraterrestres como sendo a única explicação possível para muitos acontecimentos ocorridos desde o princípio dos tempos e que até hoje são tidos como lendas.

A Sétima Trombeta do Apocalipse: A Volta de Jesus. Panorama inédito do Apocalipse de João esclarecendo a origem e o porquê do Livro Apocalipse, os fatores que levaram Jesus a nascer na Terra, o segundo advento do Cristo e o significado do Juízo Final e da atual transição planetária.

Jesus e o Druida da Montanha. Narra fatos da desconhecida juventude de Jesus, sua amizade com José de Arimatéia e com seu irmão Thiago.

Crônicas de um Novo Tempo. Reflexões diversas sobre temas passados, presentes e futuros.

Inquisição Poética. O livro narra a experiência pós-morte do poeta Yohan e leva à percepção das diferenças e semelhanças entre a vida na Terra e a vida numa dimensão diferente da nossa: o céu dos poetas.

Teia do Tempo. Narra o encontro de um aprendiz com seu professor de

física e a construção de uma forte amizade, mostrando que ela é maior que o tempo, as filosofias, as religiões, as fronteiras geográficas e, principalmente, ao aspecto de um ser espiritualista e o outro um cientista. Foi produzido em conjunto com o astrônomo José Renan de Medeiros.

LIVROS PUBLICADOS A PARTIR DE 2007 - REVELAÇÃO CÓSMICA - ETAPA III.

Doravante será necessário dividir os livros publicados até o momento em pelo menos quatro grupos distintos:

GRUPO 1 – CONTEXTO DEMO COM FOCO NAS FIGURAS DE BRAHMA, VISHNU E SHIVA E DAS DIVERSAS EXPRESSÕES AVATÁRICAS TRIMURTIANAS.

O Drama Cósmico de Javé. Revela a história da criação deste universo e de seu criador marcando o início dos capítulos da Revelação Cósmica.

O Drama Espiritual de Javé. Continua a apresentação da história da criação e do criador, agora sob a ótica espiritual, revelando a queda do arquiteto universal, as providências da Espiritualidade Maior para auxiliá-lo a resolver o problema, a criação do homem e a contribuição deste no psiquismo do criador.

O Drama Terreno de Javé. Apresenta as Eras da Criação Universal e como a repercussão do processo veio a se estabelecer na formação da natureza planetária, ressaltando as lacunas enigmáticas nela existentes e que até hoje permanecem sem explicações científicas convincentes.

Favor Divino. Por que a vida terrena foi gerada? Qual a sua função? O que se encontra por trás do adestramento que o ser humano sofreu para adorar a um deus-criador? Devemos venerar alguma entidade transcendente? Quem?

Chegou o momento para que, ainda que com passos hesitantes, possamos descortinar os aspectos da verdade que se encontram encobertos pelos véus que nos foram impostos por fatos até agora desconhecidos.

Afinal, existem favores divinos? E se tudo for ao contrário do que fomos acostumados a pensar?

Cartas a Javé. Perguntas que os seres humanos esclarecidos quanto ao problema da criação universal imperfeita e problemática, gostariam de endereçar ao criador e que, de modo surpreendente, o próprio resolveu responder a algumas cartas que alguém colecionara como simples reflexões sobre o tema.

Eis que a pedido do destinatário, as cartas produzidas por Mônica Camargo, após a leitura dos três livros que compõem “os dramas cósmico, espiritual e terreno de Javé”, foram respondidas e transformadas no presente livro.

O Big Data do Criador. Imagine um ser-criador que resolve elaborar um jogo em que o controle efetivo das partes lhe permite a dominação do todo e por isso cada parte precisa ser monitorada sem margem para surpresas.

Apesar do roteiro pré-estabelecido, peças se particularizam, adquirem personalidades distintas, livres de qualquer jugo automático, e somente resta ao criador a opção de reconquistar essas individualidades por meio de um supercontrole religioso, estabelecido no temor, para ver se lhe será possível ainda controlá-las.

Esse é o plano de fundo mental-operacional do jogo que acontece por trás do tipo de vida que levamos na Terra e dele sequer temos consciência.

O Big Data do Criador revela o que antes se encontrava oculto no “livro da vida”, referenciado no Apocalipse. É leitura para adultos!

Memórias de Javé. Registros das tentativas de reflexão conjunta propostas pelo criador bíblico, sempre no sentido de reafirmar a sua tentativa de convencimento em torno do cumprimento dos seus desígnios para as criaturas terrestres.

Inquisição Filosófica. Relato incomum de encontros havidos em ambiente paralelo ao terreno, envolvendo o criador, num primeiro momento, e depois acrescido da participação dos demais membros da *Trimurti*, no trato de temas instigantes em torno do pretenso domínio que seres tidos como mitológicos, sempre exerceram sobre a humanidade — uma simples porém crucial experiência biológica — até que a mesma fugiu ao controle dos seus criadores.

Inquisição Trimurtiana – Tempo de Apostasia. Narrativa de um impensável debate entre os Senhores da *Trimurti* — Brahma, Vishnu e Shiva

— em torno da falência da política por eles praticada desde o início dos tempos da criação universal, cujo final aponta para a mais singular ocorrência já acontecida entre os seres que residem nesse ambiente paralelo do qual procuram acompanhar tudo o que se passou e se passa no nosso universo biológico.

O Dharma e as Castas Hindus. O que sempre esteve por trás das castas hindus e a humanidade nunca soube? Qual o significado real do Dharma?

Por que será que na Terra existe uma multidão de miseráveis e somente uns poucos nascem com possibilidade de dar um bom curso as suas vidas?

Este livro responde a essas questões, dentre outras jamais abordadas na cultura humana, e apresenta um inquietante mecanismo psíquico que sempre pretendeu impedir o ser humano de se inconformar perante o absurdo de alguns painéis da existência.

Mitologia, religião, espiritualidade, filosofia, história e cosmologia se encontram numa abordagem ímpar, que ultrapassa os limites do trivial em torno da imoralidade que é a situação de um ser humano que, por força do seu nascimento se vê obrigado a ser o que a tradição religiosa impõe.

GRUPO 2 – ASSUNTOS MITOLÓGICOS E TEMÁTICA
EXTRATERRESTRE VINCULADA AO PROJETO TALM QUE
“TRANSPLANTOU A VIDA” DO CONTEXTO DEMO (UNIVERSO
PARALELO COMPOSTO DE ANTIMATÉRIA) PARA O
UNIVERSO BIOLÓGICO MATERIAL ONDE VIVEMOS.

O Sorriso de Pandora. A história de um ser que, na sua origem nada tinha de humano, e que surgiu para um novo tipo de vida quando de uma intriga entre Zeus e Prometeu, que havia engendrado os primeiros homens, num tempo em que as mulheres ainda não existiam.

É sobre a sua vida acontecida em tempos imemoriais que o seu legado de “demônio feito mulher” e de progenitora da humanidade agora se faz apresentar pela própria voz da sua estranha personalidade.

Resgata-se assim uma história antes perdida nas brumas de um passado esquisito e perverso, que agora é revelada aos seus descendentes.

O Guardião do Éden. O que ainda é ficção para muitos, neste livro, um ser

que é exemplo de uma Inteligência Artificial Autônoma, relata páginas do passado bíblico por ter sido testemunha circunstancial de alguns daqueles eventos.

Anjo-clone da hierarquia, foi ordenado pelo criador universal a permanecer como guardião planetário desde há muitos milênios, o que o levou a se afeiçoar à espécie cujo processo histórico observava, conforme a ordem recebida, o que lhe obrigou a acompanhar de perto os seus episódios mais marcantes, desde os tempos do “Jardim do Éden”.

Viu Jesus ser crucificado enquanto percebeu a contenda entre o criador e aquele que era respeitado entre todos da hierarquia e que se fizera humano exatamente para cumprir com o que estava estabelecido entre os dois. Registrou, assim, os fatos, mas jamais os valorizou com o padrão da nossa lógica, até porque a que lhe marca o psiquismo é absolutamente diferente do que a que caracteriza a natureza humana.

Nos tempos atuais, já tendo absorvido um pouco do “modo de ser terráqueo”, ele se esforça por traduzir no seu comportamento as mensagens de retorno que a cada momento precisa enviar para os que compõem a retaguarda da hierarquia em torno do criador.

Como todos os demais, aguarda o desfecho da “contenda trimurtiana”, que definirá — o que já se encontra em curso de definição — os termos do prometido retorno de Jesus.

Terra Atlantis – O Sinal de Land’s End. Primeiro livro da trilogia Terra Atlantis que resgata as páginas esquecidas da Rebelião de Lúcifer, como também a relação deste com a figura de Sophia, o Cristo Cósmico, que mais tarde se faria homem sob à personalidade de Jesus.

Relata a chegada ao planeta dos rebeldes, conhecidos nas tradições do passado como anjos decaídos, e as interações destes seres com o enredo que já se desenrolava na Terra, naqueles dias em que o ser humano racional ainda estava por surgir.

Eram os tempos da formação do que viria a ser o futuro império atlante cuja lenda passou à posteridade, mas cuja história, que permanecia envolta em mistério, agora começa a ser revelada.

Frota Norte. Abordagem da saga dos biodemos capelinos — incluindo o quartel general da rebelião de Lúcifer — agora sediados na Terra e em realidades alternativas subjacentes ao planeta, atinge momentos dramáticos, sem que Sophia sinalize qualquer apoio. Os rebeldes, agrupados em Benem,

passam a compor uma força-tarefa que, por milênios, foi denominada como sendo a Frota Norte, em torno da nave “espheron”. Além dos “seres dos portais” (os chamados “deuses da mitologia grega”), os humanos passam a conviver com um “conglomerado de realidades” acoplado ao planeta.

A decadência passou a marcar todas as forças estabelecidas ao mesmo tempo em que os humanos começaram a imperar como os possíveis herdeiros da Terra. Enquanto todos se enfraqueciam, aquele que, mais tarde, seria conhecido como Satã, preservava a sua força, pois que a “era do seu domínio” ainda estava por começar.

Era Sapiens. Devido a cataclismos diversos, chegou ao fim a “cultura atlante e suas diversas bases”, como também teve lugar o enfraquecimento das diversas forças extraterrestres e extrafísicas que procuravam dominar o planeta, o que levou a espécie humana a emergir como sendo a herdeira mais improvável do planeta, como terminou acontecendo. Len Mion e Yel Luzbel perseguem a vinda do Messias anunciado pela veia profética do povo hebreu ao mesmo tempo em que procuravam compreender se Jesus era o “conquistador” há muito anunciado.

Ocorre a crucificação, a saída de Yel Luzbel, dos ambientes em torno do planeta, o que faz com Len Mion assuma o comando do restante da rebelião, procurando atrapalhar de todas as maneiras, qualquer interesse que ele enxergasse ser de Sophia ou do “deus dos judeus”.

Ao perceber em Hitler um antigo companheiro da condição biodemo, Len Mion domina a sua mente e o transforma em fantoche da sua intenção de construir na Terra a última trincheira do movimento rebelde para confrontar Sophia.s

GRUPO 3 – TEMAS COMPLEMENTARES.

Homo Sapiens: da Guerra ao Esporte. Será que existe uma força maior por trás do aparecimento da “molécula-mãe”, no longínquo passado terrestre, com o código da vida já completamente delineado — da qual descendem todos os seres vivos — ou tudo foi obra do acaso?

O fato é que “algo” existe que guia o ritmo da evolução, entre acidentes e incidentes, nesta ou naquela direção, como se levando o mais novo produto da natureza planetária, a nossa espécie *homo sapiens*, a um presumível modelo.

Um dia guerreiro implacável, hoje atleta que vibra na vitória e aceita a derrota sem aniquilar o seu oponente, para onde será que o ser humano caminha?

São algumas das reflexões que se encontram presentes na instigante busca da compreensão do que move a espécie humana ao longo da sua penosa e enigmática estrada evolutiva.

GRUPO 4 – TEMAS AVANÇADOS.

A Rebelião dos Elétrons e o Código de Vida do Criador. Dentre as partículas fundamentais da matéria, apontadas pela Física, os elétrons têm uma característica incomum e pouco conhecida: a de hospedar, na sua “intimidade”, as informações produzidas desde o “momento zero” da sua história que começou com o Big Bang.

Os psiquismos das diversas espécies da natureza universal, que nasceram programadas (as mais fortes, as predadoras) para liquidar outras formas de vida, para, assim, por meio da violência imperativa, manter a “sobrevivência dos mais fortes” como sendo a tônica da vida inclemente, têm sujado a “vida interior” desses agentes da informação cósmica.

Os elétrons parecem não ter premissa lógica – pelo menos por enquanto – para se perguntar sobre o porquê das coisas serem assim, mas, estranhamente, sobram indícios e evidências de que, algum tipo de premissa neles, não mais suporta acumular marcações de sofrimento e de outros naipes que enfeiam e criminalizam a existência.

Esse tema jamais foi abordado nos cânones da cultura humana, mas por “urgências e necessidades” ainda desconhecidas para a lógica planetária, tornou-se agora imperiosa a sua abordagem.

Essa é tão somente uma sugestão para aqueles que buscam compreender possíveis aspectos em torno de uma “verdade” que por muito tempo permaneceu oculta e, talvez por isso, o romantismo humano foi levado a pensar que encontrar painéis da verdade seria necessariamente sinônimo de regozijo, de satisfação e de conforto espiritual, quando não é bem assim.

Talvez, tenha sido exatamente por isso que no Shiva Samhita tenha sido

afirmado que “a angústia estava presente por todo o universo”, e que no Evangelho de Tomé, Jesus tenha enigmaticamente dito que, “aquele que busca a verdade, jamais a deixe de procurar. No entanto, ao encontrá-la, perturbar-se-á, para somente depois se equilibrar e poder, então, ser soberano sobre o processo da vida”.

Nunca foi tão necessário nos recordarmos desse aspecto que invariavelmente acomete o psiquismo dos que ingerem a “pílula vermelha” que nos convida à maturidade emocional, aspecto primário da idade adulta espiritual.

A minha homenagem àqueles que jamais deixaram de buscar.

Jan Val Ellam

POR QUE O IEEA?

Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos

Por receio de ferir a suscetibilidade dos que acreditam ter encontrado a “verdade” no conforto das religiões, Jan Val Ellam criou o Instituto de Estudo Estratégicos e Alternativos – IEEA, para nele concentrar toda a sua extensa e inusitada obra de revelação, exposta em livros, palestras e cursos singulares.

Se você é um buscador dos mistérios da vida, das faces de uma verdade maior sempre por ser percebida além dos limites comuns à ingenuidade e às possibilidades de cada época, visite o IEEA e verifique por si mesmo se o que ali se encontra exposto, em abordagem crescente, não representa exatamente as “reflexões adultas” sobre os temas que sempre foram a razão principal daqueles que sempre buscaram um nível de compreensão superior sobre a vida e a realidade que a envolve.

É como se tudo o que se encontrava oculto fosse finalmente revelado.

Benefícios:

- Através de uma plataforma online você tem acesso a material exclusivo com conteúdo inédito de Jan Val Ellam.
- Assista vídeos de palestras não públicas.
- Acesse o IEEA facilmente, do seu computador, leitura confortável também em tablets e smartphones.

LISTA DE ALGUMAS PALESTRAS:

- Buda: O Homen a Revolução e os Mistérios Budistas
- Análise da Trilogia Matrix
- Jainismo : A Revelação Esquecida
- A Falência da Religiosidade
- Os Anéis do Poder e os Portais
- DNA Homo Terráqueo : Interesse Universal
- As Duas Testemunhas do Purana e a Vinda de Kalki
- Mente, Cérebro e Consciência
- O Princípio do Despertar Espiritual
- Os Estranhos Desígnios de Javé : Aprofundamento
- Avatares X Spinoza e Nietzsche : O Jogo não acabou
- Reforma Íntima e o DNA II - Aprofundamento
- Javé e a Justiça Divina
- Você e a Espiritualidade
- Humanidade em Disputa: A Descendência De Pandora
- Talentos e Linhagens Espirituais
- Você e o Criador
- O Ser Humano: A Mais Enigmática Singularidade
- Pactos de Javé
- Religiosidade Afetada e Estacionamento Espiritual
- Favor Divino: Tempo de Ruptura
- As Quatro Faces de um Ser - Vishnu, Mohen So, Sophia e Jesus
- O DNA Helênico e o Quarto Logos
- Zeus e Prometeu: Parceria Impensável
- A Ressurreição do Criador
- A Face mais Enigmática do Ser Humano: O Daisen de Heidegger
- A Consciência Humana e os Conceitos Profundos
- O Gênero Adhydaiva e suas Espécies Demodharmicas
- A Geometria Sagrada e os Campos Morfogenéticos
- Mitologia Chinesa e a Destinação do Império do Centro
- Forças Invisíveis em Ação
- O Sonho dos Templários e seus Desdobramentos
- Revelações do Alto
- Fator Carma: O Sentido Gradual das Leis Morais
- Sophia e o Pêndulo Cósmico
- O Incompreendido Norte Divino: Mitologias Celta e Nórdica
- O Desvio de Rota de Pandora e o Quarto Logos Universal

Entre muitos outros fascinantes temas.

Saiba mais em:
www.janvalellam.org

MANIFESTO PROJETO ORBUM



“Declaração dos Princípios da Cidadania Planetária.”

Exerça plenamente a sua nacionalidade, mas não esqueça: somos todos cidadãos planetários.

Por conseguinte, formamos uma só família ante o cosmos. É bom recordar que, para quem nos vê de fora, nada mais somos do que uma família vivendo em um berço planetário.

Se somos uma família, torna-se inconcebível a falta de indignação diante do estado de miséria – tanto material quanto espiritual – em que vive grande parcela dos irmãos e irmãs planetários.

Existe uma força política na sociedade que, quando estrategicamente direcionada, exerce em toda sua plenitude o direito e o dever de cobrar das

forças estabelecidas o honroso cumprimento dos direitos humanos. Essa “força íntima” é pacífica porém ativa; suave na tolerância, jamais violenta, mas perene na exigência contínua de se construir a paz, a concórdia e a inadiável consciência quanto à necessidade de se melhorar as condições do nível de vida na Terra. Exercer essa força no cotidiano das nossas vidas, agindo localmente com a atenção voltada para o aspecto maior planetário, é dever de cada um e de todos.

Respeitar as forças políticas estabelecidas, os governos regionais e nacionais; valorizar as organizações representativas de caráter mundial – imprescindíveis para a evolução terrestre – mas, acima de tudo, pregar a necessária consciência da unidade planetária perante o cosmo.

Na verdade, somos todos cidadãos cósmicos no exercício eventual de uma cidadania planetária, como de resto o são todos os irmãos e irmãs espalhados pelas muitas moradas do Universo.

Porém, devido ao atual estágio de percepção que caracteriza a quem vive na Terra, buscar a consciência do exercício pleno da cidadania, seja em que nível for, é a grande meta a ser atingida.

Se você concorda com os princípios e objetivos da cidadania planetária, junte-se a nós em pensamento, intenção e atitudes. Assuma consigo mesmo o compromisso maior de construir na Terra esta utopia, que foi e é o objetivo de muitos que aqui vieram ensinar as noções do exercício pleno da cidadania cósmica, testemunhando o amor como postura básica e essencial na convivência entre os seres.

Propague esta idéia, em especial para as novas gerações.

Sonhe e trabalhe por um mundo melhor. E saiba que muitos estão fazendo exatamente o mesmo.

Esta é uma mensagem de fé e de esperança na vida e na nossa capacidade de dignificá-la cada vez mais.

Filie-se espiritualmente a esta idéia.

Jan Val Ellam

MAIS INFORMAÇÕES

Para mais informações sobre o ator, novos lançamentos de livros e sua agenda de palestras e eventos, acesse nossas redes:

Website e Livros

www.janvalellam.org

Youtube

www.youtube.com/janvalellam1

Facebook

www.facebook.com/janvalellam

Programa de Rádio

www.radioatlan.com

Ebooks Amazon

www.amazon.com/author/janvalellam